

REVISTA DOS CRIADORES

ÓRGÃO A SERVIÇO DA PECUÁRIA NACIONAL
JULHO DE 1995 ANO LXV Nº 789 R\$ 5,50
ÓRGÃO OFICIAL DA ABC

MELHORES TOUROS ZEBUINOS DE CORTE

Primeira Bacia Leiteira de Búfalas

Adaptação de bovinos aos trópicos



LUCRE PESADO

BALANÇA ELETRÔNICA PARA PESAR GADO

PESAGEM FÁCIL E RÁPIDA. CONTROLE TOTAL DO REBANHO

Aplicações: pesagem para abate, apartação de manada, programa engorda, seleção de matrizes. Pode pesar também sacarias, sementes, rações, etc.

- Sem gradil. Você instala a balança em bretes existentes em sua fazenda.
- Memória para 4.600 pesagens.
- Registra pesagem e quatro tipos de relatórios em tickets.
- Funciona com bateria própria (recarregável) ou de veículos.
- Rede de Assistência Técnica Toledo.
- Comunica com PC através do software GLINK.

TOLEDO

ALTA TECNOLOGIA EM PESAGEM

LIGUE JÁ. PEÇA FOLHETO OU MAIORES INFORMAÇÕES:

TOLEDO DO BRASIL INDÚSTRIA DE BALANÇAS LTDA

BELEM, PA	TEL (091) 233-4891	FORTALEZA, CE	TEL (085) 231-8726	RIO PRETO, SP	TEL (016) 339-4774
B. HORIZONTE, MG	TEL (031) 462-4888	GOIÂNIA, GO	TEL (062) 261-5791	R. DE JANEIRO, RJ	TEL (021) 509-1111
CAMPINAS, SP	TEL (019) 35-2133	MANAUS, AM	TEL (092) 234-6241	SALVADOR, BA	TEL (071) 339-4774
C. GRANDE, MS	TEL (067) 741-1300	P. ALEGRE, RS	TEL (051) 337-2908	S. J. CAMPOS, SP	TEL (013) 339-4774
CURITIBA, PR	TEL (041) 222-7422	RECIFE, PE	TEL (081) 339-4774	SÃO PAULO, SP	TEL (011) 339-4774

MATRIZ: RUA DO MANIFESTO, 1183 - CEP 04209-901 - SÃO PAULO - SP



Portátil



Capacidade até 2.000 kg.
Pesa até 300 animais/hora.

**TOURO PROVADO
MARCHIGIANA**

GRANDE CAMPEÃO 7 VEZES EXEMPLO DE ITAPEVA

Na Prova de Ganho de Peso da Raça Marchigiana em 94, promovida na USP de Pirassununga, 80% dos animais ELITE são seus filhos. Exemplo gera excelentes produtos tanto PO como no cruzamento industrial, com boa pigmentação, facilidade de parto, nascendo pequeno e com grande desenvolvimento.



28.07.88 - 53 Kg
Outubro/91 - 1.188 Kg

COMP. CORPORAL	1,98 CM	LARG. GARUPA	62,5 CM
ALT. ANTERIOR	1,62 CM	COMP. GARUPA	66,5 CM
ALT. POSTERIOR	1,60 CM	PER. TORÁXICO	2,34 CM
ALT. MÁXIMA	1,65 CM	CIRC. ESCROTAL 50 CM	

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

**PECPLAN
BRADESCO**
INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

FAZENDA CERRADO

I.S.
(011) 247-8888

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna.

Redação: Ruy A. de Bastos Freire Filho

Projetos Especiais: Edilson Pereira da Silva

Paginação: Antonio Augusto Silva

Arte Visual: Luiz A. Penna

Colaboradores: F. Testini, Fidelis Alves Neto, General Diogo Ribeiro, Manoel J. de Alcantara, Antonio Cabrera.

Fotografia: Alfredo Ribeiro

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerente: Luiz de Almeida Penna Filho

Representante Comercial: Charles Alves

Assinatura: 12 edições da Revista. Número atrasado, ao preço da capa da edição em circulação. Publicação Mensal.

ISSN 0034-9259

Departamento de Assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna.

Redação: Av. Dr. José César de Oliveira, 175 - Cep 05317-000 - Tel.: (011) 831.7712 e 831.7966 R. 253 - Fax: 831.7712.

Editoração Eletrônica:

Responsável: Sílvia M. P. de A. Moura

Venda Avulsa: Rio de Janeiro - RJ, Guanabara Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72 - Inhamatã, Londrina - PR, Jornal - Com. Publ. de Jornais e Revistas Ltda., Rua Minas Gerais, 61, Fortaleza - CE, Distribuidora de Jornais e Revistas - R. Maximiliano da Matta Teixeira, 708 - sala 01-05 - Centro - Cep 74.000 Belo Horizonte - MG Agência Van Damme Ltda. Rua Guajajara, 505 - Cep 30160.

Local de Remessa dos Exemplares da RC aos associados da ABC, Departamento Social - Av. José César de Oliveira, 175 - Jaguaré - Cep 05317-000 - São Paulo - SP.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os assinam. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

Nesta Edição

Iniciamos NESTA EDIÇÃO com um artigo do nosso redator e zootecnista Ruy A. de B. Freire Filho, sob o título "Laticínio especializado cria primeira bacia exclusiva de leite de búfalas no país". Para mostrar o potencial leiteiro inexplorado do búfalo o pecuarista vem a anos fazendo o controle oficial da ABC, muitas vezes como o único bubalinocultor. O entrevistado nesta matéria afirma: "meu objetivo era manter uma divulgação oficial da aptidão leiteira do búfalo". A seguir temos a matéria intitulada "Considerações sobre a adaptação dos bovinos ao clima tropical", em que o autor o zootecnista e professor Matheus J. R. Paranhos da Costa, do Dep. de Melhoramento Genético Animal, da F.C.A.V.-UNESP - Jaboticabal, diz: "Apesar dos recentes avanços tecnológicos ainda existem problemas que dificultam a obtenção de bons índices de produtividade quando criamos bovinos em regiões tropicais". Prosseguindo, no capítulo das pastagens, temos a matéria: "Arborização: uma alternativa auxiliar para evitar a degradação de pastagens" da pesquisadora Margarida Carvalho, da EMBRAPA-CNPGL. Ainda sobre pastagens, temos a matéria intitulada: "Setária: forrageira alternativa para a produção de leite a pasto" de autoria do biólogo, MSc Maurílio José Alvim, e do eng. agr., MSc Milton de Andrade Botrel, ambos pesquisadores da EMBRAPA-CNPGL. Em genética temos a matéria intitulada "Pitangueiras- Porque acreditar na raça", do diretor técnico do S.R.G. eng. agr. Alberto Alves Santiago. Ainda em genética da autoria do eng. agr. Rubens Tellechea Clausell temos o artigo "A raça zebuina Sahiwal". Finalizando em genética de autoria do zootecnista Ruy A. de B. Freire Filho, aparece o trabalho: "Dê uma meta de trabalho aos seus touros". Começamos a publicar nesta edição a relação dos melhores touros nacionais de corte das raças zebuínas que é uma condensação do Sumário Nacional de Touros de Corte, divulgado pelo MAARA, EMBRAPA e ABCZ e publicamos a relação de alguns touros das raças: Gir, Guzerá, Indubrasil, Nelore e Tabapuã. Continuaremos com esta divulgação na próxima edição. Para terminar NESTA EDIÇÃO, temos a seção de Notícias e o Indicador Agropecuário COOXUPÉ, juntamente com os resultados de lactações do Serviço de Controle Leiteiro da ABC.

ÍNDICE

3
LATICÍNIO ESPECIALIZADO CRIA PRIMEIRA BACIA EXCLUSIVA DE LEITE DE BÚFALAS NO PAÍS.

7
CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADAPTAÇÃO DOS BOVINOS AO CLIMA TROPICAL

10
PSICOLOGIA APLICADA A BOVINOCULTURA

12
ARBORIZAÇÃO: UMA ALTERNATIVA AUXILIAR PARA EVITAR A DEGRADAÇÃO DE PASTAGENS

14
SETÁRIA: FORRAGEIRA ALTERNATIVA PARA A PRODUÇÃO DE LEITE A PASTO

16
PITANGUEIRAS - PORQUE ACREDITAR NA RAÇA

18
A RAÇA ZEBUINA SAHIWAL

19
DÊ AOS SEUS TOUROS UMA "META DE TRABALHO"

21
MELHORE TOUROS NACIONAIS DE CORTES DAS RAÇAS ZEBUINAS

27
NOTÍCIAS

28
INDICADOR COOXUPÉ

31
RESULTADOS DO SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO DA ABC



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

(Ex- Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958

Registrada no Ministério da Agricultura sob o nº 35, com jurisdição nacional

**69 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES**



DIRETORIA 1995-1998

Presidente
Guilherme Monteiro Junqueira

Vice-Presidente
Rubens Malta de Souza Campos Filho
José Cassiano Gomes dos Reis Junior
Edgardo Hector Perez
José de Castro Rodrigues Netto
Henrique de Souza Dias

Tesoureiro
João Luiz de Freitas Brito

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente
Alberto Chap Chap

Vice-Presidente
Pedro de Camargo Neto

Conselheiros Natos
João de Moraes Barros
José Benício Coutinho Nogueira
Hélio Moreira Sales
Joacim Barros Alcântara Filho
Manoel Epifânio Pereira de Queiroz Filho
Guilherme Monteiro Junqueira

Conselheiros Efetivos
Virgílio de Almeida Penna
General Diogo Branco Ribeiro
Roberto Rodrigues
João Francisco Costa Lima
Manoel José de Alcântara
Francisco José Ribeiro Junqueira
Nelson Luiz Baeta Neves
José Calil
Cláudio Brito Soares
Carlos Alberto Julio Lohmann
Cícero de Toledo Piza Filho
Francisco Jacinto da Silveira
Roberto Cano de Arruda

Suplentes
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Fernando Euler Bueno
Luiz Glycério Gracie de Freitas
Analdia Lima
Fábio Paiva Garcia
Fernando Prado Rennó
João Antonio Camarero
Gil de Souza Ramos
Antonio de Oliveira Pereira
Agrício Cano de Arruda
Luiz Rondon Tebessa de Magalhães

Henrique Lamberli Junior

Conselho Fiscal
Gil de Souza Ramos
Vicente Martins Junior
Arnouldus Hermannus Josef Wippen

CONSELHO TÉCNICO DELIBERATIVO

Presidente
José Calil
Vice-Presidente
Manoel José de Alcântara

Secretário
Antonio Carlos Gouvêa

Conselheiros
Representante do Ministério da Agricultura -
Médico Veterinário - Dr. Vandenei Antunes
Fidelia Alves Neto
Camary Junqueira Dias
Carlos do Amaral Brito
Fernando Prado Rennó
Fernando Gomes de Castro Junior
Guilherme Lange Goulart

COMISSÃO REGIONAL DO RIO DE JANEIRO

Presidente: Custódio Cabral de Almeida
Vice-Presidente: Elder Ribeiro Santos Filho

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Luiz Rondon Tebessa de Magalhães

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rubens Malta de Souza Campos Filho
Edgardo Hector Perez

DEPARTAMENTO DE EVENTOS

Luiz Alberto Moreira Ferreira

CONSELHO EDITORIAL

José Calil

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Carlos da Costa Carrer - Zootecnista

PROVAS ZOOTÉCNICAS

Cláudio Cícero Sabadini - Zootecnista



Laticínio especializado cria primeira bacia exclusiva de leite de búfalas no país

Ruy A. de Bastos Freire Filho
Zootecnista

Com a criação de um laticínio para bubalinos em Sarapuí-SP, o empresário e bubalinocultor Vanderley Bernardes paga melhor pelo leite de búfalo, e juntamente com outros criadores estabelece no Brasil a primeira linha de leite especializada na espécie.

Mostrando o potencial leiteiro do búfalo

O empresário Vanderley Bernardes tem uma antiga paixão pelo leite. Em 1942, ainda com 16 anos, e com um plantel de 30 vacas Gir Leiteiro, ele era registrado como produtor de leite na Secretaria de Agricultura. Sua outra paixão, os búfalos, começou na década de 70, quando começou a desenvolver propriedades adquiridas no Vale do Ribeira. Percebendo o ambiente hostil, ele e outros empresários locais introduziram o criatório de bubalinos na região. Desde o início, fiel a sua paixão pelo leite, ele procurou búfalos com aptidão leiteira. Suas primeiras 13 vacas eram búfalas mediterrâneas com origem no plantel leiteiro importado da Itália pelo senhor Beretta ainda na década de 50, mas ele cruzou com um reprodutor Marrah-raça indiana considerada de grande habilidade leiteira. Mas devido ao pequeno número de pecuaristas que melhoravam búfalos para leite, seu trabalho parecia com o de um excêntrico que queria voltar no tempo. No entanto

quando visitou a Índia, Paquistão e a Itália, o empresário e bubalinocultor Vanderley Bernardes confirmou aquilo que ele sempre soube: que os búfalos são excepcionais produtores de leite. Na Índia e Paquistão, mais da metade do leite consumido nestes países são produzidos por búfalas, e o búfalo é um animal chave na criação de riqueza. Uma posição que contrasta com a situação que o búfalo vive no Brasil, onde além de sub-explorado, o búfalo enfrenta uma série de preconceitos infundados. Por isso Bernardes vem há 13 anos consolidando seu projeto de mostrar ao Brasil que o búfalo pode ser um importante instrumento para gerar riquezas com um baixo custo de investimento. Para mostrar o potencial leiteiro inexplorado da espécie o pecuarista vem há anos fazendo o controle oficial da ABC, muitas vezes como o único bubalinocultor, em seu plantel de búfalas. "Como produtor sempre fiz meus próprios controles mensais particulares, porque além de me auxiliar na administração do plantel, eu fazia seleção genética de meus animais," diz o

pecuarista "meu objetivo com o controle da ABC era manter uma divulgação oficial da aptidão leiteira do búfalo." Mas seus esforços para divulgar o potencial leiteiro dos bubalinos não se limitaram aos controles da ABC. Foi dele a iniciativa para a criação dos diversos Torneios Leiteiros de Búfalo no país, tentando estimular outros produtores de leite de búfalo a fazer controles dentro de normas oficiais. Seu empenho em selecionar e divulgar a produção leiteira em búfalos já deram resultados. Algumas de suas vacas são as recordistas oficiais de produção de leite em búfalo no Brasil, e o seu modelo de trabalho tem adeptos no Maranhão e no Ceará.

Laticínio exclusivo: a valorização do produto

Desde o início Bernardes estava ciente que a produção teria que andar passo a passo com a comercialização. Em geral os laticínios não pagam mais do 25% a mais pelo leite da búfala, que chega a ter mais que o dobro de gordura (o componente nobre do leite) de uma



Wanderley Bernardes e o filho da recordista brasileira, o primeiro fruto de transferência de embriões da América do Sul

vaca bovina. Ele chegou a vender toda sua produção de 600 litros por dia pelo preço do leite C. O bubalinocultor percebeu que o leite de búfalo só seria valorizado, se fosse vendido como produto acabado, principalmente como mozzarella, que na Itália é tradicionalmente feita com leite da búfala. Ainda no Vale do Ribeira, onde ele chegou a ter mais de 1000 animais espalhados em 4 propriedades, começaram suas primeiras tentativas de produzir a mozzarella de búfala. Os primeiros resultados foram desanimadores. O produto não conseguiu obter um padrão e Bernardes suspeitou que as condições do Vale não fossem indicadas para a fabricação do queijo. No início da década de 80, faz um descarte radical de seus animais, sobe a serra e estabelece seu rebanho na fazenda Paineiras do Ingai, sua propriedade em Sarapuí no sudoeste de São Paulo. A partir daí Bernardes começa a disseminar através de um contrato de parceria no qual ele cedia 10 fêmeas prenhes e um reprodutor e recebia depois de um ano as fêmeas de volta prenhes mais 50% dos produtos-seus animais por quatro municípios da região (Sarapuí, Alambari, São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul). Ele já tinha em mente o estabelecimento de uma linha de leite de búfalo. No entanto, ainda não estava achando o "ponto" ideal para a

padronização de sua mozzarella, por isso não sentia segurança para montar seu próprio laticínio e comprar o leite de seus parceiros.

No final da década de 80, em sua visita ao Brasil o criador de búfalos napolitano Salvatore Corso ensinou a Bernardes e outros colegas bubalinocultores, como obter o padrão de qualidade que faltava a mozzarella de búfalo brasileira. Com a técnica na mão, Bernardes se lança no seu projeto mais ambicioso: um laticínio exclusivo para o leite de búfalo.

A parceria integrada

Com seu sistema de parceria em 13 anos Bernardes conseguiu estabelecer mais de 60 criatórios de búfalos em uma região aonde antes ninguém criava o animal. Destes 60 ele escolheu 27 para serem fornecedores em seu laticínio. Para mostrar que com o búfalo seria diferente, seu laticínio paga o dobro do litro do preço do leite C aos fornecedores (hoje 0,44 centavos por litro). Naturalmente que muitos produtores de leite de bovinos estão se candidatando a fazer a parceria e fornecer leite em sua usina. Isto permite a Bernardes o estabelecimento de um critério rígido de seleção de seus parceiros. A grande maioria é composta de pequenos proprietários rurais. "A escolha do parceiro é fundamental para se obter sucesso. Pequenos proprietários favorecem um entrosamento

homem-animal que facilita o entendimento do búfalo," explica o pecuarista "Grandes proprietários não lidam diretamente com o gado, o que muitas vezes dificulta o entendimento de que o búfalo é uma espécie diferente que tem que ter um manejo diferente do bovino." Bernardes é rígido com seus parceiros "Quem usar chicote, pôr cachorros ou gritar esta desqualificado para a parceria. O búfalo é muito suscetível aos maus tratos, mas por outro lado responde muito melhor que o bovino quando tratado de forma adequada," explica o bubalinocultor, que chega a tirar os animais de parceiros inadequados depois de um acerto, no meio do contrato. Outro ponto de exigência de Bernardes é a higiene e sanidade do leite para garantir um queijo de boa qualidade. Além de treinar os parceiros com relação a higiene e desinfecção do úbere, o



Bezerros de leite desmamados com uma média de 180 kg de peso vivo

laticínio controla a qualidade sanitária do leite e mantém um veterinário que a cada 15 dias visita as propriedades com problema. Os fornecedores são ensinados a coletar sangue, dessorar e mandar o soro para análise a cada seis meses no laboratório da usina. Estes são controles necessários porque certas enfermidades, como a leptospirose, são endêmicas nos bovinos da região. "É preciso ir com calma porque muitos produtores não tem condições imediatas de aceitar todas tecnologias de uma só vez," adverte o empresário.

Mas se de um lado é exigente, a compensação a parceria integrada de Bernardes leva assistência técnica e insumos baratos aos fornecedores. "O caminhão de leite é nosso mensageiro diário. Ele traz o leite e os problemas dos produtores, e leva de volta a assistência quando necessário," diz o bubalinocultor. Ele também estimula seus parceiros a fazerem o controle

Quadro 1-COMO COMPARAR BÚFALAS E BOVINAS LEITEIRAS

Para se comparar vacas bovinas com relação a produção de leite e gordura, se utilizam fórmulas que padronizam a produção de leite a 4% de gordura. Isto porque enquanto as vacas holandesas produzem leite com 3,2% de gordura, as zebuínas alcançam 4,5 e a raça Jersey até 6,0% de gordura no leite. As mesmas fórmulas se aplicam quando comparamos bovinas e bubalinas. Hoje fórmulas modernas incluem a fração proteica do leite. Se usarmos a fórmula escandinava de comparação entre vacas bovinas com padronização de gordura e proteína, vejamos como fica a produção leiteira da búfala recordista Andhra do Ingai.

Produção total de leite= 5280 kg

Produção total de gordura= 343,2 (média de 6,5% de gordura no leite)

Produção total de proteína= 211,2 kg (média de 4,0% da proteína no leite)

Fórmula escandinava= $LCPG^1 = 0,22 \text{ leite (kg)} + 7,5 \text{ gordura (kg)} + 15 \text{ proteína (kg)}$

Andhra do Ingai produziu 6903,6 kg de leite corrigidos para proteína e gordura.

*Fonte= "Cattle breeding in Norway", Skjervold, H., 1962

$LCPG^1 = \text{LEITE CORRIGIDO PARA PROTEÍNA E GORDURA}$

BUBALINOCULTURA

A exploração integral do búfalo

A Paineiras da Ingaí funciona como um modelo do que pode ser a bubalinocultura: uma atividade altamente eficiente tanto na produção de leite como na produção de animais precoces para corte. Mas Bernardes está ciente de para firmar o animal no cenário agropecuário nacional, não basta mostrar sua aptidão leiteira, é importante quebrar outros preconceitos. Depois de anos na atividade, o bubalinocultor sabe que os problemas do búfalo não estão na produção e sim na comercialização.

Um dos maiores problemas na comercialização de búfalos de corte é a depreciação que o animal sofre dentro dos frigoríficos que alegam que o couro do búfalo, por ser mais pesado e espesso, diminui o rendimento em carcaça do animal e não tem bom aproveitamento na indústria do curtume. Para desmistificar este preconceito, Bernardes reativou uma selaria em Sarapu, comprou couro verde de búfalo, e depois de curtir, iniciou a produção de vários modelos de selas para montaria. A qualidade do produto é tão boa, que o seleiro dá dois anos de garantia, incluindo os lóros. Além das selas (tipo americano, australiano e gaúcho), eles produzem cintos, buçal marcador e calças para vaqueiros. Paralelamente a selaria começou a confeccionar selas feitas a partir de modelos fornecidos pelos clientes.

Acreditando que diferenciando o produto é uma forma de valorizá-lo, Bernardes pretende iniciar butiques de carne de búfalo, uma idéia que a modelo do que aconteceu no Rio Grande do Sul e no Paraná, pode colocar a carne de búfalo na mesa dos consumidores com maior poder aquisitivo.



O Búfalo como um animal de sela

Mas as demonstrações do potencial do búfalo não param por aí. A exemplo do que viu na Ilha do Marajó e na Ásia, Bernardes amansa búfalos para montaria e tração. Por isso na fazenda Paineiras da Ingaí, búfalos são tocados por vaqueiros montando búfalos. O amestramento começa com o treinamento do animal para monta, quando ele está com aproximadamente 2 anos, e depois ele é treinado para tração. A extraordinária força física do animal e sua

ampla utilização na agricultura asiática lhe renderam o apelido de "trato do Oriente" entre os técnicos da FAP. Bernardes lembra que no Brasil esse potencial do búfalo só é devidamente utilizado no Pará, principalmente na Ilha do Marajó. "Por isso estou preparando 5 animais para uma corrida de búfalos em Curitiba. Na Tailândia corridas de búfalo são tão populares como as de F1" diz Bernardes. "muitos bubalinocultores não aproveitam a facilidade com que o búfalo é treinado para a montaria e tração". As selas usadas serão de couro de búfalo, como seria de se esperar.

Para este paulista de Barretos de 70 anos de idade, enfrentar desafios não é uma novidade. Há 10 anos ele transformou uma instituição de Juquitiba, considerada na cidade uma escola de delinquência, em um orfanato modelo. O pecuarista defende que para tirar o Brasil do ciclo vicioso pobreza-falta de educação, precisamos aproveitar nossos recursos inexplorados. Vanderley Bernardes é um daqueles homens que costumam materializar aquilo em que acredita. Seu trabalho genético está espalhado em vários rebanhos do país, e seu modelo de exploração é encontrado em estados como Ceará e Maranhão. O ceticismo e os preconceitos contra a posição que o búfalo um dia poderia ter na agropecuária brasileira, acabam ao se passar as porteiras da fazenda Paineiras da Ingaí.

EXPOSIÇÕES

GRAND EXPO 95, A XXII EXPOSIÇÃO REGIONAL DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS DE BAURU

A Associação Rural do Centro Oeste - ARCO prepara os últimos detalhes para a Grand Expo 95, a XXII Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados de Bauru, que acontece no período de 11 a 19 de novembro no Recinto Mello Moraes.

A Comissão Organizadora espera a presença de aproximadamente 800 criadores e expositores. Cerca de seis mil animais, entre bovinos, equinos, suínos e ovinos, devem passar pela feira, em julgamentos, provas e leilões. Já estão confirmadas as raças Nelore, Nelore Mocho, Simental, Marchigiana, Santa Gertrudes, Gelbvieh, Limousin e Guzerá, de bovinos, Quarto de Milha e Mangalarga, além do Painthorse (a confirmar) de equinos. Ainda expõe ovinos, suínos e poneis.

A perspectiva da comissão organizadora é de pelo menos equiparar o volume de negócios ao ano passado, que somente

em leilões atingiu em faturamento de US\$ 1,2 milhões. Durante toda a feira, US\$ 3 milhões. Os leilões da Grand Expo 95 serão os seguintes: dia 11, as 14 horas, Nelore Padrão Corte e às 20 horas Leilão Quarto de Milha High Quality; Dia 12 às 14 horas, Leilão de Ovinos de Todas as Raças, e às 14:30h Especial Arco de Gado de Corte; Dia 15, as 14 horas, Leilão Liquidação de Plantel da fazenda Kirlandia; às 17 horas Leilão de Animais para Cruzamento Industrial; Dia 16, às 20 horas Leilão Marchigiana IS; Dia 17, às 20 horas 2º Grand Leilão prenhez de ouro da raça Simental; Dia 18, às 10 horas, 1º Leilão da Granja São Paulo-Suinolândia; às 16 horas 5º Grand Leilão da raça Simental; às 20 horas Leilão de Equinos da raça Mangalarga; Dia 19 às 10 horas, Leilão de poneis e às 14 horas Especial Arco de Gado de Corte.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADAPTAÇÃO DOS BOVINOS AO CLIMA TROPICAL

Mateus J.R. Paranhos da Costa

Departamento de Melhoramento Genético Animal

Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias / UNESP, Jaboticabal-SP

A bioclimatologia, ciência que estuda a adaptação dos animais domésticos ao meio ambiente, é um importante instrumento para reduzir o "stress" dos animais e aumentar a produtividade

Os bovinos foram domesticados, presumivelmente, no ano 6.500 a.C. a partir de duas populações de bovinos selvagens primitivos. Uma população vivia na Europa, o *Bos primigenius primigenius*, e, provavelmente, originou o gado Europeu (*Bos taurus*); a outra, que vivia na Ásia, o *Bos primigenius namadicus*, seria o ancestral do gado Zebu (*Bos indicus*) (Epstein, H & Mason, J.L. in Mason, J.L. (ed.) *Evolution of Domesticated Animals*, Longman, p. 6-27, 1984).

Com o passar do tempo, o homem e os rebanhos foram ocupando novas áreas as quais apresentavam características geo-climáticas muito variáveis. O progresso da civilização e a grande variedade de ambientes moldaram e modificaram o processo de seleção e a formação de muitas populações de bovinos com características distintas, cada qual adaptada às especificidades do ambiente em que vive e aos interesses do homem.

Atualmente existem mais de 500 raças de bovinos vivendo em várias regiões do mundo (Fellus, M. *Genus Bos: Cattle of the world*, Merck & Co., Inc., Rahway (USA), 234 pp, 1985). Apenas algumas delas (de 10 a 20) representam mais de 90% da população bovina, desempenhando um importante papel na economia mundial.

As demais raças são encontradas quase que exclusivamente, em regiões de origem, com importância econômica local. É importante destacar que muitas dessas raças estão hoje sob ameaça de extinção, colocando em risco a conservação de genótipos de grande valor genético.

Devido a essa grande variabilidade de condições ambientais e dos recentes avanços tecnológicos, ainda existem problemas que dificultam a obtenção de bons níveis de produtividade quando criamos bovinos em regiões tropicais.

Esses problemas são decorrentes, principalmente, de duas situações, a saber:

(1) As raças bovinas adaptadas às condições tropicais geralmente apresentam menor atividade metabólica e consequentemente baixos níveis de produtividade, pois o melhoramento genético dessas raças é recente quando comparado com o das raças Europeias selecionadas para a produção de carne e leite. (2) As raças Europeias melho-

produtivas e adaptadas, através do cruzamento entre elas.

Para decidir, com alguma segurança, por uma dessas alternativas é necessário que se conheça bem as relações entre os animais e o meio ambiente, sendo básico definir todas as características envolvidas no processo de adaptação.

Este artigo tem como propósito, enumerar algumas das características morfo-fisiológicas e comportamentais dos bovinos relacionadas com a adaptação ao clima tropical e apresentar, de forma sucinta, uma discussão sobre a importância de cada uma delas.

2. Características morfo-fisiológicas e comportamentais relacionadas com a adaptação.

A adaptabilidade dos bovinos ao clima tropical está associada, principalmente, à tolerância às altas temperaturas e à intensa radiação solar.

A ação desses elementos do clima solar, fundamentalmente, através da superfície corporal dos animais, de forma que as características dessa superfície representam importante papel na absorção e dissipação de calor.

O conjunto das respostas fisiológicas e comportamentais, associado às características morfológicas, é que determinam a eficiência na termorregulação. Sendo também conjunta a ação dos elementos do clima sobre os animais.

As relações entre a ação dos elementos do clima e as respostas de termorregulação são apresentadas, de forma esquemática, na Figura 1.

Discutimos a seguir a participação relativa de algumas das características morfo-fisiológicas e comportamentais dos bovinos no processo de termorregulação.

2.1. Conformação dos animais

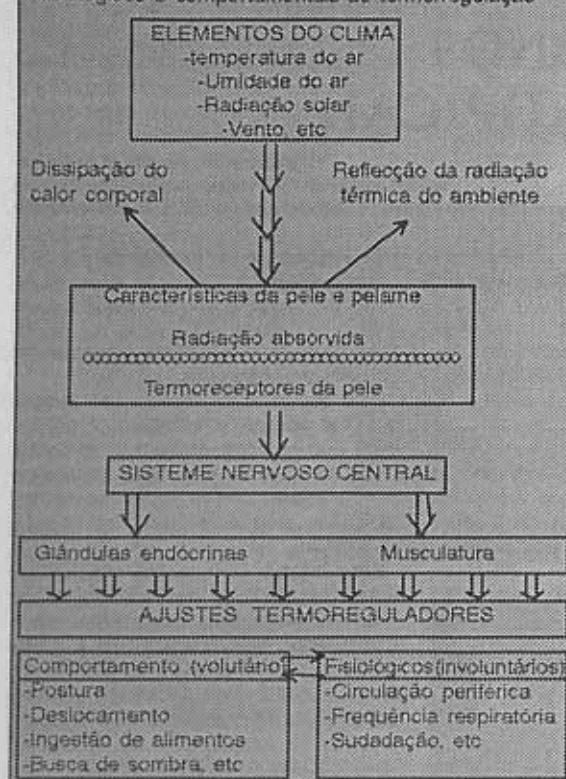
A relação entre a superfície e o volume

APESAR DOS RECENTES AVANÇOS TECNOLÓGICOS AINDA EXISTEM PROBLEMAS QUE DIFICULTAM A OBTENÇÃO DE BONS ÍNDICES DE PRODUTIVIDADE QUANDO CRIAMOS BOVINOS EM REGIÕES TROPICAIS

radas não são adequadamente adaptadas às condições tropicais; assim não estão aptas a apresentar bons níveis de produção nessas condições, uma vez que na criação extensiva encontram dificuldades para eliminar o excesso de calor produzido pelo próprio metabolismo.

Há duas estratégias para superar essas dificuldades. A primeira se refere ao controle ambiental, promovendo a adequação do ambiente para torná-lo apropriado para o bom desempenho de raças não adaptadas. A segunda trata da adoção de programas de melhoramento genético de rebanhos. Tais programas devem ser orientados pelas condições específicas do meio tropical. Para tanto, dispomos das seguintes possibilidades: (1) Seleção de indivíduos mais adaptados dentro das raças mais produtivas; (2) Seleção de indivíduos mais produtivos dentro das raças mais adaptadas; (3) Combinação de raças

Figura 1 - Esquema representativo dos ajustes fisiológicos e comportamentais de termorregulação



corporal é considerada como um fator importante na dissipação de calor. Como sabemos essa dissipação se dá, em grande parte, pela superfície externa dos animais; portanto, podemos supor que, quanto maior a superfície externa em relação ao volume corporal maior será a dissipação de calor, a exemplo do que sucede com o gado Zebu quando comparado ao gado Europeu.

Entretanto, alguns resultados de pesquisa indicaram que a simples relação entre a superfície e o volume corporal não explica, por si só, a maior tolerância ao calor apresentada pelo gado Zebu, que mostrou-se mais tolerante devido, principalmente, às carac-

terísticas funcionais da pele como a cor da pele, cor e comprimento dos pêlos, atividade de glândulas sudoríparas, dentre outras. Sob determinadas condições (quando a temperatura de ar é superior à do corpo do animal) grandes superfícies corporais com características inadequadas podem, inclusive, aumentar a transferência de calor do meio ambiente para o corpo dos animais. Fenômeno muito indesejável no meio tropical.

2.2. Pele e Pêlos

Pele e pêlos atuam conjuntamente nos processos de absorção e dissipação de calor dos animais. Portanto, ambos devem apresentar características que protejam o corpo dos animais da ação dos elementos do clima (particularmente da radiação solar) e que permitam maior eficiência na dissipação do calor corporal.

A conhecida variação na coloração da pele dos animais é controlada geneticamente, resultante de modificações quantitativas de melanina, que é o pigmento que confere cor à pele.

Os animais originários de regiões quentes, geralmente, apresentam maior grau de pigmentação melanínica. Esse pigmento protege os animais da radiação ultravioleta, bastante alta na faixa tropical. De forma que os animais despigmentados são mais susceptíveis às queimaduras provocadas pela radiação solar e, conseqüentemente, aos danos causados por fotossensibilização.

A coloração dos pêlos é também de grande importância. O pelame, que é o conjunto de pêlos que recobre a pele dos animais, deve ser claro (branco, amarelo ou creme), pois reflete mais eficientemente a faixa de radiação solar que produz calor (infravermelho).

É de conhecimento geral que a temperatura de um objeto exposto ao sol depende de sua coloração, ou mais precisamente da quantidade da radiação térmica que ele absorve, por exemplo, uma superfície branca pode absorver 20% da radiação térmica, enquanto uma superfície preta pode absorver até 100% da radiação.

Mas não é só a cor dos pêlos que determina a capacidade de reflexão das ondas térmicas, outras características como o tipo, a grossura e o comprimento dos mesmos também são importantes.

A dissipação de calor, por exemplo, pode ser dificultada quando o animal possui um pelame denso, ou seja, quando houver muitos pêlos por unidade de área. Caso os pêlos sejam longos, finos, mais difícil ainda.

Nos trópicos é desejável que os pêlos sejam claros, grossos, curtos, acanetados e brilhantes, pois estas características facilitam a dissipação e reflexão da radiação.

Em muitos casos, essas características mudam de acordo com as estações do ano. Por exemplo, o pelame de muitos bovinos é mais comprido, ele muda em função da duração do dia (período de luz) ocorrendo no verão a presença de pêlos mais curtos. Essas mudanças são mais evidentes em regiões com estações bem definidas. Outros fatores como nutrição e sanidade também afetam as mudanças de pêlos dos bovinos.

É importante, também nesse caso, analisar o efeito conjunto das características do pelame, na Tabela seguir, são mostradas as alterações de temperatura corporal e na frequência respiratória de quatro raças de bovinos mantidas ao sol por 2 1/2 h, mostrando que a cor e o tipo do pêlo influenciam

Tabela 1 - Alterações na temperatura retal e frequência respiratória de quatro raças de bovinos mantidas ao sol por 2 1/2 horas (Temperatura do ar = 32 °C) em função das características do pelame

Raça	Pêlo	Cor do pêlo	SUPERFÍCIE DO PELAME			APÓS 2 1/2 HORAS	
			comprimento (mm)	reflectância (Kcal m ⁻² h ⁻¹)	temperatura superfície do pelame (°C)	Aumento da temperatura retal	Aumento da frequência respiratória (v/min)
BRAHMAN	LISO	BRANCO	8	240	42	0,2	10
ANGUS	LISO	PRETO	10	60	51	1,1	40
SHORTHORN	CURTO/ÁSPERO	PARDOS	22	130	51	1,5	114

(Fonte: Hafez, ESE Adaptación de los animales domésticos. Editorial Labor, Barcelona, 363 pp, 1973)

as respostas.

2.3. Glândulas sudoríparas

O resfriamento corporal através da evaporação cutânea é um mecanismo bastante eficiente para eliminação do calor corporal. A sudoração pode ser considerada como uma das vias mais importantes de perdas de calor por evaporação, pois através dela os animais sofrem o excesso de calor corporal com menos esforço fisiológico.

Para que esse processo seja efetivo há necessidade da presença de glândulas sudoríparas ativas, que irão proporcionar a evaporação de água na superfície da pele. As glândulas sudoríparas apócrinas, que se caracterizam por eliminar juntamente com a sua secreção fluida o material citoplasmático devido ao rompimento da parede celular; são as glândulas encontradas nos animais domésticos, particularmente nos bovinos.

Elas se situam paralelas aos folículos pilosos, no interior dos quais abrem seus ductos. Portanto, o suor nos bovinos surge na superfície da pele no ponto de saída de uma fibra de pelo. Desta forma, podemos relacionar anatomicamente, nesses animais, as glândulas sudoríparas com os folículos pilosos, sendo que a contagem destes nos dá uma boa estimativa da quantidade de glândulas sudoríparas apócrinas.

De a capacidade sudorípara de um animal é relativamente grande, há necessidade que ele apresente também um pelame ideal que permita a livre circulação de ar sobre a pele, o que possibilitaria uma maior capacidade evaporativa, principalmente se o clima for quente e úmido.

A densidade, estrutura e funções das glândulas sudoríparas da pele, difere entre as raças e de acordo com o grau de adaptação dos bovinos. Por exemplo, o gado Zebu apresenta maior número de glândulas por superfície de pele do que

o gado Europeu. Além disso o gado Zebu, apresenta essas glândulas situadas mais próximas à superfície da pele. O tamanho das glândulas sudoríparas depende da temperatura ambiente, são maiores no inverno que no verão, pois o exercício reduz o seu volume, mas de maneira geral, elas são maiores no gado Zebu do que no Europeu.

2.4. Comportamento termorregulatório

Um dos mecanismos mais efetivos da adaptação é o que se refere ao comportamento. Os animais podem, voluntariamente, adaptar-se às condições inadequadas através de alterações no comportamento, evitando, com isso, maiores esforços fisiológicos.

Para que o comportamento se manifeste, como um mecanismo de adaptação, há ação de um sistema controle bastante complexo, envolvendo sistema nervoso central, hormônios, capacidade locomotora e sensorial, além da capacidade de aprendizagem.

Os bovinos ajustam os comportamentos para facilitar a perda de calor; este fato pode ser observado pelas alterações dos hábitos de pastejo, busca de sombras e ingestão de alimentos e água, que em condições de estresse de calor são sensivelmente modificados promovendo o aumento do pastejo noturno, da ingestão de água, da busca de sombra e a diminuição da ingestão de alimentos e do deslocamento pela pastagem.

A primeira atividade a ser alterada, em bovinos com estresse de calor, é a alimentação, pois com a formação de ácidos graxos voláteis no rumem (pela fermentação dos alimentos) há produção de uma quantidade considerável de calor. Por isto eles diminuem a ingestão de alimentos, andam menos e buscam locais com temperaturas mais amenas e protegidos da radiação solar direta (sombra). A necessidade de dissipação

do excesso de calor corporal resulta, também, em notável perda de água, principalmente pela sudorese, o que leva o animal a aumentar a ingestão de água.

A diminuição na ingestão de alimentos é seletiva, sob estresse de calor a ingestão de volumosos diminui mais intensamente do que a de concentrados. Além disso, a eficiência da conversão dos alimentos em trabalho e produção diminui de forma sensível, pelo que podemos dizer que alimentar um animal mal adaptado a um ambiente quente é antieconômico.

Entretanto, esse quadro comportamental é bastante variável entre raças e entre indivíduos da mesma raça. Os indivíduos mais adaptados apresentam manifestações comportamentais mais sutis, tendo em vista apresentarem características morfo-fisiológicas mais adequadas. O inverso é verdadeiro, ou seja, animais não adaptados apresentam manifestações comportamentais bastante alteradas quando submetidos a um estresse térmico.

Na Tabela 2 apresentamos alguns resultados de observações do comportamento de bovinos das raças Nelore, Angus e Brangus; nota-se que os bovinos da raça Nelore foram os que menos tempo permaneceram à sombra seguidos de perto pelos bovinos da raça Brangus, com os Angus (vermelho e preto) usando a sombra por um tempo muito maior, mostrando a menor capacidade desses animais em resistir a intensa radiação solar. Deve-se destacar que a área de sombra disponível não permitia que todos os animais se abrigassem ao mesmo tempo, causando competição entre os animais por esse recurso.

Em um outro experimento foram realizadas observações sobre o comportamento de busca de sombra por bovinos das raças Nelore, Gir e Caracu, no verão de 1991 em Pirassununga-SP; neste caso 12% da área era coberta por árvores que proporcionavam sombra suficiente para abrigar todos os animais

Tabela 2 - Porcentagem de tempo de permanência ao sol e à sombra e frequência de ingestão de água de bovinos Nelore, Angus (vermelho e preto) e Brangus, em Franca-SP (temperatura do ar média = 25,5 °C e carga térmica radiante média = 166,84 w/m²).

RAÇA	TEMPO À SOMBRA(%)		TEMPO AO SOL(%)		INGESTÃO DE ÁGUA	
	6:00-18:00h	10:00-14:00h	6:00-18:00h	10:00-14:00h	6:00-18:00h	10:00-14:00h
Angus	21,83	42,04	78,17	57,96	4,1	1,3
Red Angus	14,68	29,54	85,32	70,46	5,2	2,3
Brangus	3,71	6,21	96,29	93,79	4,5	3,0
Nelore	1,58	3,71	98,42	96,29	3,3	2,9

ao mesmo tempo. Encontrou-se valores mais expressivos de tempo à sombra, mesmo considerando que eram raças bem adaptadas; a Tabela 3 mostra os valores percentuais do tempo à sombra para cada uma das raças, destacando-se que os animais pastaram durante 41,38 % do tempo em que estiveram à sombra. Este resultado nos permite concluir que, mesmo para raças consideradas adaptadas, é importante que as pastagens disponham de áreas sombreadas que atendam às necessidades de todo o rebanho.

É importante que o ambiente disponha dos recursos necessários para que os animais possam apresentar eficientemente os comportamentos de termorregulação, caso contrário haverá o aumento do estresse, prejudicando ainda mais o desempenho produtivo (reprodução, crescimento, produção de leite, engorda, etc).

3. Considerações finais.

A apresentação e discussão de cada

uma das características adaptativas se fez em separado por uma questão puramente didática. Devemos enfatizar o fato de que elas apresentam uma ação conjunta na manutenção da termorregulação e, portanto, devem ser estudadas e avaliadas sempre de forma integrada.

Alguns dos nossos resultados de pesquisa confirmaram as colocações acima, mostrando que a escolha de indivíduos adaptados ao clima tropical não pode ser feita apenas com a avaliação das características do pelame (comprimento e número de pelos por cm²), indicando que esta escolha deve ser baseada em várias medidas associadas a adaptação dos bovinos ao clima tropical, dentre as quais destacam-se as características de pele e pelame, a capacidade de sudorese e os comportamentos de busca de sombra e de ingestão de água (Fonte: Bobadilla, U; Paranhos da Costa, MJR; Maciel, RA. Avaliação de características relacionadas a adaptação de bovinos da raça Brangus ao clima tropical. *Anais de Etologia*, 12:

145, 1994).

É importante esclarecer, também, que esses estudos podem contribuir significativamente para o sucesso do empreendimento pecuário, uma vez que a utilização desses conhecimentos é fundamental na definição de manejo alimentar e de instalações que possibilitem um desempenho satisfatório dos animais sem aumentar os custos de produção. Consideramos difícil estabelecer proposições nesse sentido sem que se conheça profundamente a biologia dos animais domésticos, e especial as características morfológicas, fisiológicas e comportamentais relacionadas com a adaptação dos bovinos às pastagens tropicais. Neste sentido, as pesquisas desenvolvidas em pesquisas junto ao Laboratório de Bioclimatologia da FCAV/UNESP, as informações podem ser obtidas no seguinte endereço: Depto. Melhoramento Genético Animal, FCAV/UNESP, 14870-000, Jaboticabal-SP, Fone: (016) 3332500 - Fax: (016) 3322475 e-mail: FCAV@JAB000.UESP.ANSP.BR

Tabela 3 - Porcentagem do tempo de permanência à sombra e amplitude da variação individual do tempo à sombra (valores médios, mínimos e máximos) para bovinos das raças Nelore, Gir e Caracu, em Pirassununga-SP.

Raças	n	%	média(mm)	Variação individual(min)	
				mínimo	máximo
Nelore	36	19,12	137,63 6,66	96,67	207,00
Gir	42	28,28	203,81 8,59	143,87	232,00
Caracu	60	23,22	167,19 7,96	93,33	263,67

(Fonte: Paranhos da Costa, MJR; Albuquerque, LG; Souza, RC. Shading behaviour of three beef cattle breeds during the summer in the south of Brazil. In: International Ethological Conference, XXIII, Torremolinos -Spain, *Proceedings...*, p 314, 1993.)

COMPORTAMENTO ANIMAL

PSICOLOGIA APLICADA A BOVINOCULTURA

Ruy A. de Bastos Freire Filho
Zootecnista

Americanos e europeus descobriram que entender a "psicologia" dos animais é uma prática que além de agradar os defensores dos direitos dos animais, pode aumentar os lucros. Pesquisadores da Universidade do Colorado dão dicas de como uma atitude correta dos tratadores ao trabalhar com o gado no curral, pode poupar tempo (economizando mão-de-obra) e aumentar a eficiência da inseminação artificial.

Os americanos costumam separar os criadores de gado em dois grupos: os "cow-boys" e os "cow-men". O primeiro grupo, como o nome já define, é aquele tem uma atitude

mais "infantil" na lida do gado, e é reconhecido em um dia de lida pela correria (de gado e gente) e gritaria no curral. Os membros do segundo grupo já tem uma atitude mais "madura", e ao

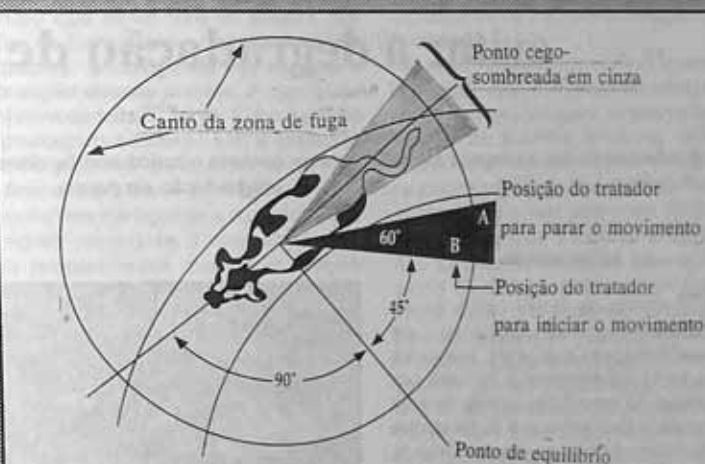
invés de correr atrás do gado, ele prefere "convencer" o rebanho a cooperar, um manejo mais harmonioso, sem nem gado nem vaqueiros se machucarem um com o outro.

Em nenhuma outra atividade de manejo com o gado a diferença de manejo mais marcante do que na inseminação artificial. Uma vaca inseminada em condições estressantes (condições de-regra provocadas por tratadores do grupo cow-boy), tem grandes probabilidades de estar "aberta" 60 dias após a primeira inseminação. O stress tende a dificultar a operação da inseminação propriamente dita, reduz a habilidade do organismo de enfrentar doenças e afetar a reprodução. Segundo a pesquisadora Temple Gradin, da Universidade do Colorado, a combinação de

ENTENDENDO A "ZONA DE FUGA"

Entender a zona de fuga é uma das chaves para um manejo tranquilo. A zona de fuga da vaca é um espaço pessoal. Quando se penetra na zona de fuga os animais vão se mexer, e quando você sai da zona de fuga os animais param de se mexer. O tamanho da zona de fuga é determinado por uma série de fatores, como o temperamento do animal, e o ângulo de aproximação do tratador. A zona de fuga vai ser maior se o tratador se aproxima pela cabeça do animal, e vai se tornar menor quando o animal está confinado dentro do tronco. Uma barreira entre o tratador e o gado reduz a distância de fuga.

Uma vaca passando pelo tratador vai ter uma zona de fuga menor do que uma vaca vindo em direção ao tratador. Se a vaca fica agitada, a zona de fuga aumenta. O gado pode ser facilmente manejado se trabalhado no canto da zona de fuga. O tratador deve estar o suficientemente próximo do animal para forçá-lo a se mexer, mas não tão próximo que cause pânico no animal e o faça fugir. Se o gado começa a mexer muito rápido, você deve sair da "zona de fuga".



Quando o gado é trabalhado em um espaço fechado, como um corredor ou serra, deve-se tomar muito cuidado para não invadir profundamente a "zona de fuga". Isto pode levar a pânico, cercas puladas, e o gado se voltando contra os tratadores. Se o gado nos corredores começa a se virar, você deve voltar e sair da "zona de fuga", nove em cada dez vezes isto é o suficiente para tranquilizar os animais.

1) Entendendo o mundo pela ótica bovina

Segundo a doutora Gradin, os bovinos têm um ângulo de visão muito amplo, e sem ser necessário virarem suas cabeças, podem ver os tratadores se mexendo atrás deles. No entanto, a invasão de um pequeno ponto-cego atrás de seus posteriores, vai provocar que os bovinos se virem para olhar o tratador o que é em geral exatamente o contrário daquilo que os tratadores estão tentando conseguir quando estão tocando o gado para o tronco ou para um brete. Os bovinos tem uma má percepção de profundidade quando estão andando com suas cabeças levantadas. Para perceber a profundidade, as vacas tem que parar com suas cabeças para baixo, e é por isso que elas empacam quando vêm sombras e objetos estranhos no chão. Uma simples sombra pode levar a "líder do pelotão" a empacar e se recusar a atravessar o ponto aonde a sombra cai. Se suas vacas estiverem resistindo entrar no tronco, verifique se a sombra da instalação, sua ou de um dos peões não está caindo dentro da entrada. Um raio brilhante de sol, reflexões de um para-choque de carro, ou um casaco esvoaçante vão causar a mesma reação.

Ao caminhar por seus currais, troncos e bretes tente olhar para as instalações

como seu gado. Se você tiver a impressão de que está indo para um beco sem saída ou tem que fazer voltas acentuadas para entrar no tronco ou nos bretes, provavelmente você vai perder muito mais tempo do que devia ao trabalhar com seus animais. As cancelas divisórias dos troncos devem ser feitas de forma a permitir que seus animais enxerguem através (tipo garfo), caso contrário certamente eles irão empacar, principalmente na junção do tronco com o brete. Já a seringa deve ser inteira para evitar que os animais enxerguem através e queiram retornar para seus companheiros de rebanho. As cancelas do brete de palpação também devem ser inteiras, para que a vaca não veja a pessoa esperando no brete.

Os problemas com o gado refugando vem em "ondas", quando uma vaca empaca, as outras não tardam em seguir o exemplo. A pesquisadora Gradin adverte que uma vaca não deve ser cutucada enquanto não tiver um lugar certo para ir. É melhor esperar que a cancela do tronco se abra antes de cutucar o próximo animal. As vacas liberam o "cheiro de medo", uma substância secretada quando os animais estão agitados que é detectado pelas outras vacas, aumentando ainda mais

os seus problemas.

2) Velhos hábitos são duros de acabar

Para se conseguir o controle completo de um manejo tranquilo, é preciso quebrar velhos hábitos. O primeiro hábito a ser quebrado é o dos gritos, das chicotadas e das correrias. Vai tomar tempo e paciência, mas seu gado vai se tornar mais fácil de ser manejado. O segundo mau hábito a ser descartado é a perseguição correndo atrás dos animais como um predador. Se você se posicionar atrás de uma vaca você está se colocando no seu ponto cego, forçando-a a se voltar para poder vê-lo ou a fugir. Os movimentos do gado devem estar sobre seu controle e com passos lentos. Se concentre nas "líderes do pelotão", e as outras vão seguir sem empacar.

A pesquisadora da Universidade do Colorado sugere que os tratadores dispensem algum tempo "manejaando" o gado fora do tempo que ele é manejado no curral e na alimentação. Logo os animais se acostumarão melhor a presença dos tratadores, a pé ou a cavalo, e vai reagir mais tranquilamente na próxima vez que for manejado, e certamente se obterão melhores índices na Inseminação Artificial.

ARBORIZAÇÃO: uma alternativa auxiliar para evitar a degradação de pastagens

Margarete C. D.
 Pesquisadora da EMBRAPA

A arborização das pastagens além de propiciar conforto térmico aos bovinos, preserva a fertilidade do solo e controla a degradação do pasto

1. Introdução

Existem no Brasil cerca de 74 milhões de hectares de pastagens cultivadas, das quais uma parte considerável é formada por espécies de braquiária, principalmente *Brachiária decumbens* e *B. brizantha* cv Marandu. Estima-se que pelo menos 50% dessas pastagens estão sob diferentes graus de degradação.

O processo de degradação das pastagens, normalmente, começa com redução na produção e qualidade da forragem, e prossegue com o aparecimento de invasoras e de áreas de solo descoberto, o que pode facilitar perdas de solo, de água e de resíduos vegetais por causa da erosão. Portanto, a degradação das pastagens é uma condição que, além de causar redução na produção animal e consequentemente na rentabilidade das propriedades rurais, acarreta também prejuízos para o meio ambiente e para infra-estruturas municipais, como estradas, pontes e cursos d'água.

IMPORTÂNCIA DA COBERTURA VEGETAL DO SOLO

A importância de uma boa cobertura do em pastagens pode ser avaliada quando dela dependem:

- a preservação e melhoramento da fertilidade do solo;
- o controle das perdas de solo por erosão;
- a redução na compactação do solo por efeito do pisoteio;
- o uso mais eficiente da umidade disponível; e
- a garantia de boa produção de forragem.

Solos com cobertura vegetal pobre perdem gradativamente sua fertilidade natural, principalmente por efeito da erosão. Em pastagens bem formadas e em boa condição de manejo, a cobertura vegetal permite a adição de quantidade considerável de biomassa proveniente da parte aérea e das raízes das forrageiras. Essa biomassa poderá enriquecer o solo, ou pelo menos contribuir para manter a



sua fertilidade a longo prazo.

Uma boa cobertura vegetal do solo, em pastagens, contribui ainda para diminuir a compactação pelo pisoteio do gado. O pisoteio por bovinos adultos pode exercer grande efeito de compressão sobre o solo, porém, esse efeito somente será acentuado em solo descoberto ou com fraca cobertura vegetal. Além disso, a compactação do solo pelo pisoteio dependerá ainda da carga animal e do hábito de crescimento da gramíneas, entre outros fatores. Carga animal elevada e gramíneas cespitosas (que formam touceiras) representam maiores chances de compactação do solo; no entanto, um bom manejo, que favoreça vasto desenvolvimento do sistema radicular e a presença de suficiente quantidade de resíduo vegetal sobre solo, poderá evitar a compactação do solo em níveis preocupantes.

Outra consequência importante de uma adequada cobertura do solo é o melhor aproveitamento da umidade disponível, em decorrência de maior infiltração da água da chuva ou ausência de evaporação diretamente da superfície do solo.

Todas essas vantagens concorrem para aumentar ou manter a produção de

forragem nas pastagens.

POR QUE AS PASTAGENS FICAM DEGRADADAS?

Várias causas contribuem para a redução da produtividade das pastagens, incluindo a redução da cobertura vegetal do solo. As mais comuns são o superpastejo, ou seja, carga animal excessiva, redução na fertilidade do solo e ocorrência de pragas e/ou doenças.

A redução na fertilidade do solo é uma das causas mais importantes da degradação das pastagens. Na maioria das vezes, pastagens cultivadas são formadas em solos ácidos de baixa fertilidade natural, havendo necessidade de aplicação de fertilizantes, principalmente fosfatados, e, dependendo das condições, a aplicação de outros nutrientes, como potássio (K), enxofre e nitrogênio (N), nem sempre é necessária na fase de estabelecimento. Um exemplo disso é o plantio de forrageiras cultivadas em áreas de pastagens naturais, onde o resíduo orgânico se acumula, melhorando a fertilidade do solo.

As operações de cultivo do solo para o plantio das forrageiras, juntamente com as mudanças climáticas no início do período chuvoso, concorrem para liberar nutrientes, principalmente nitrogênio, em quantidade muitas vezes suficiente para garantir o estabelecimento da pastagem. Pesquisas realizadas no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite da EMBRAPA, indicaram que a formação de pastagens cultivadas em áreas de apim-gordura, gramínea naturalizada na Região Sudeste, dispensa a aplicação de nitrogênio no plantio, devido a produção desse elemento a partir do húmus orgânico acumulado no solo pela gramínea. No entanto, após a fase de estabelecimento, a manutenção da produtividade das pastagens cultivadas depende de uma fonte de nitrogênio e, algumas vezes, de outros nutrientes. Em áreas de pastagens extensivas, difíceis para produtores usam fertilizantes nitrogenados, cuja aplicação é reservada para áreas menores, formadas com gramíneas com alto potencial de produção de forragem. A deficiência de nitrogênio, aliada a outras causas, é responsável pela cor amarelada de muitas pastagens de braquiária, ponto de partida para a redução na produção de forragem e na cobertura vegetal do solo.

ÁRVORES PODEM FORNECER NITROGÊNIO E OUTROS NUTRIENTES AS PASTAGENS

As árvores presentes em pastagens exercem várias funções importantes que podem resultar em benefícios para os animais e para o meio ambiente. Os animais se beneficiam com o conforto da sombra e com a proteção que as árvores podem oferecer. Os benefícios sobre o meio ambiente se refletem sobre a conservação e enriquecimento do solo, a conservação da cobertura vegetal e da fauna, entre outros.

A conservação do solo decorre principalmente do controle de erosão, mas também as árvores podem contribuir com nitrogênio e outros nutrientes, que as pastagens significam a possibilidade de melhor cobertura do solo e maior

disponibilidade de forragem. As árvores podem aproveitar nutrientes de camadas do solo que estão fora do alcance das raízes de forrageiras e de outras plantas herbáceas, e coloca-los em seguida a disposição dessas plantas. A deposição gradativa de folhas, flores, frutos e galhos na pastagem existente sob a copa das árvores poderá enriquecer a matéria orgânica do solo e beneficiar o crescimento das forrageiras e a qualidade da forragem produzida. Esses efeitos são mais pronunciados quando as árvores são leguminosas, fixadoras de nitrogênio do ar atmosférico. As folhas das leguminosas arbóreas que tem a capacidade de fixar o nitrogênio apresentam concentrações desse elemento mais altas do que as folhas das outras espécies que não fixam nitrogênio.

No Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite - EMBRAPA, foi feito um estudo para examinar o efeito de árvores isoladas de espécies nativas, existentes em pastagens de *B. decumbens* e de *B. brizantha*, sobre a disponibilidade e composição mineral da forragem e sobre a quantidade de material vegetal acumulado sobre o solo (littera). As espécies de árvores foram: angico-vermelho (*Anadenanthera macrocarpa*), angico-branco (*Anadenanthera colubrina*), jacarandá-branco (*Platypodium elegans*), monjoleiro (*Acacia polyphylla*) e vinhático (*Plathymenia foliolosa*), entre outras. Nesse estudo, houve pouca influência das árvores sobre disponibilidade de forragem, mas as porcentagens de nitrogênio e de potássio (K) nas folhas dessas gramíneas foram sempre mais altas naquelas coletadas sob a copa das árvores do que fora.

Além disso, pastagem de *Brachiaria decumbens*, a quantidade de littera acumulada sobre o solo foi 112% maior sob a copa das árvores do que fora. Nas duas pastagens, a littera coletada sob as copas das árvores apresentou-se também mais rica em N e em K.

Condições para se obter os benefícios esperados das árvores

Para se obter os benefícios esperados das árvores sobre a disponibilidade e qualidade da forragem, algumas condições devem ser atendidas.

Em primeiro lugar é necessário que as espécies de forrageira usadas sejam tolerantes ao sombreamento. A experiência obtida no CNPGL, confirmada por informações de outras regiões e de outros países, indica que espécies de braquiárias, como *B. decumbens* e *B. brizantha* estão entre as gramíneas tropicais mais

tolerantes ao sombreamento. Contudo, é necessário também que o nível de sombreamento imposto a pastagem seja moderado.

O nível moderado de sombreamento é obtido por meio de densidade adequada de árvores na pastagem, a qual varia em função da espécie arbórea, isto é, espécies com copas mais frondosas requerem espaçamentos maiores do que espécies com copas pequenas. Além do tamanho da copa, é importante também que as árvores utilizadas para arborização de pastagem apresentem tronco alto e copa pouco densa, de modo a permitir o máximo possível de intercepção de luz pela pastagem.

Outra condição importante é que a disponibilidade de nitrogênio no solo seja baixa. Tem sido observado que os benefícios das árvores sobre a produção das forrageiras que crescem sob a influência da sua copa é maior em solos deficientes em nitrogênio do que nos férteis. De fato, em pastagens manejadas intensivamente, com aplicação de fertilizantes nitrogenados, a associação com árvores não é recomendada, porque, nesses casos, a redução na luminosidade poderia prejudicar a resposta das gramíneas ao nitrogênio aplicado.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Se diversas espécies arbóreas apresentam a capacidade de proteger o solo contra a erosão e além disso adicionar nutrientes ao sistema, a sua presença em pastagens cultivadas, principalmente naquelas formadas em solos de baixa fertilidade natural, deve contribuir para manter uma boa cobertura vegetal e favorecer a produção das pastagens a longo prazo, evitando dessa forma a sua degradação.

Brachiaria decumbens - folhas verdes		
	Sob a copa	Fora da copa
N%	2,00	1,58
K%	2,16	1,80
Brachiaria Brizantha - folhas verdes		
	Sob a copa	Fora da copa
N%	1,82	1,20
K%	2,28	1,51


NELORE LEMGRUBER


Mais de 100 anos de Seleção a Pasto

Faz. Mundo Novo
Cidade Maracá

Fones: SP (011) 831.8122 R 148
Brotas (0140) 53.1515

SETÁRIA: FORRAGEIRA ALTERNATIVA PARA PRODUÇÃO DE LEITE A PASTO

Maurílio José Alvim, Biólogo
Milton de Andrade Botrel, Eng. Agrônomo
EMBRAPA - C

O capim-setária, um gramínea ainda pouco disseminada em nosso país vem se destacando como uma forrageira promissora para a produção de leite, tanto em pastagens exclusivas do capim, quando associada à forrageira inverno azevém.

INTRODUÇÃO

A alimentação animal é o principal componente dos custos da exploração leiteira. Em sistemas onde a dieta animal é basicamente o pasto, a alimentação é de custos mais baixos do que em sistemas os quais são baseados em forragens conservadas e concentrados.

No Brasil, predominam os sistemas de produção de leite menos intensivos, nos quais a produtividade média de leite está abaixo das obtidas em outros países, como Austrália, Nova Zelândia e Porto Rico, onde predominam pastagens constituídas por forrageiras de potencial elevado, usadas de forma adequada. Portanto, é possível elevar a produção de leite no país, sem a necessidade de tornar a propriedade leiteira excessivamente dependente de forragens conservadas e de concentrados.

O capim-setária (*Setária sphacelata*) se adapta a diferentes condições edafoclimáticas, destacando-se pelo seu potencial de produção, inclusive durante a seca e/ou frio, e, dependendo da forma

de utilização, a forragem produzida é de boa qualidade. Essa espécie adapta-se a solos sujeitos ao encharcamento temporário, condições essas que, nas chuvas, prevalecem nas áreas de baixada das regiões Sudeste e Sul do País. Além disso, é resistente à cigarrinha das pastagens.

No Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, foram realizadas pesquisas que tiveram como objetivo avaliar o potencial forrageiro do capim-setária, tanto em condições de corte, como sob pastejo, definindo-se o seu potencial de produção de forragem e práticas para o seu estabelecimento e formas de utilização. As informações que se seguem são baseadas nos resultados dessas pesquisas.

ESTABELECIMENTO

A setária pode ser estabelecida através do plantio por mudas ou sementes. Através de mudas, recomenda-se a realização do plantio em dias chuvosos. Através de sementes, pode-se realizar o plantio a lanço, manual ou

por meio de semeadeira, com a incorporação das sementes ao solo após a semeadura ocorrerem chuvas ou irrigações, torna-se desnecessária a incorporação das sementes ao solo. Para usada baixa densidade de semeadura é preciso fazer o plantio em sulcos de 4 a 5 cm de profundidade, adotando o menor espaçamento possível.

A adubação fosfatada é, quase sempre, indispensável para o estabelecimento da setária e deve ser realizada no momento do plantio, cuja dose dependerá do nível do fósforo já existente no solo. As adubações nitrogenada e potássica a serem realizadas sob cobertura, após a germinação das sementes, também são necessárias, pois, permitem aumentar a capacidade de competição dessa forrageira com plantas invasoras.

PRODUÇÃO DE FORRAGEM E TEOR DE PROTEÍNA BRUTA

A setária, quando for bem manejada, pode produzir grandes quantidades de forragem, com boa distribuição ao



Outra vantagem do capim-setária é a sua resistência às condições exclusivas de pastagens de setária, podendo produzir forragem com teor de proteína bruta superior a 10% e vacas, com a taxa de lotação sendo de 2,0 vacas por hectare.

do ano. No QUADRO 1, verifica-se que a adubação e a irrigação realizadas durante o inverno fazem com que a produção anual de forragem das três principais cultivares dessa espécie seja elevada, com pouca diferença entre as produções do inverno e verão. Pode-se observar, também, que o teor de proteína bruta foi mantido em níveis elevados durante o inverno e o verão. A adubação e a irrigação em pastagem dessa forrageira dependerá dos resultados das análises de solo, que devem ser feitas anualmente.

PRODUÇÃO DE LEITE

Durante o verão, mantendo-se vacas mestiças em condições exclusivas de pastagem de setária, pode-se obter produções médias de leite ao redor de 10 kg/vaca/dia, com a taxa de lotação sendo de, aproximadamente, 3,0 vacas/ha. Assim, a produção de leite pode alcançar valores médios de 30 kg/ha/dia. Com o pastejo contínuo e mantendo-se a pastagem com disponibilidade de forragem variando de 1800 a 2800 kg de matéria seca/ha, a dieta selecionada pelas vacas durante o verão pode apresentar teor de proteína bruta próximo de 14 %, com digestibilidade entre 65 e 66%.

Durante o inverno, se a pastagem de setária for irrigada, a produção de leite não difere acentuadamente da produção do verão, podendo atingir níveis ao redor de 9,0 kg/vaca/dia, com lotação na pastagem de 2,5 vacas/ha. Quando se associam pastagens de capim-setária irrigada com pastagens de forrageiras de inverno (azevém), também irrigado, a

produção de leite alcança 12 kg/vaca/dia. Com essa combinação, mas sem irrigação da pastagem de capim-setária a produção média de leite alcança valores ao redor de 11,0 kg/vaca/dia. Esse aumento na produção de leite está condicionado à melhor qualidade da pastagem de azevém. Enquanto a dieta selecionada pelos animais na pastagem de setária apresenta cerca de 13 a 14 % de proteína bruta e 57 a 58 % de digestibilidade, na pastagem de azevém, apresenta cerca de 24,0 % de proteína bruta e 73,5 % de digestibilidade.

Deve-se considerar que, a combinação setária-azevém consistiu no acesso diário dos animais à pastagem de azevém durante cerca de duas a três horas, permanecendo os mesmos na pastagem de capim-setária durante o restante do tempo. Nessas condições, a área de pastagem de azevém pode ser de, aproximadamente, 30% da área de pastagem de capim-setária. Deve-se considerar, ainda, que tanto no verão como no inverno, os animais não receberam suplementação volumosa e concentrados, sendo a pastagem a única fonte de alimento das vacas.

O azevém (*Lolium multiflorum*) é uma forrageira anual de inverno, cujo ciclo vegetativo corresponde ao período de abril a outubro. Diante disso, a área dessa pastagem fica disponível para as culturas de verão. Neste caso, a área da pastagem de azevém foi cultivada no período do verão com arroz, cuja produção foi de 3480 e 3600 kg/ha, respectivamente para as situações de pastejo em setária não irrigada + azevém e

QUADRO 2 - Capacidade de suporte, produção de leite e qualidade (teores de proteína bruta e de digestibilidade) da dieta selecionada por vacas mestiças leiteiras, mantidas em pastagens exclusivas de setária ou de setária mais azevém

	PASTAGENS			
	Verão Setária Não Irrigada	Setária Irrigada	Inverno Setária Irrigada + Azevém	Setária + Azevém
PRODUÇÃO DE LEITE kg/vaca/dia	10,0	8,7	10,8	12,0
kg/ha/dia	30,0	21,7	24,8	27,6
kg/ha/155 dias	-	3363,5	3844,0	4278,0
kg/ha/210 dias	6300,0	-	-	-
CAPACIDADE SUPORTE Vacas/ha	3,0	2,5	2,3	2,9
DIETA SELECIONADA Proteína bruta, %				
Setária	13,6	13,1	12,9	13,2
Azevém	-	-	23,9	24,3
DIGESTIBILIDADE, %				
Setária	65,5	66,9	57,4	58,0
Azevém	-	-	73,4	73,8

setária irrigada + azevém, durante o inverno. No QUADRO 2, encontram-se outras informações complementares.

CONCLUSÕES

Para o nível de produção de leite ao redor de 8 a 10 kg/vaca/dia, pastagem de setária é alternativa para alimentar vacas mestiças leiteiras, sem necessidade de suplementá-las com forragens conservadas e concentrados. Havendo combinação entre pastagens de setária e outra de qualidade mais elevada, como de azevém, a produção de leite será aumentada.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- M. de A. Adubação NPK para estabelecimento da setária em área de várzea. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, v.27, n.1, p.79-85, 1992-3.
- ALVIM, M.J.; BOTREL, M. de A.; NOVELLY, P.E. Produção de gramíneas tropicais e temperadas, irrigadas na época da seca. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, MG, v.15, n.5, p.384-390, 1986.
- ALVIM, M.J.; BOTREL, M. de A.; FREITAS, V. de F. Métodos de estabelecimento da setária em área de várzea. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, v.27, n.1, p.197-203, 1992-3.
- ALVIM, M.J.; MARTINS, C.E.; BOTREL, M. de A.; FREITAS, V. de F. Efeito da disponibilidade de forragem em pastagem de capim-setária (*Setaria sphacelata* (L.) Buzungula), sobre a produção de leite, durante a época das chuvas. *Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia*, Viçosa, v.23, n.3, p.380-386, 1993-4.
- ALVIM, M.J.; MARTINS, C.E.; BOTREL, M. de A.; SALVATI, J.A.; JACOB, M.A.M. Efeito da irrigação e da integração entre pastagens de setária e de azevém, anual sobre a produção de leite. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, DF, v.28, n.4, p.545-554, 1993-5.

QUADRO 1 - Produção anual e distribuição de matéria seca do capim-setária nos períodos do inverno e o verão e teor de proteína bruta

	Verão A	Inverno (A)	Anual (B)	B
Produção de Matéria Seca - kg/ha				
<i>Setaria sphacelata</i>				
cv. Nandi	11.060	8.180	19.250	42,5
cv. Mazungula	11.645	7.415	19.060	38,9
cv. Nairók	12.920	7.030	19.950	35,2
Teor de Proteína Bruta				
<i>Setaria sphacelata</i>				
cv. Nandi	11,3	10,3		
cv. Mazungula	10,9	9,4		
cv. Nairók	11,2	10,0		
Azevém				
Produção anual				
Porcentagem de matéria seca produzida no inverno				

PITANGUEIRAS

PORQUE ACREDITAR NA RAÇA

Alberto Alves S.
Diretor Técnico e Superintendente do

Desenvolvida no Brasil, a raça de dupla aptidão Pitangueiras consitui exelente opção para quem quer entrar na pecuária

A primeira preocupação de um produtor rural, voltado para a pecuária, é a escolha de uma raça que atenda a sua região, a finalidade econômica, as características do mercado e, sobretudo, o sistema a ser adotado na propriedade. A análise desses fatores permitirá escolher com mais segurança e possibilidade de sucesso a variedade bovina mais adequada ao seu empreendimento.

As produções de carne e leite nos países e regiões situadas na faixa intertropical constituem um desafio a criadores, técnicos e instituições de pesquisa e fomento.

A formação, a seleção e o aperfeiçoamento da maioria das raças ocorreram em países de clima temperado da Europa. O desenvolvimento sócio-econômico e científico, aliado às condições climáticas, contribuíram para a formação das grandes raças. Situação diversa apresentam os países situados entre os trópicos de Cancer e Capricórnio, dotados de clima quentes e úmidos, ou então semi-áridos, com menor desenvolvimento social, menos cultura, e sofrendo os inconvenientes das temperaturas médias anuais elevadas que favorecem os agentes morbidos. E, comumente, os recursos alimentares são escassos ou de má qualidade.

O povoamento do Brasil no campo da

pecuária foi realizado, no passado, com as raças trazidas da Península Ibérica, pouco melhoradas, que deram origem às raças denominadas impropriamente de nativas ou crioulas, adaptadas ao novo ambiente, mas sem o potencial genético necessário para uma produção satisfatória.

O contingente introduzido posteriormente, constituído de raças especializadas, sofreu longo e penoso processo de adaptação, mas a custa de sua capacidade produtiva, da fertilidade, da precocidade e de outras características desejáveis. Somente nas últimas décadas, as raças finas da Europa vieram encontrar melhores condições de meio, em consequência do desenvolvimento do País e resultante do progresso na assistência sanitária, no combate às zoonoses e, sobretudo, na existência de maiores e melhores recursos alimentares, com a formação de boas pastagens, de novas variedades de gramíneas e leguminosas e dispondo de sub-produtos da indústria de alimentos.

Naturalmente o desenvolvimento da pecuária do Brasil se faz sentir com a formação de novas raças bovinas, mais adequadas as nossas condições de clima, solo, pastagens, e, sobretudo, do sistema de manejo do gado, predominantemente em regime extensivo.

Na pecuária leiteira surgiu a Pitangueiras, a primeira oficialmente reconhecida pelo Ministério da Agricultura, através de Portaria de 1976, em virtude das suas características etnicas, da uniformidade e do volume do rebanho, além de sua capacidade de produção de leite e carne.

CARACTERÍSTICAS

O gado Pitangueiras se caracteriza pela pelagem vermelha, uniforme, com pequenas variações de tom, podendo ir do vermelho escuro ao vermelho claro. São permitidas pequenas manchas brancas na região do ventre e área sombreada; a cabeça costuma ser mescla, isto é, entre o branco e o vermelho. Uma característica típica é a ausência de chifres sendo, portanto, geneticamente mocha, isto é, nasce e se mantém sem chifres; não é, portanto, animal cornado ou amochado, embora atualmente, mesmo nos rebanhos possam surgir exemplares com rudimentares ou normais.

A conformação pode variar um pouco, mas normalmente o Pitangueiras apresenta aspecto comum às raças com predominância da função leiteira. Em alguns rebanhos o tipo leiteiro é acentuado, enquanto em outros



A raça Pitangueiras foi formada para ser criada e mantida em regime de campo, sistema que prevalece em grande parte do País. Apresenta notável uniformidade

criadores estão selecionando para a produção de carne, colocando o leite em segundo plano. Mas a tendência é para a fixação de uma raça leiteira tropical, de produção média, sem pretensões para concorrer com a Jersey, a Holandesa ou a Parda-Suiça, altamente selecionadas para a aptidão lactífera. Mas, por isso, são mais exigentes quanto ao trato, alimentação e cuidados de ordem sanitária. A Pitangueira é o tipo de gado ideal para o regime de campo, predominantemente em vastas áreas de nosso País. O período de gestação é, em média, de 283 dias, dando origem a bezerros com peso médio de 34 kg para os machos e 32 para as fêmeas; aos 12 meses estão com 220 kg e 205 kg, respectivamente, nos plantéis bem manejados, com boas pastagens. Aos 24 meses as novilhas podem entrar na reprodução. Aos 33 meses os novilhos podem ir para o abate com peso ao redor de 430/450 kg, dando carcaças de 210 a 250 kg, com rendimento de até 56%. Dotado de boa precocidade, a primeira parição se verifica em idades de 31 a 34 meses, e a fertilidade em alguns rebanhos tem variado entre 80% e 91%, em relação às fêmeas dos lotes em reprodução. Mas é uma condição decorrente do bom manejo do rebanho.

O melhoramento do rebanho vem sendo feito através da seleção e, principalmente, pelo emprego da inseminação artificial, permitindo a utilização de touros de alto nível, existentes em Centrais de Inseminação e em algumas fazendas de criadores selecionadores.

PRODUTIVIDADE

A produção de leite, em regime de campo e com duas ordenhas, é da ordem de 2.400 a 3.600 quilos em 300 dias, dando média diária de 9 kg na estação seca e 11 ou 12 kg no período das águas. Em propriedades onde há melhor planejamento e controle da produção, essa média pode ser bastante elevada. As produtoras dão de 15 a 20 kg diários, atingindo 4.000 a 4.500 kg por lactação; devem ser aproveitadas como mães de reprodutores, concorrendo para o aumento da produtividade do plantel. A fertilidade vem sendo uma das qualidades mais visadas pela seleção e a mortalidade é reduzida, em face da rusticidade herdada do gado Indiano. A raça Pitangueiras está se desenvolvendo rapidamente na região Nordeste, superando as demais raças, especialmente as de origem européia, dadas as condições adversas do meio. Quase todos os criadores se empenham

na produção de leite, pois a produção regional é insuficiente para o consumo; eles tem procurado efetuar o controle leiteiro, cuidando desse que resulta no afastamento dos animais menos produtivos e concorrendo para a elevação da média do rebanho.

O destino de qualquer bovino, do tipo de corte ou do leiteiro é sempre o frigorífico ou o matadouro. Nesse aspecto, a raça Pitangueiras é favorecida, porquanto dá bom rendimento e sua carne é macia e saborosa, herança da raça britânica que entrou em sua formação.

Nas Provas realizadas na Estação Experimental de Zootécnica de Sertãozinho, durante muitos anos, os Pitangueiras deram em média 1,110 kg de ganho diário, situando-se muito bem no confronto com as raças de corte, Taurinas e Zebuínas.

O gado Pitangueiras pode ser encontrado em grande parte do País, especialmente nos Estados do Nordeste e da região Sudeste. Em Pernambuco há um Núcleo muito atuante, que tem estimulado os criadores e feito aumentar o número de adeptos da nova raça leiteira tropical. São Paulo, Paraná e Santa Catarina são os principais centros de criação.

CONCLUSÃO

A Pitangueiras é a raça ideal para quem pretende entrar na pecuária, porquanto é fácil a formação de rebanhos, em vista do consenso entre os criadores, no sentido de fixarem preços baixos, pouco acima do valor do corte, a fim de promoverem a expansão da raça e abrindo mercado de reprodutores. O mesmo ocorre nos Leilões em fazendas e em Exposições em que a raça normalmente participa. Não é um gado exigente, dada sua rusticidade e



Tourinho de ótima caracterização e conformação que aos 24 meses de idade pesou 765 Kg

boa fertilidade em virtude de sua perfeita adaptação ao nosso meio ambiente. Um dos fatores que não exige grande investimento na aquisição de um rebanho é não haver muita publicidade, que encarece o produto, como ocorre



Campeã bezerra na Exposição de Recife, em 1994. Aos 13 meses, com 335 Kg já estava prenhe, estado confirmado aos 15 meses, com 40 dias de gestação.

com exemplares de raças finas que vem sendo importadas em grande quantidade e sem comprovação de sua adaptação aos nossos sistemas de criação e manejo.



Azeite Pitangueiras tem conformação ideal para a produção de carne e leite

A RAÇA ZEBUINA SAHIWAL

Rubens Tellechea
Engenheiro Agrônomo Zootecnista

A raça Saiwal, uma das mais produtivas raças leiteiras zebuínas na Índia e Paquistão e que deu origem ao Jamaica-Hope e ao Australian Milking Zebu, ainda é pouco conhecida e difundida no Brasil.

As novas idéias encontram obstáculos a sua aceitação. Na agricultura e especialmente na pecuária, as dificuldades são ainda maiores, quando se trata de introduzir outra raça, para conviver e ampliar o potencial do Nelore, do Gir e do Guzerá, que já fazem sucesso. Entretanto, devemos reconhecer que todas as objeções derivam do desconhecimento da velha raça indiana Sahiwal - a de maior capacidade leiteira. Ainda é pouco conhecido seu desempenho em países de pecuária adiantada, como a Austrália, Nova Zelândia, o Kênia e o Zimbábue (Rhodesia).

Esta é a razão de procurarmos mostrar o que poderá resultar, de sua participação para o progresso de nossa pecuária. Afortunadamente alguns criadores e técnicos, se esforçam nesta tarefa, delicada e importante, de trazê-la ao Brasil. Pensam, além do sêmen, que já está chegando, importar embriões de diversas linhagens e países. Cuidam de constituir a Associação do Sahiwal - ASA, filiada a ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu e a ABC - Associação Brasileira dos Criadores, de estabelecer o padrão da raça e de sua difusão, nas diversas regiões pecuárias.

As raças zebuínas já implantadas contribuem expressivamente na produção de proteína, no Brasil e em muitos outros países. As provas de ganho de peso, realizadas pela EMBRAPA e pela Estação Experimental, do Governo de São Paulo, em Sertãozinho, evidenciam seu continuado melhoramento. O trabalho da ABCZ, com suas exposições nacionais e internacionais, tem estimulado a elite dos criadores e valorizado a melhoria das raças indianas. Nestes eventos já se nota a separação de diversas linhagens, dentro das raças, fato de grande importância no futuro de nossa pecuária. Esta diferenciação se tornará

evidente, nos testes de combinabilidade entre as linhagens e com as raças européias precoces. A cooperação com Associação Brasileira do Novilho Precoces, que vem avaliando e classificando as carcaças, não só das raças, mas também de seus cruzamentos, é trabalho importante, na produção bovina. Se afirma o conceito: "novilho precoce", a ser abatido com dois anos ou menos, com alto padrão de qualidade, que nos levará a destacada posição no mercado mundial de carnes.



Lote de fêmeas 1/2 sangue Sahiwal

No frango já alcançamos nome internacional, pela qualidade e volume de produção. Somos o segundo produtor mundial e não fosse o subsídio de alguns países e sua exportação, já estaríamos disputando a primeira posição. Na carne suína dispomos de tecnologia de alto nível, na produção e na indústria e estamos iniciando exportações. Para estas duas carnes nossa limitação reside na baixa produtividade da lavoura de milho, principal insumo de suas rações.

Na produção bovina não temos limitação. Dispomos de grandes áreas para pastagens, abundância de alimentos e de água, em grande parte de nosso território, de bom material genético nas raças zebuínas no Centro Sul e das européias no Sul. Dispomos de bons

veterinários e zootecnistas, que difundindo as novas técnicas de manejo dos rebanhos, novas gramíneas leguminosas, de maior capacidade nutritiva, o que já vem sendo aplicado por crescente número de criadores. Não falta a tipificação de carcaças, para a melhoria de qualidade possa ser valorizada. Os frigoríficos produzem o processamento e se preparam para distribuir, no mercado interno e exportar os valorizados "cortes especiais". O novilho gerado nas matrizes indianas

cruzadas com as raças européias, atende bem aos mercados internacionais, exigem carne tenra, de alto teor de gordura "marinizada". A erradicação da febre aftosa, com grande campanha em curso, nos dá uma posição destacada nos mercados mundiais.

Devemos mencionar o trabalho da EMBRAPA, na experimentação de cruzamentos industriais, de novas variedades de pastagens e sua difusão, setores onde necessitamos de mais tecnologia, mas apenas experimentação e adaptação às nossas condições de clima, solos, flora e nossa capacidade de investimento.

Algumas secretarias estaduais de agricultura, realizando trabalhos de assistência no desenvolvimento da pecuária e aplicam também técnicas ensinadas pela EMBRAPA.

Estamos no momento certo para incorporar a grande contribuição genética do Sahiwal, tanto na produção de leite como de carne. Na carne seria a raça cruzada com Nelore, produzindo o novilho industrial (F1), mas leiteira, que produz mais leite e com melhor qualidade. As novilhas deste cruzamento, em boas pastagens, recebendo mistura adequada, poderão entrar em reprodução aos 14-15 meses e parir aos dois anos. Na produção leiteira serão os cruzamentos diretos com a holandesa, Jersey, Simmental e mesmo com a

Dê ao seus touros uma "meta de trabalho"

Ruy Alfredo de Bastos Freire Filho
Zootecnista

Na aquisição de novos reprodutores, além do apelo visual, é importante dar a eles uma "tarefa" a ser cumprida dentro da propriedade. Com o auxílio dos DEPs (diferença esperada da progênie) é possível corrigir geneticamente algumas das deficiências do rebanho e aumentar a rentabilidade da exploração pecuária

Da contratação de um gerente a aquisição de novos equipamentos sempre se tem em mente uma meta de trabalho para o investimento. O produtor espera que o novo gerente resolva seus problemas com mão de obra, utilização de insumos ou organização de operações agrícolas. Não é diferente quando se compra um touro ou semê. É claro que todo pecuarista procura touros com "apelo visual", principalmente no Brasil aonde genética e o aspecto do exterior dos animais passaram a ser sinônimos, e grande parte do valor comercial de um animal é proveniente de seu desempenho em pistas de julgamento. Mas já existe um número crescente de pecuaristas que procura no reprodutor um parceiro que resolva alguns dos problemas do seu rebanho. Agora com a determinação dos DEPs das diversas raças zebuínas feitas pelo convênio da EMBRAPA com a ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), já é possível usar touros que atendam necessidades específicas de cada criatório.

O problema passa a ser como definir as necessidades de cada propriedade. Geralmente o criador consulta várias opiniões, que via de regra nem sempre estão de acordo. Como diz o velho ditado "cada um sabe aonde lhe aperta o calo", portanto esta é uma questão que o criador decide melhor ele mesmo. Para facilitar o processo de definir a "meta de trabalho do touro" existe um questionário de quatro passos (especificações) que ajudam a achar os reprodutores ideais.

O primeiro passo consiste em responder algumas perguntas sobre o sistema de manejo de cada propriedade, e o que é esperado dos bezerros e das vacas. Isto tem enorme influência no tipo de touro que vai ser necessário. O segundo passo é determinar quais as características são importantes e o passo número três é estabelecer o nível de performance desejado em cada uma das características.

Obviamente, a resposta do segundo e

terceiro passo devem combinar com as respostas do passo número um. Por exemplo: Se o touro vai ser usado para a criação de bezerros, queremos que suas filhas produzam leite (para garantir bezerros mais pesados a desmama), sejam férteis (eficiência do rebanho) e tenham facilidade de parir e criar o bezerro (poupar mão de obra); enquanto para um confinador interessa um animal que transmita a seus filhos um bom ganho de peso após a desmama combinado com bom rendimento de carcaça.

Para programas de cruzamentos rotacionais, o nível de produção das outras raças também tem grande importância, i.e., uma produção de leiteira baixa em um touro Simental (raça que já apresenta bom potencial leiteiro) é aceitável se ele for usado em uma outra raça que tenham uma boa produção média de leite; mas teria que ser alta se fosse usado em cruzamentos com a raça Nelore ou outra raça de baixa produção leiteira. Se os touros forem ser usados para características maternas, terminais ou para todos os propósitos também influencia nas respostas que damos para os passos 2 e 3. Se você quer um touro terminal você pode esquecer das chamadas características "maternas" (veja artigo de Kepler Euclides Filho na RC de julho, pp).

O quarto passo envolve o registro da amplitude i.e., o mínimo e o máximo de produção para cada característica escolhida. Considere uma amplitude razoável e é sempre bom lembrar que é muito difícil um touro atender a vários critérios. A razão mais importante para se estabelecer estas amplitudes é o de se determinar especificações para eliminar os extremos que em geral levam a problemas. Neste passo também levamos em conta a repetibilidade ou acurácia, já que com ela avaliamos nossa taxa de risco.

Ao usar os DEPs, é bom se conhecer as médias de cada raça porque elas dão um bom ponto de partida, mas é sempre bom ter em mente que não comparamos uma raça com a outra. As DEPs só

produzindo além do leite, bezerros para carne, que, com alimentação especial, seriam abatidos com 450 quilos, com menos de dois anos. Com este cruzamento produziremos "a campo" leite a mais baixo custo. Na Jamaica os zootecnistas ingleses a cruzaram com Jersey, criando a raça sintética Hope, estabilizada em cinco oitavos, bem adaptada e muito difundida em toda a América Central e Caribe.

Desde alguns anos venho procurando conhecer esta raça, selecionada pelos competentes zootecnistas ingleses, em estações experimentais e colégios de agricultura na Índia e no Paquistão. Foi introduzida em todos os países da Comunidade Britânica, especialmente na Austrália, Nova Zelândia, Kênia e Jamaica e ganhou destaque, como grande melhoradora dos rebanhos industriais. Tive oportunidade de observá-la diretamente na Nigéria, em Cuba e na Jamaica. Sua conformação compacta e pelagem vermelha, causou-me excelente impressão. Consultei dois eminentes técnicos, o professor João Harrison Vilares e meu colega e amigo Roberto Alves Santiago, especialistas em raças zebuínas, que a conheceram na Índia e me encorajaram a lutar pela incorporação desta raça ao patrimônio genético de nossa pecuária. Destacaram a necessidade de cuidados especiais com as importações, em origens e identidade dos fornecedores.

Não concorrerá com nenhuma raça zebuína ou européia, mas as complementará. Para estas, a Sahiwal adicionará estoque de gens, de grande importância na manutenção da fertilidade, precocidade, produtividade e resistência as condições ambientais.

A ABCZ deverá coordenar as importações de sêmen e especialmente as de embriões, para que estes nos cheguem nas melhores condições de qualidade e sanidade. Há necessidade de grande atenção nestas importações, em todos os seus aspectos. As atuais raças indianas foram importadas em outros tempos e livremente, pelos pioneiros de Minas Gerais, de São Paulo e do Paraná. Viu-se sua experiência, os cuidados e a prática, suficiente para trazerem o que encontraram de melhor na Índia. Hoje as condições são outras e já dispomos de melhor material genético que os disponíveis na origem. Ademais, por motivos técnicos e sanitários, é impossível e dispensável importar desse país. As condições adiantadas de nossa pecuária, e sua importância econômica, exigem cuidados e salvaguardas além de detalhes a serem estudados.

GENÉTICA

servem para comparar animais dentro da mesma raça.

Independentemente de suas expectativas com relação aos seus novos touros, objetivos escritos e especificações ajudam a manter o programa

de melhoramento genético na linha. O produtor deve se sentir livre para ajustar o processo de decisão às suas necessidades. A chave é se usar este questionário como um método de se tomar decisões. A princípio pode parecer

trabalhoso, mas uma vez feito o produtor terá feito o retrato "falado" de seu touro ideal, e aí é só buscá-lo no mercado ou nas Centrais de minação.

QUESTIONÁRIO: 1º PASSO, SITUAÇÃO DO MANEJO NA PROPRIEDADE

1-Como o touro vai ser usado?

- ☐ a) Dentro de raça pura
☐ b) Touro terminal (comprando fêmeas de reposição)
☐ c) Cruzamentos rotacionais

2-Se rebanho mestiço, quais as raças predominantes (lista e porcentagem)?

3-Qual a idade das vacas a serem cruzadas?

- ☐ a) Novilhas
☐ b) Vacas adultas
☐ c) Ambas

4-Tamanho desejado das vacas

- ☐ a) Pequeno (menos de 450 kg)

☐ b) Médio (entre 450-700 kg)

☐ c) Grande (maior que 700 kg)

5-Disponibilidade de mão de obra

- ☐ a) Ilimitada
☐ b) Moderada
☐ c) Limitada

6-Disponibilidade de alimentação

- ☐ a) Alta
☐ b) Moderada
☐ c) Baixa

7-Estratégia de mercado

- ☐ a) Venda de bezerras desmamadas
☐ b) Venda ao sobreano
☐ c) Terminar na propriedade
☐ d) Outros

PASSOS 2 & 3, CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES E NÍVEL DE PRODUÇÃO

Importância da característica	1 = muito importante 2 = importante 3 = razoavelmente importante 4 = pouco importante 5 = sem importância	Características	Importância da característica	Produção desejada
Nível desejado de produção: Alto (A) Médio (M) Baixo (B)		4) Apelo visual		
Características	Importância da característica	5) Fertilidade		
1) Facilidade de parto		6) Tamanho (caixa)		
2) Rendimento de carcaça		7) Ganho de peso		
3) Cor		8) Produção de leite		
		9) Conversão alimentar		
		10) Mocho		
		11) Outros		

PASSO 4, ESPECIFICAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS

DEPs	Mínimo	Máximo	Acurácia (repetibilidade)
Peso ao nascer			
Peso a desmama			
Peso ao sobreano			
Leite			
Habilidade materna total			
Facilidade de parto			
Facilidade de parto materno			
Circunferência escrotal			
Tamanho adulto			
Rendimento em carcaça			

Questionário desenvolvido por:
Jim Gibb,
da American Gelbvieh Association, 1983

REVISTA DOS CRIADORES LEIA E ASSINE

Rua José Cesar de Oliveira, 175 1º andar
05317-000
São Paulo - SP
Tel(011)831-7986 ramal 31 ou Telefax (011)831-7712

Na Edição de novembro:
Alfafa: silagem e pastagem
Cana: plantio e cana+ureia
Mandioca: rações animais

Melhores touros nacionais de corte das raças zebuínas

Iniciamos nesta edição a publicação do Sumário Nacional de Touros de Corte divulgando todos os touros com avaliação genética positiva

Em 1994, pela quinta vez consecutiva o MAARA, a EMBRAPA (CNPGC) e a ABCZ divulgaram os resultados da avaliação nacional de touros de corte das raças zebuínas. Esta avaliação compreende informações coletadas no período de 1975 a 1993, e envolveram 5870 touros das raças Nelore, 1000 da raça Gir, 960 da raça Guzerá, 490 da raça Indubrasil e 479 da raça Tabapuã. Foram 5 características analisadas neste trabalho: **peso a desmama (205 dias-P205); peso a um ano e meio de idade (365-P365); peso a um ano e meio de idade (550-P550); ganho pré-desmama (do nascer aos 5 dias-GND) e do ganho pós-desmama (da desmama aos 550-GDS).** A avaliação foi feita a partir de dados da progênie, e só foram incluídos touros que tinham um número de filhos suficiente para possibilitar uma acurácia (repetibilidade) maior do que 60%. Os touros foram divididos em 5 categorias, de acordo com a performance de sua progênie em cada uma das características avaliadas. Os touros da classe 1, são os melhores de elite naquela característica (20% superiores), os da classe 3 são médios, 2 e 4 são intermediários (superior e inferior) e os de classe 5 os 20% inferiores. Nem todos os touros estão vivos ou tem semêem no mercado, mas são informações que podem auxiliar na elaboração de Modelos Genéticos.

A RC estabeleceu como critério a publicação, por ordem alfabética, de todos os animais que tiveram desempenho de elite (classe 1) em qualquer uma das cinco características analisadas. Devido ao grande número de animais, serão publicadas por etapas em diversas edições da Revista. É bom lembrar que as DEPs apresentadas só servem para comparar touros dentro da mesma raça. Por isso use as médias das características de cada raça para poder avaliar o potencial do touro. É difícil encontrar um touro que atenda todas as necessidades de seu rebanho. Estabeleça a necessidade de seu plantel, dê ao seu touro uma "meta de trabalho" e escolha o semêem que vai aprimorar ainda mais seus animais

Como consultar a lista:

RGD=número de registro do touro na respectiva Associação

AN=ano de nascimento do touro

CI=Central de inseminação artificial

P205=Peso a desmama

P365=Peso ao ano

P550=Peso a um ano e meio de idade

GND=Ganho de peso do nascimento a desmama

GDS=Ganho de peso da desmama ao ano e meio

DEP=Diferença esperada da progênie em relação a média da raça

ACC=Acurácia-uma medida de precisão da estimativa do DEP

C=Classificação do touro na característica em questão

Tabela-Médias das características para cada raça

Caracter.	Gir	Guzerá	Indubrasil	Nelore	Tabapuã
P205 (kg)	127,05	145,10	164,16	154,22	152,00
P365 (kg)	182,49	193,18	236,64	212,78	207,41
P550 (kg)	233,20	242,88	307,34	272,33	267,05
GND(grs/dia)	489,70	574,67	644,61	610,47	592,93
GDS (grs/dia)	328,66	284,59	391,42	350,41	345,38

Fonte: Sumário de touros Arquivo Zootécnico Nacional - EMBRAPA-CNPGC, ABCZ, 1994

CI - RELAÇÃO DE CENTRAIS DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

1- CIAVAL - Central Ins. Art. Vargem Alegre

2- NÃO OPERANDO

3- LAGOA DA SERRA - Lagoa da Serra Ins.

4- Ltda.

5- CENTRAL VR - Comercial Pec. Rodrigues

6- Cunha S/A

7- CIANB - Central de Ins. Art. Nhozinho

8- Ltda.

9- AGROPECUÁRIA BONFIGLIOLI S/A

10- NÃO OPERANDO

11- BATAVO - Coop. Central de Laticínio do

12- Ltda.

13- COPIA - Cópia Comercial Prudentina

14- Ltda.

15- NÃO OPERANDO

16- Centro de Ins. Art. - Est. do Pinheirinho

17- ATALLA - Atalla Central Paulista de Ins.

18- Ltda.

19- EPEAL - Emp. de Pesq. Agrop. Est.

Alagoas S/A

NÃO OPERANDO

11- SENOR - Senhor Semen Nordeste Ltda.

13- CRIA - Central Riograndense Ins. Art.

14- CABANA DA PONTE - Cabana da Ponte

Genética Ins. Art. Ltda.

NÃO OPERANDO

15- SEMBRA - Sembra Técnicas e Produtos

de Reprodução Ltda.

16- COOPAGO - Coop. Agropec. São

Gonçalo do Sapucaí Ltda.

17- PECPLAN - Fundação Bradesco Ins. Art.

Ltda.

18- SERTA - Sist. de Ext. Rural e Tecn.

Agropecuária Ltda.

19- CEGIA - Central Gaucha de Inseminação

21- TAIRANA - Tairana S/A Central de Cong.

de Semen

22- SEMENCON - Semen Congelado Ltda.

23- Lab. de Proc. Semen - Embrapa - CPPSE

24- YAKULT - YAKULT S/A - Ind. e Comercio

33- ASSOC. S. PEDRO DE PESQUISAS

CIENTÍFICAS

NÃO OPERANDO

40- CABANHA AZUL - Cabanha Azul S/A

43- CIDASC - Cia Integrada de Desenv. Agric.

S. Catarina

44- REPLANE - Reprodução Planejada do

Nordeste Ltda.

45- TRANSEMEN Centro de Transf. de

Embrões e Tec. de Semen

46- São Lourenço Agropec. Ltda.

Fazenda São Lourenço

47- Pedro Ferreira de Melo Neto (Central

Insem. Art. TE)

48- Central do Campo de Semen e Embrões

Ltda.

49- NOVA ÍNDIA GENÉTICA S/A

BR 050 - km 158

GENÉTICA

NOME DO TOURO	RGD	AN	CI	P205(KG)			P365(KG)			P550(KG)			GND(G/DIA)			GDS(G/DIA)		
				DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C
ABDULLA DE LORENA	D3013	81	-	9.08	.63	1	-	-	-	14.45	.60	1	43.88	.63	1	11.27	.60	2
ABENSBERG AGPBO LT.	D3640	82	-	3.35	.74	1	2.03	.68	2	-2.24	.73	3	15.03	.74	2	-19.67	.71	5
ABONADO	C 982	79	-	13.00	.85	1	9.30	.81	1	14.94	.81	1	63.57	.85	1	-9.10	.80	4
ABRASADOR	E4575	86	-	2.88	.86	2	4.53	.85	1	3.72	-	-	17.35	.86	1	4.45	.88	2
ABU	H1027	69	-	2.75	.83	2	0.42	.76	3	10.36	.73	1	8.98	.83	2	15.14	.73	2
ACACA	A9839	72	-	5.64	.72	1	-	-	-	-	-	-	29.85	.72	1	-	-	-
ACATIO DO ITAQUI	E 525	85	-	12.47	.65	1	-3.34	.61	4	16.86	.63	1	60.76	.65	1	11.69	.63	2
ACENTO	C 973	79	-	10.61	.81	1	5.53	.80	1	8.46	.79	1	51.89	.81	1	-33.02	.79	5
ACHENI DA IND.	C 276-	-	-	4.86	.77	1	10.27	.78	1	-1.23	.81	3	25.27	.77	1	-11.51	.80	4
ADAK POI DA ZEB.VR	D3762	82	21	-1.61	.90	4	-2.69	.87	4	6.01	.81	2	-7.94	.90	4	19.72	.81	1
ADERNO DA ZEB. VR	D2637	82	-	-7.02	.67	5	-	-	-	-	-	-	-38.80	.67	5	-	-	-
ADHAIYALAM POI NAV.	D5415	82	-	2.93	.82	2	1.42	.77	2	10.39	.69	1	13.23	.82	2	24.30	.69	1
ADORNO	H3531	72	-	10.55	.77	1	18.12	.74	1	52.28	.77	1	51.89	.74	1	-	-	-
AFAN DA CV	D5182	80	-	-7.86	.69	5	-7.57	.69	5	9.94	.69	1	-37.30	.69	5	55.10	.69	-
AGA-KHAN DA RS	D2777	81	-	6.23	.60	1	-	-	-	-	-	-	29.05	.60	1	-	-	-
AGADA DA PRAIA	D6363	85	-	3.83	.89	1	2.77	.88	2	4.49	.88	2	18.23	.89	1	6.38	.88	2
AHDUMATHY DO BR.	C4080	77	-	0.00	.88	3	1.71	.87	2	3.41	.87	2	-1.64	.88	3	18.01	.87	1
ALAHBAD DO BR	B6730	76	15	-2.10	.74	4	5.90	.75	1	11.80	.76	1	-7.58	.74	4	62.67	.76	1
ALARDO DA ZEB.VR	E4340	82	-	6.33	.73	1	2.68	.71	2	-	-	-	31.51	.73	1	-	-	-
ALEMAO	D3880	83	-	1.57	.90	2	2.86	.88	2	7.29	.87	1	9.02	.90	2	17.00	.87	2
ALGO 4 FG IRCA	G6608	84	-	10.18	.74	1	-	-	-	-	-	-	49.76	.74	1	-	-	-
ALGOR DO MO	H7504	83	-	5.12	.60	1	-	-	-	-	-	-	25.01	.60	1	-	-	-
ALUMA MATA VELHA	B 432	77-	-	4.49	.84	1	-3.56	.80	4	3.09	.63	2	23.14	.84	1	25.95	.60	1
ALVOROCADO	E4583	84	-	3.43	.70	1	4.33	.68	2	-	-	-	15.00	.70	2	-	-	-
AMAGO DC	D4455	82	17	3.38	.88	1	2.60	.76	1	17.20	.88	1	0.81	.74	3	-	-	-
AMANO JAYA TA	A4793	74	-	7.23	.65	1	5.46	.63	1	-	-	-	34.20	.65	1	-	-	-
AMANO NANDINI DC	D1648	83	-	9.09	.65	1	11.80	.63	1	-	-	-	44.05	.65	1	-	-	-
AMANOBRULO DO BR.	B9122	76	-	3.60	.63	1	-	-	-	-	-	-	18.53	.63	1	-	-	-
AMARUK JI	6496	76	14	4.20	.85	1	1.77	.81	2	1.82	.84	3	24.51	.85	1	-22.82	.83	5
AMBARU POI DA ZEB.VR	D3344	82	-	9.27	.65	1	-	-	-	-	-	-	44.32	.65	1	-	-	-
AMENDOIM DA S.J	1500	88	-	6.19	.60	1	-	-	-	-	-	-	30.18	.60	1	-	-	-
ANANDHI	3116	65	-	-4.67	.74	5	-1.63	.68	4	6.64	.63	2	-19.75	.74	5	29.03	.63	1
ANANDHI 10 DO BR.	A2112	71	-	3.33	.93	1	6.75	.89	1	-1.13	.82	3	15.25	.93	2	-14.71	.80	4
ANDAMAM POI ZEB. VR	D4405	82	-	0.95	.92	3	6.12	.86	1	14.71	.86	1	2.83	.92	3	29.74	.86	1
ANDAMAN DA NI	B 947	74	-	1.97	.86	2	4.84	.81	1	11.72	.66	1	10.34	.86	2	22.93	.66	1
ANDIRA POI OT	D9191	84	17	2.71	.94	2	6.26	.89	1	6.17	.84	2	12.79	.94	2	-7.82	.84	4
ANDROCEU	D7674	84	-	4.30	.81	1	4.64	.81	1	5.07	.81	2	17.02	.81	1	-0.09	.79	3
ANGELICO DA POTY	D2760	82	-	-5.21	.84	5	-2.28	.83	4	-1.20	.73	3	-27.47	.84	5	18.48	.73	1
ANHANGAI	7187	63	-	1.43	.79	2	5.77	.71	1	-	-	-	4.57	.79	3	-	-	-
ANIL CM	D9574	85	02	5.98	.86	1	6.30	.84	1	8.54	.79	1	27.62	.86	1	24.82	.78	1
APOGEU FC	D6555	84	-	-	-	-	-	-	-	12.42	.60	1	-	-	-	33.37	.60	-
ARAGAO	H3509	71	-	5.32	.63	1	-	-	-	19.63	.60	1	26.51	.63	1	63.08	.60	1
ARAMAICO DA CINEL.	C 999	84	-	10.22	.60	1	-	-	-	-	-	-	47.64	.60	1	-	-	-
ARIGO DA CV	D5198	80	-	-2.81	.67	4	-2.34	.66	4	3.34	.69	2	-14.09	.67	4	25.40	.69	1
ARJUN NALINI II DC	A3990	71	-	-0.32	.97	3	0.81	.96	3	-4.93	.97	4	18.51	.95	1	-	-	-
ARUAKI DA AGPBO LT.	D4409	82	-	4.51	.92	1	1.19	.89	3	20.45	.92	1	-9.60	.86	4	-	-	-
ARUANA I	A9090	73	-	5.39	.81	1	-	-	-	-	-	-	29.77	.80	1	-	-	-
ARVOREDO DA A.BRANGAD	D8274	84	-	-2.78	.70	4	6.05	.68	1	-2.71	.69	4	-15.01	.70	4	10.25	.69	2
ASHOCA DA NI	E 302	83	-	4.38	.90	1	5.04	.86	1	5.31	.85	2	17.54	.90	1	3.26	.85	1
ASTOR DA NI	C4794	80	-	2.03	.76	2	-2.34	.75	4	18.67	.79	1	7.42	.76	2	52.34	.79	1
ASTRO POI DA PRATA	C9696	85	-	2.87	.84	2	5.38	.82	1	10.75	.80	1	13.53	.84	2	24.23	.80	1
ATATURK B 6787 DE SI	H4042	76	-	-	-	-	-	-	-	16.89	.80	1	-	-	-	41.91	.80	1
ATLANTE DA RV	C7372	82	-	2.59	.79	2	-2.91	.76	4	7.31	.76	1	12.11	.79	2	24.01	.76	1
ATOMO DE BRAS.	D8630	84	-	6.24	.70	1	1.78	.66	2	4.99	.69	2	34.07	.70	1	2.41	.69	1
AZMAK DA PALM.	D4721	83	-	5.50	.65	1	3.59	.63	2	-	-	-	26.71	.65	1	-	-	-
AZUTA POI DA ZEB.VR	C7396	82	-	-5.35	.83	5	-0.14	.74	3	4.03	.73	2	-22.56	.83	5	20.33	.73	1
BABU CABACA	A7600	71	02	4.66	.92	1	5.99	.89	1	8.17	.85	1	17.48	.92	1	1.47	.85	1
BABU MATA VELHA	B4741	78	-	3.41	.82	1	0.79	.81	3	-	-	-	19.39	.82	1	-	-	-
BACAMARTE DA CINEL	E2494	85	-	3.42	.69	1	4.44	.68	2	-	-	-	17.96	.69	1	-	-	-
BACO	H8635	86	04	6.30	.86	1	9.12	.82	1	6.95	.63	2	30.01	.86	1	15.15	.63	1
BACON DA MACAUBA	D5623	83	-	4.01	.63	1	1.20	.63	3	-1.85	.60	3	21.79	.63	1	-10.55	.60	1
BADAMI DA NI	C5766	79	03	2.41	.93	2	2.83	.89	2	7.99	.88	1	10.36	.93	2	16.60	.88	1
BADAN K.DO PARAISO	3261	64	03	3.04	.95	2	5.80	.93	1	2.97	.92	2	12.83	.95	2	-2.70	.93	1

GENÉTICA

NOME DO TOURO	RGD	AN	CI	P205(KG)			P365(KG)			P550(KG)			GND(G/DIA)			GDS(G/DIA)		
				DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C
BADAN OL	D3253	81	-	7.74	.69	1	-	-	-	-	-	-	37.49	.69	1	-	-	-
BAH POI DA IND.	B6147	77	-	4.12	.86	1	2.06	.83	2	7.26	.83	1	20.46	.86	1	4.31	.82	3
BAILEU DA ZEB.VR	C2400	83	-	7.11	.65	1	6.68	.66	1	4.08	.60	2	34.36	.65	1	2.37	.60	3
BAIXO DO BR	B4528	74	-	3.33	.88	1	6.12	.83	1	7.00	.77	2	-11.05	.73	4	25.22	.60	1
BAKALI DA AGPBO LT	D3888	83	-	-2.46	.73	4	-1.30	.72	3	3.22	.66	2	-11.05	.73	4	25.22	.60	1
BALAFU	D9165	84	-	9.02	.60	1	-	-	-	-	-	-	42.82	.60	1	-	-	-
BALANCO DO BR.	B1949	74	-	1.59	.87	2	7.94	.83	1	-0.54	.82	3	6.84	.87	2	-2.52	.82	3
BALANCY POI DA IND	C362	77	-	1.83	.89	2	5.29	.72	1	7.74	.60	1	8.13	.89	1	-29.68	.60	5
BALLU BOI DA ZEB.VR	D5491	83	-	0.23	.84	3	9.73	.69	1	9.99	.71	1	1.92	.84	3	25.44	.71	1
BALNADRO DO FORM.	C996	80	-	5.24	.89	1	-0.72	.68	3	6.72	.60	2	24.26	.89	1	-29.68	.60	5
BALUARTE	52768	73	-	5.79	.69	1	0.96	.61	3	-	-	-	29.00	.69	1	-	-	-
BAMBU	A8465	87	-	5.03	.74	1	8.45	.75	1	18.73	.77	1	25.79	.74	1	38.85	.77	1
BANDIT DA FC	E9261	88	-	6.00	.60	1	-	-	-	-	-	-	27.12	.60	1	-	-	-
BANGALORE POI DO BR.	D6850	84	-	3.12	.60	2	-	-	-	-	-	-	18.09	.60	1	-	-	-
BANHADAL	H6266	81	-	4.55	.79	1	4.35	.74	2	6.46	.76	2	22.42	.79	1	0.00	.76	3
BANTU	E8464	87	-	5.30	.85	1	6.74	.77	1	-	-	-	24.28	.85	-1	-	-	-
BARA POI DO BR.	F5949	88	-	0.69	.72	3	5.40	.68	1	11.20	.62	1	2.18	.72	3	36.56	.63	1
BARADJI	6301	73	-	5.07	.86	1	5.45	.85	1	1.02	.87	3	27.65	.86	1	-15.09	.87	4
BARAO	C4418	78	-	2.73	.96	2	3.69	.94	2	9.71	.91	1	11.90	.96	2	19.56	.91	1
BARAO DA S.MARTA	H8700	87	-	4.29	.88	1	-	-	-	-	-	-	18.06	.87	1	-	-	-
BARBADO DE SF.UB.	H7627	84	17	8.93	.76	1	-	-	-	-	-	-	43.12	.76	1	-	-	-
BARIO DA RV	D1286	83	-	-2.79	.73	4	3.54	.68	2	4.19	.66	2	-13.34	.73	4	23.24	.66	1
BASTIDOR M.DA RV	H7212	83	-	3.03	.60	2	-	-	-	4.29	.60	2	16.79	.60	1	2.73	.60	3
BATAK DA V.ALEGRE	B9383	76	-	4.42	.63	1	-0.38	.63	3	-	-	-	21.38	.63	1	-	-	-
BELAPUR POI ZEB.VR	D4733	83	-	4.32	.65	1	-	-	-	11.37	.60	1	19.87	.65	1	19.09	.60	1
BELO DA RV	D6902	83	-	3.73	.73	1	-5.71	.74	5	-3.60	.77	4	17.80	.73	1	-18.95	.77	4
BELUR	7595	70	17	3.27	.99	1	3.89	.98	2	4.42	.97	2	14.64	.99	2	2.30	.97	3
BENAGO	C9157	80	-	8.33	.74	1	3.02	.71	2	-4.44	.71	4	40.60	.74	1	-46.44	.71	5
BERILIO	H755	76	04	2.17	.98	2	2.45	.98	2	7.44	.96	1	9.25	.98	2	12.98	.96	2
BERRANTE	B636	76	-	1.92	.90	2	3.59	.88	2	9.40	.89	1	10.29	.90	2	29.44	.89	1
BEY DA SM	D5509	83	-	3.77	.89	1	1.97	.84	2	-	-	-	17.52	.89	1	-	-	-
BEZERRA	8085	68	-	5.72	.60	1	-	-	-	-	-	-	33.95	.60	1	-	-	-
BHADRAVAT DA NI	B3331	74	15	3.49	.91	1	1.16	.85	3	-0.72	.88	3	16.33	.91	1	-15.01	.87	4
BHAJOL POI DA ZEB.VR	D5488	83	03	3.93	.99	1	4.57	.99	1	6.99	.99	2	16.21	.99	1	7.96	.99	2
BHARAN TE POI DA SF	D7475	84	-	4.35	.65	1	-	-	-	-	-	-	24.15	.65	1	-	-	-
BHATKAL POI 23 RC	D7606	82	-	5.30	.87	1	8.42	.80	1	2.55	.60	2	18.21	.87	1	-	-	-
BICO DO MATEIRO	D9427	87	-	5.24	.60	1	-	-	-	-	-	-	20.46	.60	1	-	-	-
BIDJAN POI RB	E5934	87	-	-3.71	.63	5	-1.34	.61	3	4.90	.63	2	-20.28	.63	5	24.36	.63	1
BIG BEM DO MO	H4390	84	04	6.58	.73	1	10.63	.68	1	-	-	-	30.60	.73	1	-	-	-
BIJAPUR DA NI	C1067	77	-	1.26	.73	2	-6.07	.75	5	2.80	.60	2	20.13	.72	1	3.27	.60	2
BIJAPUR POI DA PRIM.	D3049	83	-	5.34	.63	1	-	-	-	-	-	-	25.23	.63	1	-	-	-
BISHEKAN POI RB	D4340	83	-	4.62	.60	1	-	-	-	-	-	-	23.30	.60	1	-	-	-
BLINDADO DA S JOÃO	E9005	86	-	-	-	-	-	-	-	11.98	.60	1	-	-	-	29.50	.60	1
BLITZ	H8636	86	04	4.65	.95	1	7.06	.92	1	3.49	.69	2	22.42	.95	1	-1.64	.66	3
BOATO DA ZEB.VR	D5707	83	-	-5.55	.88	1	11.40	.87	1	8.39	.85	1	23.76	.88	1	9.14	.84	2
BOMBEI DA NEL.	D8001	83	-	2.81	.60	2	-	-	-	-	-	-	15.76	.60	1	-	-	-
BONZO DE SA	B5799	75	-	-6.72	.74	5	-	-	-	-2.49	.63	4	-30.94	.74	5	21.06	.63	1
BOSQUE M DA RV	H1087	83	-	2.78	.86	2	-2.4	.84	3	9.34	.85	1	13.68	.86	2	13.14	.86	2
BRAMANYAR POI DO BR.	B6866	77	-	3.19	.92	2	2.31	.91	2	-2.83	.88	4	16.01	.92	1	-	-	-
BRAMANYARTE POI SF	D8763	84	-	-6.63	.67	1	-	-	-	-	-	-	28.64	.67	1	-	-	-
BRILHANTE OT	D8756	85	-	5.02	.79	1	2.82	.76	2	-1.08	.73	3	23.89	.79	1	-19.87	.73	5
BRONZE	H4271	78	-	-2.45	.83	4	-1.14	.66	3	7.90	.66	1	-15.84	.83	4	24.07	.66	1
BRUMADO POI CINEL.	B9348	78	-	0.76	.87	3	4.74	.84	1	2.75	.87	2	2.98	.87	3	5.34	.87	2
BRUMAK DAS 3M	A7740	72	-	4.80	.60	1	-4.15	.611	4	-	-	-	22.88	.60	1	-	-	-
BULGARO OL	F1822	87	-	13.60	.1	-	-	-	-	-	-	-	65.10	.60	1	-	-	-
BURJAKHAN POI DO BR.	D9130	83	-	0.37	.72	3	-1.71	.83	4	8.91	.60	1	0.06	.72	3	5.16	.60	2
CABI	H1613	72	-	6.70	.60	1	-	-	-	-	-	-	31.42	.60	1	-	-	-
CACHEADO DA NI	D2021	80	-	3.43	.74	1	5.98	.68	1	-8.94	.66	5	18.03	.74	1	-36.48	.63	5
CACHO	C1800	79	-	4.96	.79	1	1.05	.79	3	3.58	.82	2	23.26	.79	1	0.92	.82	3
CACIQUE	B3430	73	-	5.12	.70	1	-	-	-	-6.36	.63	4	21.56	.70	1	-27.95	.63	5
CADENTE FC	E4221	86	-	1.86	.83	2	4.59	.76	1	1.31	.79	3	14.85	.83	2	-3.66	.79	3
CADETE DA SM	5999	77	-	9.67	.81	1	-0.43	.74	3	3.65	.78	2	44.57	.81	1	-28.61	.78	5
CADETE DO REC	H2527	75	-	6.64	.67	1	-	-	-	-	-	-	35.25	.67	1	-	-	-

GENÉTICA

NOME DO TOURO	RGD	AN	CI	P205(KG)			P365(KG)			P550(KG)			GND(G/DIA)			GDS(G/DIA)		
				DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C
CADYZO POI DA IND.	C 379	78	21	3.35	.85	1	1.61	.83	2	2.78	.85	2	17.83	.85	1	-4.40	.85	3
CAIAPO DA JAND.	A9660	73	-	3.71	.89	1	-4.61	.81	4	-7.72	.79	5	18.46	.89	1	-28.42	.79	5
CAMPANARIO OT	E6837	86	-	-2.68	.82	4	0.47	.80	3	10.33	.71	1	-12.20	.82	4	25.77	.71	1
CAMPARI	C8821	79	-	-1.40	.90	4	-3.48	.88	4	3.39	.87	2	-6.67	.90	4	24.32	.87	1
CAMPEÃO DA PRIM.	D7360	84	-	.99	.65	2	7.04	.63	1	2.01	.63	3	4.60	.65	3	3.18	.63	3
CAMPESTRE DC	D4261	84	-	7.50	.60	1	-	-	-	-	-	-	39.17	.60	1	-	-	-
CANDEEIRO DA PRIM.	D9024	84	-	3.62	.79	1	-0.04	.77	3	1.29	.74	3	14.59	.79	2	.36	.74	3
CANNANOE D NI	C4798	80	-	3.35	.77	1	-2.95	.81	4	-4.86	.63	4	14.80	.77	2	-	-	-
CANTOR	A1035	66	-	7.72	.65	1	8.29	.63	1	-	-	-	34.23	.65	1	-	-	-
CANTOR DA SEMAWI	B5945	75	-	0.93	.85	3	4.50	.68	1	-0.39	.66	3	4.70	.85	2	-5.32	.63	3
CARAMELO DA PRIM.	D3431	84	-	-0.95	.85	3	5.71	.85	1	12.02	.86	1	-4.80	.85	4	29.68	.85	1
CARAO	D4297	84	-	3.33	.65	1	-	-	-	-	-	-	17.42	.65	1	-	-	-
CARCARA DE FC	C5332	79	-	3.57	.72	1	-	-	-	-	-	-	14.79	.72	2	-	-	-
CARDEAL DA GR	H4013	76	-	1.75	.98	2	2.22	.95	2	11.06	.93	1	7.91	.98	2	28.14	.92	1
CASANOVA PE DA SF	AS500	77	02	1.78	.94	2	6.82	.88	1	-	-	-	5.85	.94	2	-	-	-
CASSANDRO DA PET.	F2021	85	-	2.13	.63	2	6.95	.63	1	-0.29	.69	3	12.22	.63	2	-69	.4	-
CASTELO POI DA 3 COX	D 213	80	-	9.41	.60	1	-	-	-	-	-	-	46.73	.60	1	-	-	-

RAÇA TABAPUÃ

NOME DO TOURO	RGD	AN	CI	P205(KG)			P365(KG)			P550(KG)			GND(G/DIA)			GDS(G/DIA)		
				DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C	DEP	ACC	C
ABOTOADO DE TAB.	3086	80	-	0.46	.87	3	6.82	.85	1	-7.49	.82	5	2.54	.86	3	-30.88	.81	5
ABSOLVEDOR DE TAB.	3128	80	-	-5.65	.87	5	-0.48	.85	3	5.32	.78	1	-26.95	.86	5	39.74	.77	1
ABSTRATO DE TAB.	3117	80	-	1.40	.83	2	4.76	.78	1	0.82	.66	3	6.95	.82	2	-4.76	.65	3
ABSTRATO DE TAB.	3117	80	-	1.40	.83	2	4.76	.78	1	0.82	.66	3	6.95	.82	2	-4.76	.65	3
ADAGEL DA B.FLOR	667	81	02	3.19	.76	1	7.30	.61	1	-	-	-	8.25	.73	2	-	-	-
AGADIR DE TAB.	3068	80	-	-1.13	.76	4	5.04	.71	1	-	-	-	-4.39	.75	4	-	-	-
ALARICO DA B.FLOR	4240	82	02	1.59	.92	2	7.64	.87	1	8.76	.87	1	4.26	.91	3	16.87	.86	1
ALMIRANTE	5816	82	-	-0.02	.85	3	1.27	.82	2	10.88	.82	1	5.75	.84	2	36.57	.79	1
ANAGO DA DB	2060	82	17	1.94	.99	2	7.74	.97	1	7.81	.99	2	16.11	.97	1	-	-	-
APOLO DA PROG.	2062	75	-	3.01	.76	1	-4.17	.77	4	3.34	.73	2	14.01	.75	1	5.87	.72	2
ARROIO	1347	79	02	1.86	.97	2	3.09	.96	2	6.66	.95	1	9.69	.97	2	20.83	.95	1
AVELAO	4652	80	-	-0.33	.87	3	7.13	.81	1	-	-	-	-1.93	.86	3	-	-	-
BALACO DA PROG.	4805	81	-	0.50	.76	3	-2.02	.66	4	9.85	.63	1	3.27	.75	3	28.17	.82	1
BANDEIRANTE DA PAMP.	3701	71	02	-2.08	.82	4	-3.09	.78	4	5.47	.71	1	-9.17	.81	4	27.12	.70	1
BARAO	5854	85	-	3.69	.83	1	5.02	.81	1	-1.45	.79	3	16.64	.82	1	-4.86	.76	3
BATAO	247	67	-	-4.47	.81	5	-1.21	.78	3	3.51	.79	2	-18.43	.80	5	17.21	.78	1
BEIJO DA OV	4027	87	-	5.86	.72	1	1.78	.61	2	-	-	-	21.31	.71	1	-	-	-
BERCO DA S.SE	3838	86	-	3.76	.72	1	5.71	.61	1	4.45	.60	2	16.30	.71	1	-	-	-
CAMPOLINO	243	67	-	6.47	.80	1	-0.60	.76	3	4.98	.63	1	30.53	.79	1	-	-	-
CAPANGA DA SR	3764	84	-	1.55	.64	2	3.54	.61	2	9.01	.63	1	7.86	.62	2	24.94	.62	1
CARNE DE TAB.	5463	82	-	5.85	.79	1	2.65	.74	2	2.36	.73	2	25.58	.78	1	-20.81	.72	1
CASTICAL DE TAB.5474	82	-	-	1.64	.91	2	9.96	.90	1	10.02	.86	1	8.04	.91	2	25.62	.85	1
CERIMONIAL DE TAB.	4811	82	-	5.12	.79	1	6.56	.75	1	8.78	.74	1	21.73	.78	1	6.78	.73	2
CHAMEGO DA MUC.	1815	84	-	6.07	.86	1	8.89	.82	1	15.21	.71	1	25.10	.85	1	25.71	.70	1
CICLONE DE TAB	5421	82	-	-1.50	.90	4	4.85	.87	1	2.61	.81	2	-11.11	.89	4	22.80	.80	1
COACHEIRO DE TAB.	5441	82	-	1.98	.86	2	0.34	.84	3	5.94	.82	1	8.74	.85	2	7.42	.82	1
COLOQUIO DE TAB.	5494	82	-	3.84	.87	1	3.83	.83	2	-0.93	.80	3	19.55	.86	1	-13.37	.79	1
COMPETENTE DE TAB.	5484	82	-	3.85	.79	1	4.00	.77	2	2.38	.74	2	19.64	.78	1	-7.37	.73	1
CRATIVO DE TAB.	5607	82	-	0.50	.87	3	7.83	.86	1	-5.02	.84	4	7.98	.86	2	-25.26	.83	1
CRISTAL DE TAB.	5458	82	-	3.01	.84	1	4.08	.80	1	3.36	.66	2	10.27	.83	2	-2.21	.85	1
CRUZADO DA MUC.1741	85	17	-	6.32	.83	1	5.11	.72	1	13.86	.69	1	28.46	.82	1	22.66	.86	1
DANIAO	5852	83	-	-4.39	.85	5	-7.44	.81	5	5.32	.66	1	-17.68	.84	5	32.70	.85	1
DERRAMADOR DE TAB.	3289	83	-	3.16	.69	1	0.44	.64	3	-6.72	.60	5	13.92	.67	1	-	-	-
DESANIMO DE TAB.	1400	83	-	2.06	.71	2	5.79	.66	1	4.71	.63	1	15.77	.69	1	10.49	.82	1
DESIGNIO DE TAB.	1400	83	-	2.06	.71	2	5.79	.66	1	4.71	.63	1	15.77	.69	1	10.49	.82	1
DESQUITADO DE TAB.	1366	83	-	5.15	.90	1	7.22	.88	1	11.21	.81	1	23.11	.89	1	9.74	.80	1

Continuamos a publicação da lista dos melhores touros de corte zebrinos na próxima edição.

NÃO PERCA!

RESULTADOS DA 32ª EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE

A 32ª EXPOSIÇÃO de Animais de Presidente Prudente, realizada de 04 a 17 de setembro p.p., comercializou um total de R\$ 1,45 milhão, com 1774 lotes, entre bovinos e equinos, nos 23 leilões realizados. A mostra prudentina contou ainda com um público de mais de 200 mil pessoas, e só no dia 16/09, com a realização de 5 Rodeio do Oeste e do show da Dupla sertaneja Zezé de Camargo & Luciano, mais de 22 mil pessoas circulavam pelo Recinto de Exposições, entre pagantes e não pagantes. A comercialização paralela, entre troncos, balança, semens, vermífugos, bebedouros, rodas d'água e

carros, ultrapassou os R\$ 300 mil.

Como um dos centros das raças Nelore Padrão e Nelore Mocho, a 32ª Expo foi dividida em dois turnos, para melhor atender os criadores, recebendo cerca de 600 animais entre duas raças, fazendo de Prudente uma das maiores exposições de Nelore, reunindo os maiores criadores do país. Para o Presidente da Comissão Executiva Central, Irineu Gonçalves Filho, e o Presidente da Sociedade Rural do Sudoeste Paulista, promotora do evento, Valdecir Manin Junior, a 32ª Expo consolidou o trabalho de 53 anos de certames.

RESULTADO DOS JULGAMENTOS

EQUINOS				
RAÇA	GRANDE CAMPEÃO	PROPRIETÁRIO	GRANDE CAMPEA	PROPRIETÁRIO
ARABE	Phanton VF	Jairo Queiroz Jorge	Darling World	Jairo Queiroz Jorge
QUARTO DE MILHA	Xupeta	Haras Xupeta	My Special Sierra	Haras GR
MANGALARGA	Galante da Meirilles	Espolho de Antonio Meirilles	Fascinação SCD	Haras Tres Pedras
MANGALARGA MARCHADOR	Cadum da Nova Geração		Turista do Espinho Preto	Roberto Fernando Duarte
BOVINOS				
RAÇA	GRANDE CAMPEÃO	PROPRIETÁRIO	GRANDE CAMPEA	PROPRIETÁRIO
GELBIEH	Inchung	Luiz Augusto Muller	Atenas da Dinora TE	Luiz Augusto Muller
SANTA GERTRUDIS	Berão Vermelho	Eduardo da Rocha Azevedo	Arata	Eduardo da Rocha Azevedo
SIMENTAL	Nutzen da Ajuricaba	Agropecuária Ajuricaba Ltda	Jarina da Capela	Luiz Turpinho
MARCHIGIANA	Lampião IS	Israel Sverner	Ida de Quatro Imãos	Intayama Agropecuária
HOLANDEZA	WT Tubarão Starbuck Hero	Wiki Ton Junior	La Sapiente Elus	Beatrix Sanchez Melo Sacchetti
LIMOUSIN	Goplino Albert	Antonio Magno G. Ribeiro	Glorie	Amílcar Faria Yamin
CANCHIM	Trovão FJ	Francisco Jacinto da Silveira	Campanha da Santa Lucia	Osvaldo Guazzelli
NELORE	Mig da Zebulandia VR	Jose Carlos Prieto Cunha	Tityta MJ do Sabia	Abner Laborna Vale Mendes
NELORE MOCHO	Genio do Aro Verde	Ariel Cardoso Galoli	Âncora da GR	Dionisia C. Blundo de Souza

RESULTADO DOS LEILÕES

EQUINOS	DATA	Total	Nº de ani.	Média geral	Média de machos	Média de fêmeas	Leloeira
ARABE	11/09	R\$ 6,46 mil	8	R\$ 862,50	R\$ 744,00	R\$ 550,00	Taiyana Silva
SILVER SALE/QUARTO DE MILHA	09/09	R\$ 44,1 mil	26	R\$ 1,69 mil	R\$ 2.000,00	R\$ 1.500,00	Taiyana Leilões
NOVA DIMENSÃO	13/09	R\$ 19,4 mil	21	R\$ 923,81	R\$ 1,07 mil	R\$ 750,00	Taiyana Leilões
MANGALARGA MARCHADOR	17/09	R\$ 18,15 mil	21	R\$ 864,29		R\$ 909,00	
BOVINOS	DATA	Total	Nº de lot.	Média geral	Média de machos	Média de fêmeas	Leloeira
RAÇA HOLANDEZA	07/09	R\$ 39,84 mil	41	R\$ 971,71	R\$ 840,00	R\$ 1,02 mil	Taiyana Leilões
SANTA GERTRUDIS		R\$ 22,82	17	R\$ 1,33	R\$ 1,46 mil	R\$ 1,05 mil	Taiyana Silva Leilões
QUARTO DE MILHA	15/09	R\$ 60 mil	41	R\$ 1,51 mil	R\$ 1,57 mil	R\$ 1,77 mil	Taiyana Leilões
MARCHIGIANA	16/09	R\$ 36,05 mil	26	R\$ 1,38 mil	R\$ 1,47 mil	R\$ 1,24 mil	Taiyana Leilões
ANGUS-BELA VISTA Aber Angus	12/09	R\$ 96,6 mil	73	R\$ 1,32 mil	R\$ 450,00		
BERDEEN-ANGUS 1/2 SANGUE						R\$ 528,00	
BRADFORD						R\$ 1,4 mil	
CHAROLES	14/09	R\$ 73,39 mil	44	R\$ 1,66 mil			Taiyana Leilões
FAZENDA BARTIRA E CONV.	06/09	R\$ 75,9 mil	533				
QUARTO DE MILHA		R\$ 21,6 mil	17	R\$ 1,2 mil	R\$ 1,4 mil	R\$ 857,14	Taiyana Silva Leilões
BOVINOS		R\$ 54,34 mil	315	R\$ 172,51	R\$ 193,99		Taiyana Silva Leilões
11/11 GR - NELORE MOCHO		R\$ 122,4 mil	71	R\$ 2,72 mil	R\$ 2,46 mil	R\$ 2,6 mil	Fernete
NELORE A CAMPO	07/09	R\$ 66,52	40	R\$ 1,22 mil	R\$ 1,26 mil	R\$ 420,00	
DAS MARCAS	15/09	R\$ 41,74 mil	217	R\$ 192,37			Taiyana Silva Leilões
PRUDENCORTE II/GADO GERAL	11/09	R\$ 28,46 mil	174	R\$ 163,60			Taiyana Leilões
NELORE PRATA/PO E POI	10/09	R\$ 136,44 mil	75	R\$ 1,51 mil			Taiyana Silva Leilões
NELORE "HY"	09/09	R\$ 130,6 mil	88	R\$ 1,47 mil			Taiyana Leilões
NELORE NOVOS TEMPOS	06/09	R\$ 67,2 mil	49	R\$ 1,37 mil	R\$ 1,47 mil	R\$ 1,1 mil	Taiyana Leilões
PRUDENCORTE I - GADO GERAL	04/09	R\$ 35,5 mil	190	R\$ 176,42		R\$ 79,28	Taiyana Leilões
PRUDENMOCHO - MOCHO	07/09	R\$ 78,4 mil	461	R\$ 1,7 mil	R\$ 1,9 mil	R\$ 1,1 mil	Taiyana Leilões

INDICADOR AGROPECUÁRIO COOXUPÉ

PRODUTO	ANÁLISE
 CAFÉ	Após iniciar o mês a R\$ 135,00 o mercado chegou a cair em meados do mês, chegando a R\$ 133,00 o café RA com 15%. Com as notícias sobre a seca nas regiões produtoras de café circulando no mercado, houve uma reação e o preço foi a R\$ 140,00. Sem elevar os preços, o mercado ficou um pouco mais frouxo no final de agosto, voltando para R\$ 135,00. Apesar das notícias da seca sustentarem os preços, os analistas acreditam que isto não será suficiente para deixá-los acima de R\$ 140,00. A tendência do mercado é manter os níveis atuais. Os preços só vão aumentar se as compras das torrefadoras externas crescerem.
 ARROZ	Após um mês de mercado firme, o preço do arroz recuou 17% e se estabilizou na faixa de R\$ 11,30. A alta não teve sustentação porque o consumo não aumentou e as indústrias que beneficiam o produto saíram do mercado. Notícias de quebra da safra norte-americana em relação ao calor não foi suficiente para alterar o mercado, que tende a se estabilizar nesta faixa de preços para o próximo mês.
 LEITE	O preço do leite C melhorou 9% em relação ao último mês. Este preço representa 37% do preço pago pelo consumidor. Segundo os produtores, este valor chegou a 66% em 1990 e em 1993 o preço recebido pelo produtor já era 50% do preço pago pelo consumidor. Esta queda não deve se inverter, pois o mercado está saturado e está entrando, no Brasil, via Mercosul, o leite Longa Vida argentino.
 MILHO	Não houve no mercado de milho nenhuma notícia durante o mês de agosto que alterasse o quadro no mês de julho. Com a colheita da safrinha no Estado de São Paulo, o mercado se manteve o tempo todo bem ofertado e os preços chegaram a cair R\$ 0,20 em algumas regiões. O governo tem cancelado com antecedência os leilões marcados, pois não está havendo necessidade da intervenção do mesmo no mercado, devido à estabilidade da oferta de preços. O governo divulgou o novo preço de garantia de R\$ 6,00 para a safra 95/96.
 FEIJÃO	O preço do feijão subiu 17% em relação ao último mês, mas não foi suficiente para melhorar o poder de troca, que se manteve inalterado no mesmo período. Enquanto o feijão irrigado não chega ao mercado, a oferta do produto no entressafra está diminuindo e o mercado reagindo. A expectativa é saber quando entra no mercado o feijão irrigado do Nordeste para estabilizar o preço.
 SOJA	O preço da soja é praticamente o mesmo em relação ao último mês. Nesta época do ano, em que se acompanha o desenvolvimento da cultura nos EUA e o início do plantio no Cone Sul (Brasil, Argentina, Paraguai), as cotações meteorológicas e que cadenciam o mercado. O atraso no plantio no Brasil e as altas temperaturas registradas nas regiões produtoras norte-americanas não foram suficientes para aquecer o mercado.
 HORTALIÇAS	O mercado de hortaliças continua em baixa devido a grande oferta no CEAGESP: beterraba, cx 25 Kg, R\$ 2,50 a R\$ 3,00; cenoura, cx 25 Kg, R\$ 4,00 a R\$ 5,00; tomate, cx 23 Kg, R\$ 5,00 a R\$ 7,00; pimentão, cx 12 Kg, R\$ 5,00 a R\$ 6,00. O mercado de cebola está sendo abastecido pela região de São José do Rio Pardo, Monte Alto, Pernambuco e os preços estão relativamente iguais para a saca de 45 Kg, que está sendo comercializada a R\$15,00, com recebimento para 30 dias.
 CANA	O preço da tonelada da cana é o mesmo em relação ao último mês, mas o poder de troca piorou 15% no mesmo período. Em plena fase de colheita, os produtores estão entregando um produto com baixos teores de sacarose, o que significa dizer que eles estão recebendo R\$ 1,00 a menos por tonelada, o que piora ainda mais a relação de troca.
 CARNE	O preço da arroba do boi gordo baixou 17% em relação ao último mês. A oferta aumentou, pois os produtores preferem vender o animal mesmo abaixo do peso ideal, a vê-los emagrecer nas pastagens secas. O preço da arroba do suíno também baixou e atingiu R\$16,50 com pagamento para 12 dias. O preço do Kg do frango vivo baixou 13%.

1-DATA DE REFERÊNCIA: 4/9/95 2-Café preço médio RA 1 COOXUPE 3-Os volumes são líquidos recebidos pelo produtor 4-Dólar Câmbio Flutuante preço de compra R\$ 0,948 - No caso do leite, descontar frete e Funrural 5-Analista: Alexandre Vieira Costa Monteiro - agrônomo COOXUPE

PREÇO	PODER DE TROCA
Saca de 60 kg	Saca necessária para adquirir 1 t. de 20-05-20
R\$ 137,00	
US\$ 144,50	
	1,94
Saca em casca de 60kg	Saca necessária para adquirir 1 t. de 04-14-08 + zinco
R\$ 11,30	
US\$ 11,90	
	15,55
Litro de Leite C	Litros necessários para adquirir 1t. de ração 22% AE
R\$ 0,27	
US\$ 0,28	
	734,65
Saca de 60 kg	Sacas necessárias para adquirir 1t. de 04-14-08 + zinco
R\$ 6,80	
US\$ 7,20	
	38,90
Saca de 60 kg	Sacas necessárias para adquirir 1t. de 04-14-08
R\$ 24,00	
US\$ 25,30	
	7,30
Saca de 60 kg	Sacas necessárias para adquirir 1t. de 00-20-10
R\$ 9,90	
US\$ 10,40	
	20,30
Caixa Cenoura 25 kg	Caixas necessárias para adquirir 1t de 04-14-08
R\$ 5,00	
US\$ 5,30	
	35,00
Tonelada	Ton. necessárias para adquirir 1t. de 18-00-27
R\$ 12,40	
US\$ 13,10	
	21,70
Kg frango vivo	Quilos necessários para adquirir 1t. de ração final
R\$ 0,60	
US\$ 0,65	
	353,85

Indicadores Gerais	AGO/95	No ano	Últimos 12 mes.	Proj set/95
UFIR	0	11,77	21,84	-
Dólar oficial	1,49	12,55	6,48	1,60
Ouro (BM&F)	1,94	9,64	(3,69)	2,00
TR	2,60	23,51	36,92	1,93
IGP-M	2,20	13,28	19,25	2,30
RENDA DO DINHEIRO				
Poupança	3,11	28,52	45,38	2,44
CDB Pré (Taxa Bruta)	3,40	34,53	56,84	3,10
CDB Pós (Taxa Bruta)	3,35	34,85	54,81	3,15
Fundos de Curto Prazo (Taxa Bruta)	2,90	26,41	40,84	2,60
CUSTO DO EMPRÉSTIMO				
Crédito Rural	3,62	35,04	44,72	2,95
Desconto de N.P.	9,50	103,22	156,66	9,00
Cheque especial	13,00	191,25	371,51	12,00
Dados disponíveis até 5.9.95				

TRATORES NOVOS E USADOS RS

MARCA MODELO	ZERO	1994	1993	1992	1991	1990
MASSEY 250-X Estreito	16.700	15.030	13.527	12.174	10.956	9.860
MASSEY 250-X	15.800	14.220	12.798	11.518	10.360	9.329
VALMET 685-FRUTEIRO	21.290	19.160	17.244	15.519	13.967	12.570
MASSEY 265	19.900	17.910	16.119	14.507	13.056	11.750
MASSEY 275	23.900	21.510	19.359	17.423	15.580	14.112
VALMET 885	34.764	31.287	28.158	25.342	22.807	20.526
MASSEY 292	31.400	28.260	25.434	22.890	20.601	18.540

Preços médios calculados pelas agências, referentes ao dia 4/9/95

ND Não disponível



COOPERATIVA REGIONAL DE CAFEICULTORES DE GUAXUPÉ LTDA.

Rua Manoel Joaquim Magalhães Gomes, 400
Tuf/Pabx.: (035) 551-5000 - Ramal 350
Telefax: 35-7256/35-7265
Fax: (035) 551-5200 - Guaxupé (MG)
Caixa Postal 104 - CEP 37800-000

Conselho de Administração:

Isaac Ribeiro Ferreira Leite

Presidente

Carlos Alberto P. da Costa

Vice-Presidente

Adriano Mattos

Antonio Carlos de Oliveira Martins

Cleto Azevedo Vilela

Emerson Joaquim Ribeiro do Valle

Galvê Francisco Junqueira Andrade

Maurício Pires

Superintendentes

Arthur Octavio Varilla Caldeira

José Libânio Ferreira Leite

José Luiz de Castro Filho

João Geraldo Rodrigues de Oliveira

Otávio Carlos Edizore

Otávio Vilas Boas

Conselho Fiscal

Elisevia

Eduardo Engel

Alcino Cardoso Monteiro

Regis Pedreira de Freitas

Suplentes:

João Roberto Caranage

Mário Elber Segretti

Roberto Roberto Bastião

Núcleos Regionais: Guaxupé (MG), Monte Santo de Minas (MG), Camoê do Rio Claro (MG),

São José do Rio Preto (SP)

Núcleos: Ouranópolis (MG), Nova Resende (MG), Vale Verde (MG), Altinópolis (MG), São Pedro da

União (MG), Caramuru (SP), Monte Carmelo (MG), Abaetetuba (PA), Alajópolis (MG),

Esmeraldas de Exportação: Santos (SP)

PRUDENTE PERDE UM DOS PIONEIROS DO NELORE

Nascido em 1912, no Japão, Hiroshi Yoshio completaria 83 anos no próximo dia 29 de setembro. Ele veio para o Brasil, ainda garoto com 6 anos, viajando a bordo do Sanuki Maru, com a família, tentar fazer fortuna no país.

A família desembarcou em Santos, em setembro de 1918, e seguiu para o Rio de Janeiro, antiga capital do país, onde seu pai abriu uma loja de produtos importados do Japão. Ele lembrava que com o comércio não teve sucesso. "Perdeu tudo, né? Ficou a zero e o jeito foi pegar na enxada".

Numa questão de sobrevivência, a família muda para Alvares Machado em 1919, onde arrendou uma área para

dutores optando pelo Nelore.

Em 1963, por intermédio do barrentense Nene Costa, Hiroshi adquire o touro Nagpur, importado da Índia, e em 1968, compra o animal que esta associado a sua competência com selecionador, o Taj Mahal, também importado. De seu plantel fez parte Innamum Poi da Zebulândia, filho de Karvadi, também importado.

Em 1978, nasce R. Karvadi, neto de Taj Mahal importado, na linhagem materna, e neto de Kavardi na linhagem paterna, uma verdadeira consagração do criador como selecionador. R. Karvadi foi o Poi mais premiado do criador, nas mostras do Brasil, conquistando 16 títulos de Grande Campeão.

Hiroshi frequentou apenas 4 anos de escola, e contava que aprendeu muito sozinho, pois estudava aos domingos. Para selecionar Nelore, ele lembrava da importância do amigo Toninho Cavaleiro, "um entendedor de zebu", dizia Hiroshi.

Suas conquistas hoje levam o nome de Agropecuária Yoshio S/A, e a prática da agropecuária em cria, recria e engorda, além das explorações de algumas culturas anuais, tem ainda o rebanho de seleção, que leva a marca HY.

Acionista principal da Tairana Central de Congelamento de Sêmen, fundada em 1974, ele visava melhorar o plantel da região. Para tanto sucesso, Hiroshi dizia sem vacilar, que a receita é "muito trabalho, honestidade e união, pois ninguém faz nada sozinho, toda a família tem que cooperar".

Hiroshi Yoshio teve 4 filhas, e dizia que havia ganho 4 filhos, com os genros. Homem de boa memória, traços marcantes, com uma economia nas palavras e gestos lentos, que traduziam paciência e sabedoria.

Ao Japão voltou apenas para passear, e afirmava que havia atingido o sonho de prosperidade que arrastaram milhares de japoneses para o Brasil. Ele não conseguiu, como alguns, largar tudo e voltar para sua terra natal, e os motivos eram claros, ele contava: Minha mulher, filhas, genros e netos, são brasileiros, assim como eu, que me naturalizei e elegi o Brasil como minha verdadeira pátria."

RODOLPHO ORTENBLAD

Faleceu no dia 18 de Setembro, 96 anos de idade. Engenheiro e agropecuarista, foi um dos iniciadores da raça Tabapuã. Foi também, superintendente da Pirelli, presidente da CMT, da Light e da Associação dos Ex-Alunos do Mackenzie. Veu de D. Nadyr Penteado Ortenblad, deixa os filhos; Rodolpho Ortenblad Filho, casado com D. Wilma Rudge Ortenblad; Dorival Penteado Ortenblad, casado com Maria Cecília Rudge Ortenblad. Foi também o filho Arthur Ortenblad Neto, falecido, que foi casado com D. Maria Luísa Assumpção Ortenblad. Deixa netos e bisnetos.

Como já escrevemos Rodolpho Ortenblad foi um dos fundadores da



iniciar a produção de culturas de subsistência. "Prudente não existia, era só mata virgem", recordava Hiroshi.

Em 1939, casa-se com a nissei Conceição Mitiko Kuramoto, quando Prudente entra no ciclo do hortelã, e que Hiroshi definia como "febre". Além de investir na plantação de hortelã, ele investe numa indústria para a produção de essência cristalizada.

O lucro do hortelã é investido no algodão, e Hiroshi chega a plantar 2.000 hectares, utilizando apenas tração animal. Buscando outra fonte de renda, quando adquiriu em 1960 uma fazenda na região de Prudente, ele parte para o investimento na pecuária, começando com gado mestiço, e em 1961 viaja pelo país em busca de bons repro-



raça Tabapuã, que pode ter seu início em 1941 e mais tarde adquiriu grande destaque como criador. Na XV Exposição Nacional de Zebu, realizada em Uberaba apresentou o Grande Campeão e Campeã da Raça Tabapuã, Campeão e a Campeã Seniores, Campeã Vaca Jovem e a Reserva de Grande Campeã. Os reprodutores que levavam sua marca "K", sempre foram vitoriosos nas exposições que participavam. Sempre prestigiosas as exposições e leilões no Parque de Água Branca, onde geralmente era encontrado ao lado dos melhores produtores que apresentava, atendia seus amigos, clientes e demais interessados. Foi um grande selecionador e muito considerado por seus companheiros.

Nome do Empreendedor	DE	Participação (%)	Valor (R\$ mil)	Porcentagem (%)	Procedimento
ANAKIA LARINA INSPIRACION	PC	2/10	365	8522	306,8
LUNADA DE ACTORES	PC	1/10	330	6953	248,3
CLASADO ADELHO HIPOTECATI	PO	2/10	355	3593	3,35
CLASADO DE 2 A 2 ANOS					
RECONHECIDA SONIA	PCDC	2/10	365	11051	3173
JAZOXA O. L. 228	GC2	2/1	360	9620	284,2
BOM BOM	PC	2/10	339	6538	208,7
SO RELIZIENTE BEAUTIFOL CHLATES	PC	2/10	365	8485	272
CALDAS BLACKSTON LOUVRES	PC	2/10	365	6404	208,2
CALDAS SANTOS KINY TE	PC	2/10	365	8423	259,9
CALDAS MANDUINO DEBORA	PC	2/10	365	1175	328,8
CALDAS VICTOR HECHEA	PC	2/10	365	4826	207,8
SO RELIZIA FARGES, MANOJA 72	PC	2/10	324	7678	248,6
DONIA ANY CARLA EST. THOZEA	PC	2/1	312	7142	228,1
FLAVIA FENY CARLA CAMBERA 1502	PC	2/10	365	7303	257,8
FLAVIA CARLA COOLEY FAY TE228	PC	2/1	366	7226	236,7
HOLOMBRA AMELIA	PC	2/10	365	654	208,2
FLAVIA MANDUINO DANICA 339	PC	2/10	365	7018	240,9
DEBORAH	PC	2/10	365	654	208,2
LAGOS SULTAN	GC2C	2/10	338	6904	208,6
FLAVIA FENY CARLA FILAM, MANOJA 71	PC	2/10	365	7303	257,8
FLAVIA ANTONIA CONSELHEIRO REINHARDT	PC	2/10	365	6323	205,3
R. NUNES DE OLIVEIRA	PC	2/10	365	6323	205,3
ME CAFARIA ESTRELA JUBILEUS 7	PC	2/10	365	6323	205,3
ADRI MAGEM G. BARONET	PC	2/10	334	5378	199,4
ANTHONY LEZARDIAN DASY ET311	PC	2/10	365	5502	184,9
WILHELMINA GONZALEZ GONZ. DAUSTER	PC	2/10	319	4768,3	153,7
EUROPA JUBILEU INTYTHY	PC	2/10	365	5502	184,9

CLASSE AS - DE 2 H A 3 ANOS

30	PEQUENA NATHAN MARINHA30	PO	2:18	380	8417	285,6	3,30	MIGUEL A. MASTROPETRO
31	PEQUENA TATIANA 31	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
32	PEQUENA TATIANA 32	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
33	PEQUENA TATIANA 33	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
34	PEQUENA TATIANA 34	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
35	PEQUENA TATIANA 35	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
36	PEQUENA TATIANA 36	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
37	PEQUENA TATIANA 37	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
38	PEQUENA TATIANA 38	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
39	PEQUENA TATIANA 39	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
40	PEQUENA TATIANA 40	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
41	PEQUENA TATIANA 41	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
42	PEQUENA TATIANA 42	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
43	PEQUENA TATIANA 43	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
44	PEQUENA TATIANA 44	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
45	PEQUENA TATIANA 45	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
46	PEQUENA TATIANA 46	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
47	PEQUENA TATIANA 47	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
48	PEQUENA TATIANA 48	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
49	PEQUENA TATIANA 49	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
50	PEQUENA TATIANA 50	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
51	PEQUENA TATIANA 51	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
52	PEQUENA TATIANA 52	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
53	PEQUENA TATIANA 53	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
54	PEQUENA TATIANA 54	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
55	PEQUENA TATIANA 55	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
56	PEQUENA TATIANA 56	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
57	PEQUENA TATIANA 57	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
58	PEQUENA TATIANA 58	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
59	PEQUENA TATIANA 59	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
60	PEQUENA TATIANA 60	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
61	PEQUENA TATIANA 61	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
62	PEQUENA TATIANA 62	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
63	PEQUENA TATIANA 63	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
64	PEQUENA TATIANA 64	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
65	PEQUENA TATIANA 65	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
66	PEQUENA TATIANA 66	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
67	PEQUENA TATIANA 67	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
68	PEQUENA TATIANA 68	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
69	PEQUENA TATIANA 69	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
70	PEQUENA TATIANA 70	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
71	PEQUENA TATIANA 71	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
72	PEQUENA TATIANA 72	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
73	PEQUENA TATIANA 73	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
74	PEQUENA TATIANA 74	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
75	PEQUENA TATIANA 75	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
76	PEQUENA TATIANA 76	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
77	PEQUENA TATIANA 77	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
78	PEQUENA TATIANA 78	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
79	PEQUENA TATIANA 79	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
80	PEQUENA TATIANA 80	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
81	PEQUENA TATIANA 81	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
82	PEQUENA TATIANA 82	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
83	PEQUENA TATIANA 83	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
84	PEQUENA TATIANA 84	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
85	PEQUENA TATIANA 85	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
86	PEQUENA TATIANA 86	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
87	PEQUENA TATIANA 87	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
88	PEQUENA TATIANA 88	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
89	PEQUENA TATIANA 89	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
90	PEQUENA TATIANA 90	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
91	PEQUENA TATIANA 91	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
92	PEQUENA TATIANA 92	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
93	PEQUENA TATIANA 93	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
94	PEQUENA TATIANA 94	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
95	PEQUENA TATIANA 95	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
96	PEQUENA TATIANA 96	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
97	PEQUENA TATIANA 97	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
98	PEQUENA TATIANA 98	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
99	PEQUENA TATIANA 99	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA
100	PEQUENA TATIANA 100	PO	2:18	313	9340	256,2	3,37	PECUARIA ANHUMAS LTDA

CLASSE BS - DE 3 A 4 ANO

PRM	PO	5/6	3/58	5711	327.3	1.32	FAZ. E HARAS. SAO FRANCISCO
BEATRIZ SANT'ANA AGUIAR	PO	3/8	3/68	9518	220.7	1.21	MIGUEL A.MASTROPITO
RONALDE EDOZ TAPPA	PCOC	4/2	351	9338	282.8	1.31	C. WOLTERS OU M. KAHN W.
WILLIAM SVEN REINER RAMOS	PO	3/18	3/68	8130	288.8	1.23	FAZ. E HARAS. SAO FRANCISCO
ALDO GUIMARAES	PO	3/18	3/68	8130	288.8	1.23	FAZ. E HARAS. SAO FRANCISCO
ARGO GUIMARAES ELEVATION	PCOC	3/18	3/58	8902	271.8	1.15	PECUARIA ANHIMAS LTDA
ALMIRANTE LUIZ BEATRIZ TEIXEIRA	PD	4/4	368	7984	248.4	1.57	JOSE GILBERTO D.OLIVEIRA
TERESA MARGARET FRAPC3321	PD	3/6	346	7234	126.1	1.13	AFONSO NOD DE FREITAS
TERESA WIGZ MED BO PUMZ4314	PD	3/6	346	7234	126.1	1.13	AFONSO NOD DE FREITAS
MADALGA DE	PD	3/7	312	5163	195.5	1.29	GABRIEL E. SEIHO SHIMO

CLASSE CJ - DE 4 A 4 H ANO

[illegible]

NO NOVICA LAMNOSI HABILITACIJE
HERITAGE PL. SLOVENIA

[illegible]

ITALO GAZZERA, BRUNO AGLIARDI

ALZEU NETO PICHIMAN	PO	671	321	6271	180	4	E. F. DE CARVALHO E SILVA
CLASSE D - MAIS DE 5 ANOS	PO	32	310	4908	397	7	J. JOSÉ GUERREIRO
DEBETE CAVALHEI ALVARADO	GUT	678	304	13719	402	4	OSCAR MORG. DE FREITAS
OLIVEIRA S. RAMOS DA SQUEZA	GCS	1205	311	18904	441	3	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
HELIZA S. RAMOS DA SQUEZA	GCS	1205	311	18904	441	3	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
WILSON STABURUG GRACIA	GO	619	305	15687	328	3	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
A. F. FORTALEZA VAMARRAS	PO	619	305	15681	327	1	RICARDO BARROS LELLA
DA SQUEZA SQUEZA SQUEZA	GO	619	305	15681	327	1	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
DA SQUEZA SQUEZA SQUEZA	GO	619	305	15681	327	1	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
DA SQUEZA SQUEZA SQUEZA	GO	619	305	15681	327	1	ARMANDO E. DE LIMA MENDE
F. SAGUINI, SARA SOARES VALLA	PO	71	305	9919	218	2	ALVARO GRABER

DEBORA VALJANI 21 DE GRUNO
BRONKHORST HOUT

SHOWCASE PRODUCTIONS INCOLIAES	PO	8/1	9203	235.9	3.40	DINCELI ANTONIO OGAMFIRI
STANLEY INDUSTRIES INCORPORATED	PO	3/1	360	820.1	379.3	590 IETAPURA COM. AGRIF. LTDA
NVA ANDREY BOOTE	PO	1/18	513	8986	287.9	3.23 MIGUELA MASTOPETRO
RAULER VISA TAVOYI 8424571	PO	5/1	294	294	294	590 IETAPURA COM. AGRIF. LTDA
FRANCIS H. UNGER LEMER TESTE	PO	6/10	345	246.8	246.8	08 DONALD GUGLIER
ALBERT H. UNGER	PO	7/1	341	8383	327.2	3.1 TSUMIKIHO REGICH
GO JONEN ANTO ESCOUTAS	PO	6/10	320	2258	2258	3.89 PECIAPARA AHUMADA LTDA
WILET H. DOUGLAS HUNTER	PO	8/10	215	769	314.8	100 TLEBICHO REGICH
CLAYTON THE AGILEY ET	PO	2/1	326	3369	3369	05 ARMANDO S. LIMA REGICH
ADAM CLAYTON KATZBERG	PO	6/10	330	7352	232.8	3.51 GIOVARI BRANCOZURHO GARGIS
WILLIAM DAVID LIND						

GEORGIA HOWARD ALLMARSH
MAY FIRST 1945

MAD MARKS (TAPURAS)	PG	7	208	7330	255,3	2,48	ITAPURA COM. AGROP. LTDA
P. IDENTIFICA (POZZYKIST)	PG	618	308	7331	263,5	3,28	ITAPURA COM. AGROP. LTDA
ROSE VILDE MANDUVO REPOSICII	PG	421	421	8	264,0	2,50	ALZENO PRADO E C
MIAMI (MIRANET)	P-C	51	302	6973	224,1	3,33	LINS ROBERTO BERNARDI
ROSE VILDE CAMP (COTTONS)	PG	734	334	6981	228,2	2,83	TSUNASHIRO HEDUCH
ESALQ ELEYNY MARALD	PG	678	213	6798	232,9	2,46	MITSUKI ENOSHIMO
PRONATA PRONATA ROSA (DRI AMIST)	PG	235	694	7105	215,7	2,44	E. SBR DE A. LUC DE OLIVEIRA
PRONATA PRONATA ROSA (PRIST)	PG	235	694	7106	215,7	2,44	ALBERTO L. LUCHMAN
PRONATA ELEKTRON	PG	71	310	7323	191,9	2,67	EDU F. DE CARV. EST. SULMIRA
ELITE CARURUC SARA MC	PG	338	338	7345	174,7	2,34	MARCOS FROES TENRA

NONATA RYMER	QC 1	518	528	570	170.0	3.00	EDU. F. DE CARV. EST. OLIVEIRA
ESALD FARMER DONALD	PCOC	W12	502	508	100.0	3.00	HELIO MOREIRA SALLES

EPICL AMETISTA V. CINQUE	PO	81	101	200	144,2	1.2	E. SUP DE A. LUIZ DE OLIVEIRO
DMITA BACOTA DA GLARIUS2	PO	88	818	4124	123,9	3.1	E.F. DE CARL BOT. SILVEIRA
	PO	56	313	3267	17,7	3.29	GRACIANA GLARIUS
RAÇA: HOLANDESA PRETA DE BRANCO NR ORDS: 3x							
CLASSE AA - ATÉ 2 ANOS							
WU DORCE RANGENH3	PO	308	340	8944	320,3	3.2	WU AGROPECUARIA LTDA
CHURUS CAN. VOLGSE SHAPIRE1955	PO	179	313	8304	294,8	3.46	CAA AGRICOLA NORO AMERICA
P. WAPA SOUTHWINDERS4	PO	28	165	8302	235,2	1.5	FAZENDA PAVAOIS S/A

Nome do Jockey	Clas	Idade (Anos)	Participações	Victórias	%	Prize
AGUA BOYLIANT ROSA2213	PO	1:19	387	723	25.3	3.34
2090	PCOD	1:10	334	604	21.9	3.44
2127	PO	1:10	306	497	17.7	3.31
CLASSE AJ - DE 2 A 2 1/2 ANOS						
JOHN GOTT BLACKSTAR CHENS	PO	2:05	355	1170	37.5	2.20
2073	PCD	2:05	355	1170	41.6	3.32
ATUBAIA CECILIA BAR LEI	PCOD	2:11	383	1904	30.7	3.34
2075	PCD	2:05	305	1505	33.5	3.34
PI VALAUA JAMBER734	PO	2:02	305	1600	31.8	2.17
JUAREZ 32 DE HEDER	GC6	2:09	323	741	33.5	3.48
ATUBAIA CECILIA BAR LEI	PO	2:02	340	1605	33.5	3.48
WOL DIANA GHESE MARK TE37	PO	2:08	305	1502	31.2	2.43
GINAS GLOV HORTAZA30	PO	2:03	305	1603	34.4	3.41
CONDOMINIO INSPIRATION PHASE141	PCD	2:02	305	1503	33.5	3.41
ALAN JETHRO JOYV1439	PO	2:05	305	1605	33.5	3.32
MARLU DUSTER DE WHH906	PO	2:08	306	1617	38.3	3.61
2098	PCD	2:07	314	1623	38.3	3.61
BOBURI BROKER ASHLEY106	PCD	2:05	305	1610	39.7	3.62
MARLEA LARA STARBUCK17	PO	2:11	300	1620	28.5	3.49
2099	GC6	2:07	317	1627	38.3	3.49
ALAN JETHRO JOYV1439	PO	2:11	311	1616	28.4	3.48
2096	NR	2:02	319	1792	28.3	3.36
2108	NR	2:09	309	1749	28.1	3.33
2109	NR	2:03	319	1729	28.1	3.33
2052	PCOD	2:02	327	1787	27.3	3.33
2100	NR	2:11	329	1791	27.3	3.33
ALBERTINIS JUCA LABAN711	PO	2:11	323	1771	25.3	3.33

S. E. COLUMBUS CATARINA FAJEDD
DAVY OLADRA MARS DE ATIDIA

FRAMPELAS LINHO TAMIARA CAFV252	PO	20	344	4000	111.8	2.30	APRIL 2
CLASSE AS- DE 2 1/2 A 3 ANOS							
MANGUINHO GRIETA 71 DE CALZADOPR1905	GC4	2/8	305	11230	314.9	3.83	CHIA MARIN 2
ALBERTO CARACOLU LILLY FORTY	PO	2/8	304	10494	315.2	3.83	NARA 2
WILLY GERES CERIA CEBRAB30	PO	2/10	305	10490	315.3	3.21	CHIA MARIN 2
REMA RIB VINTAGE242	PO	3/0	310	10113	315.7	3.25	APRIL 2
REMA RIB 18009	PO	2/7	311	10110	315.8	3.42	CHIA MARIN 2
MIRANDA 27 DE SALVADORESD6	GC3	2/6	305	8193	316.7	3.42	CHIA MARIN 2
2108	PO	2/12	312	8093	323.7	3.79	CHIA MARIN 2
SAPAO 2 LEADING SAPHIRE34	PO	2/17	312	7060	324.7	3.42	NARA 2
P. LUPINI REAUTICAM304	PO	2/8	302	7097	326.7	3.42	NARA 2
LEITIAO GLEUDA JUVY ANNA127	PO	2/6	348	7777	377.8	3.25	MARIN 2
ALBERTAS NARA MARC TE230	PO	2/7	310	7600	378.2	3.25	MARIN 2
NEBULA	PO	2/7	309	7600	384.4	3.42	MARIN 2
CIBELLE ELEVIATION FROSTY DE WJ3118	GC C	1/3	342	1548	212.3	1.90	WALTER 2
JUREMA 411 411	PO	2/7	312	3130	187.9	3.42	WALTER 2

CLASSE BJ - DE 3 A 3 1/2 ANS

P. TWEEDY DUSTER#1	PO	3.5	314	9803	286.9	3.31	PADJEDJA
MARIKS JASMINA COUNT#00	PO	3.5	318	9808	226.6	3.28	MARIKS E
WYF CARLOTTA MEMORIAL#24	PO	3.1	305	8239	274.2	3.41	MOS
INSOLETA CHOICE 74 BROWNHORST	GC2	3.5	308	8937	238.9	3.72	DA ASSUM
MARIKS JUREMA CHAMBER#18	PO	3.0	311	7714	275.2	3.28	MARIKS D
MARIKS JUDMA PALCE#14 LAMBERT	PO	3.0	315	7815	255.2	3.47	MARIKS D
P. SALAZAR THORNHOLM#0878	PO	3.0	345	7123	188.1	3.25	PADJEDJA
SERVA ESTEVA CALYPSO#1974	PO	3.1	319	6915	188.1	3.42	MARIKS E
E. VALA# BRANTIC#199171	PO	3.0	305	8746	188.1	3.31	PADJEDJA

CLASSE BS - DE 3 H A 4 AN

P. THOMA SUZANZANI	PO	3/19 305	10966	322.2	3.83	FATIZMA
MARIUS IMPLACAVIA, ADONIS48	PO	3/19 315	10211	320.8	2.14	MARIUS D
XUXA AGRIUDUSMO	PO	3/19 340	8989	343.3	2.45	CM AGRIUD
DEBORIA VIL 30 DE GRUPOHRS	PCOO	4/6 327	8894	340.9	3.86	CM AGRIUD
LACTAR ACACIA BY COMMARIST	PO	3/8 327	8173	339.6	3.18	WIGGARD
UNIV FLORIDA SUMMER 2 ARLENHHS	POI	3/5 323	8154	339.6	3.18	WIGGARD
P. TITULAR NEGHSIO	PO	8/7 505	8051	376.5	3.19	MARIUS D
P. THOMA NEGHSIO	PO	3/19 305	8047	366.4	3.17	FATIZMA
P. THOMAS NEGHSIO	PO	3/19 305	8046	361.3	3.23	FATIZMA

BUSA CENTURAO ML602
CLASSE CLP 4.4.4.4 ANO

CLASSE C D 4 N 4 A 2 ANOS						
P. TABORI, JOE2119	PO	4/2	305	11806	303.2	3.00 FAZENDA
P. TALM THORWIG002230	POI	4/0	340	8902	337.2	3.10 FAZENDA
RIABRI BEUTH THORWIG 04457 ET45	PO	4/3	334	8375	338.0	3.20 NAVA 1
ALUMINIO GOLD JRAL1234	PO	4/2	320	233	216.0	3.20 NAVA 2
MARKET IDIA LEV445	POI	4/5	330	7141	268.0	2.70 NAVA 3
CLASSE C D 4 N 4 A 3 ANOS						
LULA AGROINDUSTRIA	GD4	4/0	210	11487	429.5	3.00 DA AMERICA
NONAMDALE STAR COUNTESS33	POI	3/4	254	10711	321.5	2.30 NAVA 1

ELIJORA ARGENTINA325
PRESTIGE DE B. 202 TITA CHARM 180

SHOREMAN STAR AGUA ET22	PCI	5/9	320	9070	551	2.4	PAZ E MARIA
REGIA AGRIQUIN5446	PCI	4/7	324	9513	581.9	2.62	CIA AGRIQUIN
ROTHIA AGRIQUIN5331	OC I	4/18	324	8407	531.4	3.21	CIA AGRIQUIN
P. SEARA R JOE2231	PCI	4/18	320	8846	530.6	2.28	FALCÃO E J
RUAPP AT JESSE GIBBY ET37	PCI	5/0	312	8412	564.8	2.85	MAURO E J
P. SELDA MATTADOR2231	PD	6/10	317	7703	524.2	2.15	FALCÃO E J
MENINA PERA	PCOC	5/8	306	7146	533.2	2.37	VILA PEREIRA

ZAPATA RANULFA M. DO SCM JAGUETES
NOLADA AGRINDUS819

BOSELL ROSA747	PC00	8/5	12919	443.1	1.46	CM AGROPECUARIA
AGUARDIENTE 3212 MAGIC DE SH 17021	PC0C	7/5	12969	449.1	1.27	VILA PIRENEIA
NEVASKA AGROINDUS 344	GC1	5/2	12227	333.7	1.25	CM AGROPECUARIA
P. REBROBADA JOE2115	PO	6/5	13195	458.7	2.54	FABRIL DA ALFACADA
ALUMINIO CAVALIER SHAWA40	PO	7/5	12190	324.2	1.34	AFONSO DE ALBUQUERQUE
P. SAOCHA MATAGOR21151	PO	5/5	12581	342.4	1.28	FLOR DA PAZ
PORTUGUESA ARGENTINAT2	GC1	5/2	12512	338.7	1.45	FLOR DA PAZ
P. HERRERA HONTE2116	PO	5/5	13053	391.4	1.42	FLOR DA PAZ
ARA BOLA527	PC0C	2/5	1552	95.8	1.16	FLOR DA PAZ

MARIAS FRIDA METYLOS
mari@cs.cmu.edu

P. PERA LANHEIRO	PO	6/6	325	1713	352.3	3.8	FALCÃO L. M.
REGADORIA ROSA173	PCOO	5/5	305	1023	174.2	3.35	CLA. AGUIAR
P. PEREIRA ROSA174	PO	6/6	305	1023	174.2	3.35	CLA. AGUIAR
KAT LITE BOOT BUILDER HEMPHRIS	PO	5/5	335	1039	182.3	3.84	FALCÃO L. M.
P. RIFINAGA JOE2151	PO	6/6	325	1411	275.3	3.84	FALCÃO L. M.
SAMANTHA55	KR	7/1	345	1063	136.3	2.75	CLA. AGUIAR
JANUADASH	PCOO	5/2	334	1089	213.8	2.89	CLA. AGUIAR
DAVID 1032 DA CAVEIRA779	GC-1	7/0	319	1017	308.8	3.24	CLA. AGUIAR
ALVARO ROSA819	PCOO	10/5	326	1344	1170	3.71	CLA. AGUIAR

DECORADA AGRINOS816	PCOD	7/8	341	8543	203.8	2.46	0.6	200
P. RIDDA ANTHONY2146	PO	5/3	345	7408	271.8	4.23	16.0	200

VILA PONTA NOVA/MT	PO	6/8	343	8476	238.3	48	VILA PONTA NOVA/MT
P. GIAPARA MADRAS/KA1254	PO	7/7	365	8310	239.9	214	PALMIRA/PA
IRLANDESA ARGENTINA/380	GC2	5/1	365	8219	243.7	77	IGUAZU/RS
MACHIDA ARGENTINA/550	GC2	5/1	365	7911	243.7	230	IGUAZU/RS
P. MALUCA MARIE RITE/1029	PO	6/8	365	7980	245.9	234	PALESTINA/PA
NESTORA D'AVILA	PO	6/8	365	7571	245.9	234	PALESTINA/PA
P. SAPOARA JOZE/11	PO	5/6	365	7222	248.2	218	PALMIRA/PA
P. REDEIA WYNCHES/1112	PO	6/8	365	7000	250.9	232	PALMIRA/PA
VALLA/PR	PCOD	7/8	317	1151	181.7	334	VALPARAISO/RS

P. PATRICK JUSTIN
P. PATRICK JUSTIN

RAÇA: HOLANDESA VER. E BRANCA NRO. OR		CLASSE D - MAIS DE 5 ANOS	
VAN DE GROES HELENA JOH NED	PO 67 322 15381 3804	2,96	HOLANDESA VER.
EICHENHOF FELICIA IRI	PO 640 340 7020 2143	2,22	BRANCA NRO. OR
VAN DE GROES HERMA JOH NED	PO 506 323 6514 1712	1,81	HOLANDESA VER.

CLASSE D - MAIS DE 5 ANOS

BARCRAFT PROMOTION RACE RED120 PDI 52 305 1984 2569 1.00 CLASSED 1994

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

Relatório de junho de 1995 - ano I

A.B.C./S.C.L. - I.Z./C.P.D.

Resultados de Lactações Terminadas

I Divisão - Até 305 dias

[illegible]

RAÇA: HOLANDESA PRETA E BRANCA Nº DE ORDS.: 2X

Classe AA - Até 2 anos

SO RACA SENSATION INTEGRAL	PQ	2	0	905	895	272.4	LM	2.52	PECUARIA APHUMAS LTDA
SO RACA NUTHEM MELISSA	PQ	1	100	905	9160	208.9	LM	2.50	PECUARIA APHUMAS LTDA
CALDAS POLO IRACY	PQ	2	0	905	7606	252.6	LM	3.10	GURHERME W. SOARES CALDAS
CALDAS VICTOR BELIZA	PQ	2	0	905	7025	291.3	LM	3.10	GURHERME W. SOARES CALDAS
CALDAS MOTO BOY CARNELA	PQ	2	0	905	7020	217.3	LM	3.85	GURHERME W. SOARES CALDAS
CALDAS LADANI VARELA	PQ	2	0	905	7020	217.3	LM	3.85	GURHERME W. SOARES CALDAS
LADOS UNICOS DANIELA TE	PQ	2	0	905	1732	150.8	2A	2.88	ARMANDO EDUARDO DE OLIVEIRA MENEZES
JORDANA A.C.L. 752	GC2	2	0	905	3531	161.8	2A	3.82	ARLDO DE OLIVEIRA LOBO
JOZEL JORGE SAMARA	PQ	1	1	295	3217	153.5	2A0	5.00	ESP. SUP. DE AGR. LUZ DE OLIVEIRA
JOZEL JORGE SAMARA	PQ	1	1	295	3217	153.5	2A0	5.00	ESP. SUP. DE AGR. LUZ DE OLIVEIRA

Classe AJ - de 2 a 2 1/2 anos

[illegible]

Classe BJ - de 3 a 3 1/2 anos

[illegible]

Class BS - 3 to 4 years

Classificação - 2.º e 3.º Vagos						
50 OROLOGIO ZIPPY GARANTIA 754	PD	3	8	300	8660	208,9 UM 2,37
51AL CROFT ELEVATION KA THERESA	SC2	2	8	300	4723	331,5 UM 3,81
52GARFIA M G BELL DO MEL. 30	OC3	3	3	300	7909	228,1 UM 2,02
53GARFIA IMPRESSUM MEDUSA	PD	3	0	284	7174	231,4 UM 3,28
54 LUGINE NOTATE	PD	3	0	300	7306	248,9 UM 2,27

STELA PETALA R. H. DO MELO/DO 333	GC 3	9	290	7181	2013.3.34	MELUZO BEBEM
QUILOROA LORRA VIE	PO	310	250	7181	2013.3.34	MELUZO BEBEM
ALUMINAGI LEISE CHIAMPA 130	PO	310	257	6907	2013.3.34	MELUZO BEBEM
FABOLA VSGO 834	PO	310	153	6828	2013.3.31	AFONSO DE MENDONÇA
OAK RIDGES (SHELLE 706	PCOD	310	345	6736	2013.3.31	AGRO MEDICAL
R. V. ANICATANA LADRUINO 531	POI	310	305	1601	2012.3.73	FABRIZIA DE MORAES
C/JO. BARRA N. COLLEDO 388	PO	310	305	4904	147.3.17	HELIO MONTENEGRO
NACVA PRA COUNT 333	PO	310	271	1575	194.3.18	JOSE GUERREIRA

Classe CJ - de 4 a 4 1/2 ano

DELMA 10HP - 300	PCOC #	2 294	9735	2963 13	8.84	APRIL 1981
MIRANTE CT MALTA 12	PCOC #	6 295	4905	2422 13A	2.85	HOLLANDIA
REINHOVAPO PERISTOLICA VIG 324	PCOC #	6 296	4905	2422 13A	2.85	HOLLANDIA
TESSALMA 11, PALMEIRA TE 2297	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
ROSAHIMMUS MENT. 24421 75	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
IVIM DALIA	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
KARIONA ALDO RACIM 113 93	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
NO OCAO KALPASH 109 158	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
SLZ LAM 75	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
PANFARMAS STARBUCK OLARIA 14	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
REINHOVAPO PERISTOLICA VIG 324	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M
CARMEN LINDO PERISTOLICA VIG 324	PCOC #	6 309	1202	1202 13B	3.20	GABRIEL E M

LAGOS ROYALTY BETTY
Classe CS - 4 1/2 e 5 anos

BONTJE 20 DE EXCELLENCE	QC 1	410	300	11580	423.8 LM 3 P1	QO20 CO2000
BONTJE 147 SUNNY DE E. J. L.	QC 1	418	308	10100	345.9 LM 3.40	QO20 CO2000
HAZELGROEST ODE SUZETTE 540	PO	510	370	8180	244.5 LM 2.90	YAKET 540
SILLEGROEST 88R VOLAND 332	POI	410	250	7960	217.8 LM 2.75	YAKET 540
FRONTIERE QO20 88	PCO2	410	250	5671	134.2 3.21	QO20 88R

HAZLECREST N. H. I. GRACE 540
FRANCIS NEBRASKA VALLEY LOT 5

HERONIA GULIE	PCOD 4	8	240	3213	111.2	238	MOLANNA			
Classe D - mais de cinco anos										
FERNANDA A. G. L. 190	GC 3	W	5	862	11188	318.19	278	ANILDO DE OLIVEIRA		
EROSTY RIGOLI, RE. 1903	GC 3	W	5	869	11090	343.12	316	AGRO-INDUSTRIAL		
GINILIA S. A. 191	GC 3	W	5	870	1091	291	282	AGRO-INDUSTRIAL		
INGANILINE MAGIC	PC 3	NH	2	319	287	10730	31	91.11.18	MARCEL AMARAL	
SO JACQUES LARINE HERBERTA 051	PC 7	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
NEIDA NASSI 203 BILHAR	PC 7	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
STELLA DEBORA TULLY 520 / 030	PC 7	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
CUNESIA 015 DE HARUM	GC 7	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
SAC DE OLIVO MINGO	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
GLENDAMALD TONI GILBERTO 58	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
ADRIANE VERA 1719 / 136	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
NACIADORA SC 108	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
DE HAUTER JUSTIN 122	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
NOI VEICE RUMIE PIERRE ECHO	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
WILLYS GEMA GLO 75	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
CONRADIA DE GLO 143	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
MIRANTE TS JACONIA 144	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
HIPOTEGIA PINE ROSE ALLAMARIC 02	GC 2	H	7	309	8380	202.3	320	316	271	MELODIA
MAZZOLAN PICH 78	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
WILLYS TONIA SAGADA 78	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
WILLYS WILLYS TONY C. 0631900 / 3753	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
RELIAM VERA SEBASTIAN MARIA ET. 84	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
MELINDA DE OLIVA N. BENEZICE 028	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
GLAVDIA RUM	GC 1	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
COLDSPRING 1925 ET	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
SOUTHERN CORTAL, ROSECRISTE	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
RUM COTA TYLE	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
ETERNA APOLLO YAKUT 8819	GC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
ALDENARO SIMON HORTAL 59	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
VAN DE GRIETI MARIA CAVALIER	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
LYNNIDA A. O. L. 68	GC 1	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
MARILLI SI ACE DE AGUIRRA 1551	GC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
NO ESTER GLO 1925	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
ADRIANE LUMIA 2204 / 201	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
FAVASSO MENEM MANE RITE 76	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
CONCERNIA RHF 223	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	
CONCERNIA RHF 223	PC 3	H	6	305	10200	206.6	316	271	MELODIA	

ALUMINUM BELL REK JASMAN 156	PO 5 1 3	360 8872	118 3 27	AFRICA	
JOE CHRIS EVERETT	PO 6/10	7/16	8096	222 3 37	MOBILE AL
PANORAMA SANDRO MANDINI	PO 6/10	298	45172	118 3 27	ALABAMA PRISON
ADRIANA DIANA 20033 7 39	PO 5 5	339 3		224 3 51	ALABAMA PRISON
ALICE CORSTIANA PINK ROCKY 143	PO 7 1	275	8811	106 4 13	MOBILE AL
JEANETTE	PO 6/10	210	0100	118 3 27	ALABAMA PRISON
SO FARELDA CHEF ZAQARUA TE 248	PO 1/17	241	8166	118 3 27	ALABAMA PRISON
PAUL LAM MEMORIAL NM 252	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
WETIE	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
FRANCIS MALCOLM G STEWART 572	PO 6 6	279	5762	144 3 19	CAROLINA
ALUA DOROTHEA IGH	GC 5 1/3	5	243 307	183 3 23	ALABAMA
CHAMBER 100 132	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
DEMONGA A J CEROPO	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
P. REPUBLICA ANTHONY TE 2555	PO 5/10	305	3413	180 3 23	ALABAMA
MAUSA CHEF SAMUEL ALUA 365	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
WILMA STAN ARTHUR ET 36	PO 5 3	304	3309	194 3 19	ALABAMA
SHARON GUARNEY BA HOLAND	GC 6 4/7	394	5389	201 3 14	ALABAMA
MIRANTE TE USA	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
PERCE CYSA DORE 77	PO 6 1	2	285 599	102 3 23	AFRICA
A. J. CEROPO FANTURA	PO 5/8	390	4701	100 4 03	AFRICA
IGH NOLA MALCOLM	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
SO LORITA FROST GADAMIA TE	PO 6/7	251	4548	154 3 10	ALABAMA
IGH ANTONIANA 119	PO 1/80	246	9412	152 3 10	ALABAMA
FORNATELLO DECCA A J CEROPO	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
FRANCIS JUAN TRANSITION TE 402	PO 6 8	220	4981	171 3 14	CAROLINA
METIA IGH	PO 6/10	210	0002	200 3 13	AFRICA
MAUSA INFLUITY ALUA DYKLER 294	PO 1/10	247	6634	118 3 27	ALABAMA
A J CEROPO DORA	PTDC 7 3	206	3003	160 3 49	AFRICA
P. OMBRODA GANBLER 1903	PO 12/7	42	3176	118 3 27	ALABAMA PRISON

Raca: Holandesa Preta e Branca Nº de Ordo: 3

HAÇA: HOLLANDES
ST: 11. MARS

Classe AA - Ale 2 anos							
PIPET (LEADMAN HERMAN) 1927	NR	2	0	300	9000	227.7 LM	2.71
2214	NR	2	0	305	6024	415.6 LM	3.30
2216	NR	2	0	279	5602	308.2 LM	3.90
P. VEREDA RONALY 2008	PO	2	0	301	8700	276.9 LM	2.98
AMADA EVELYNCHI ROSA 2009	NR	1	184	301	8225	181.4 LM	3.00
AMABELLA PRISCILE MIL 1412	GG	3	2	3	200	295.2 LM	3.27

II DIVISÃO ATÉ 365 DIAS

Preta e Branca Nº Ords.: 2

08

NON 301	PO	2/ 0	340	6290	220.3	3.50	COENRAAD WOLTERS OU MEZA HART
	GC 2	2/ 0	319	5458	100.0	3.03	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO

41 DB PO 1/10 334 404
16 pages

MPER 235 PO	2/ 5	5	355	10400	3112,3	2,84	AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
MPER 352 PO	2/ 5	5	357	9374	2343	2,81	MELISSO EMPY, RUARIS LTDA.
GC-1 2/ 5	3	3	364	8038	2054	2,96	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
GC-1A 708 PO	2/ 6	5	340	8604	2068	3,23	PERQUANA ANHUMAS LTDA.
712	2/ 6	5	342	8728	2068	3,53	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
IA 2461	2/ 2	3	365	8338	2040	3,37	GABRIEL E SERGIO SIMAO
IA 1228	2/ 2	1	365	8275	2794	3,38	C. WOLTERS OU MEZO HAHM W.
TE	2/ 2	1	365	8569	2060	3,46	ALVARO JOSE REZENDE ASSUNCAO
2/ 2	2	3	363	7401	2553	3,18	ITAPUARA S/A
2/ 2	2	3	364	7307	2553	3,18	GUILHERME W. SOARES CALDAS
2/ 2	5	3	314	7202	2241	3,69	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	5	3	360	7241	2241	3,69	AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
2/ 2	1	3	365	7180	2236	3,11	PERQUANA ANHUMAS LTDA.
2/ 2	1	3	313	7172	2261	3,15	DONALD GRABER
2/ 2	3	3	324	6956	2218	3,18	PERQUANA ANHUMAS LTDA.
2/ 2	3	3	308	6643	2342	3,47	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	3	3	363	6807	2364	3,47	GABRIEL E SERGIO SIMAO
2/ 2	3	3	313	6473	2365	3,59	DONALD GRABER
2/ 2	5	3	357	6322	2400	3,59	CARLOS EDUARDO LOHMANN
2/ 2	3	3	338	6187	2449	3,90	EDUARDO DE VASCONCELOS MOU
2/ 2	3	3	350	6177	1963	3,21	MELISSO EMPY, RUARIS LTDA.
2/ 2	3	3	365	5855	1963	3,21	EDUARDO DE VASCONCELOS MOU
2/ 2	3	3	321	5706	1755	3,67	MELISSO EMPY, RUARIS LTDA.
2/ 2	3	3	326	5540	1743	3,14	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	3	3	327	5476	1743	3,14	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	5	3	313	5319	2031	3,82	DIRETOR ACACIO OLIVEIRA
2/ 2	5	3	316	5114	1919	3,81	GABRIEL E SERGIO SIMAO
2/ 2	6	3	332	5047	1678	3,36	ESSE SUP DE AGR. LUZ DE QUEIRO
2/ 2	6	3	332	4947	1678	3,36	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	2	3	367	4768	1711	3,59	DONALD GRABER
2/ 2	2	3	318	4601	187	6,62	EDUARDO DE VASCONCELOS MOU
2/ 2	2	3	318	4581	187	6,62	EDUARDO DE VASCONCELOS MOU
2/ 2	3	3	335	5855	1946	3,37	EDUARDO DE VASCONCELOS MOU
2/ 2	3	3	321	5706	1755	3,67	MELISSO EMPY, RUARIS LTDA.
2/ 2	3	3	326	5540	1743	3,14	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	3	3	327	5476	1743	3,14	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	5	3	313	5319	2031	3,82	SIRICEL ANTONIO OSMANIAN
2/ 2	5	3	316	5114	1919	3,81	GABRIEL E SERGIO SIMAO
2/ 2	6	3	332	5047	1678	3,36	ESSE SUP DE AGR. LUZ DE QUEIRO
2/ 2	6	3	332	4947	1678	3,36	ARILDO DE OLIVEIRA LOBO
2/ 2	2	3	367	4768	1711	3,59	DONALD GRABER

2 1/2 A 3 ANOS

72 PC	2/1	367	8438	309.0 3.28	HOLABRIMA HENRICUS A. WOPRE	
AGADIA 849	CG	2	368	9159	309.0 3.32	COERHAF W. CU MIZO HAHM W
	PG	2	369	7700	309.0 3.32	PEJADIA ANHUMAS LTDA.
	PG	3	0 360	7703	243.8 3.13	PEJADIA A. WOPRE
159	PG	3	0 360	7780	253.4 3.20	HOLABRIMA HENRICUS A. WOPRE
85	PG	2	8 320	7780	275.8 3.81	HOLABRIMA HENRICUS A. WOPRE
111	PG	2	8 310	7780	275.8 3.81	FACENDA S. BASSA S. FRANCISCO
COERHAF 888	PG	2	8 310	7780	275.8 3.81	HOLABRIMA HENRICUS A. WOPRE
VALANT	PG	2/19	300	5018	189.7 3.20	CARLO PENNA CESAR DAS
	PG	2/19	300	5018	189.0 3.22	CARLOS ALBERTO J. LOHMAN

3 A 3 1/2 ANOR

134	1304	PO	3	322	1121,40	269,5	2,36	ALVARO JOSE DA SILVA AGUIAR NEVES
135	1305	PG	1	303	111,40	225,5	2,36	ALVARO JOSE DA SILVA AGUIAR NEVES
136	1306	PO	3	334	100,62	312,2	1,18	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
137	1307	PG	1	334	100,62	312,2	1,18	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
138	1308	PO	3	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
139	1309	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
140	1310	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
141	1311	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
142	1312	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
143	1313	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
144	1314	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
145	1315	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
146	1316	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
147	1317	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
148	1318	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
149	1319	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
150	1320	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
151	1321	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
152	1322	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
153	1323	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
154	1324	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
155	1325	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
156	1326	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
157	1327	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
158	1328	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
159	1329	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
160	1330	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
161	1331	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
162	1332	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
163	1333	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
164	1334	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
165	1335	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
166	1336	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
167	1337	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
168	1338	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
169	1339	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
170	1340	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
171	1341	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
172	1342	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
173	1343	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
174	1344	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO
175	1345	PG	1	330	99,99	288,8	2,68	AFONSO NEGRÃO DE ASSUNÇÃO

ALHADA 833	PO	3	0	303
DEMLA	PO	3	0	303

[illegible]

4 TONY 355	PO	5/10	342
4 ARANTA 754	PO	5/10	342

T24	PO	1/0	345	8121	1561 3 1.8	PECUARIA ANHANGA LTDA.
INTAL 730	PO	3/0	305	8873	2521 2 3.5	DONALDI GRABER
LYON 603	PO	3/10	315	8227	1561 3 1.7	MIGUEL ANTONIO MASTROPETRO
OE QML 326	PO	3/10	315	8227	1561 3 1.7	GUARANI DE SOUZA
YANISIA 2312	GC	3/10	310	8138	2521 3 2.5	MELISSO ENFERMEIRO
	PO	3/10	320	7557	2522 2 3.4	GABRIEL E SERGIO SIMAO
	PO	3/10	318	7543	2522 2 3.4	JOAO FRANCISCO PINHO
	PO	3/0	309	7322	2551 3 3.0	JOSE CARLOS DE SOUZA
	PCOD	3/0	350	7218	2299 3 1.0	CIRIO PERANA CECALIA S.A.
DE GROES	PO	3/0	350	6767	2672 3.0	JOHANNES W. M. VARELA DE GODOY
	PO	3/0	350	6767	2672 3.0	AUGUSTO M. VARELA DE GODOY

P. TE	2320	PO	3/18	31
Q29		MO	3/18	31

[illegible]

PO	4/8/3	3
PO	4/8/3	3

[illegible]

VUMA FARMAS EBIANO 1955	PO	5/10	305	10803	490,7	2,38	GILSON COELHO PEDROSA
VUMAT TERNITE 14.000070 0039	PO	5/10	310	10770	572,6	0,70	VUMAT S.A. INDUSTRIA E COM.

[illegible]

RAÇA: HOLANDESA PRETA E BRANCA Nº. ORDS. : 3X

CLASSE AA - ATE 2 ANOS

P. VELADA SUTER 20	PCO 2 1 345 11763	455.7 5.71	COMPANHIA AGR. MOUR. AMERICA
2032	NO 1/10 312 0996	257.3 3.08	COMPANHIA AGR. MOUR. AMERICA
CLASSE AJ. DE 2 A 2 1/2 ANOS			
2035	PCO 2 1 345 11763	455.7 5.71	COMPANHIA AGR. MOUR. AMERICA

2048	68
2048	68

[illegible]

CLASSE AS - DE 2 H A 3 ANS

[illegible]

C.N. TETA UNICE ALTHOUSE	PO
2004 CLARA ALTHOUSE TE. ONE	PO

[illegible]

GENE CHURCHILL FIRM, INC. 200
R. TOL. WOODWARD 200

[illegible]

LEAHY CONFESSA SENATOR NED ITS PO

[illegible]

QMS DIN GIOVAMPALLO 794

[illegible]

CLASSE AJ - DE 2 A 2 H AJ

UNITE UNDES CHAMPAÑA N. 1	PO	2	526	7350	256.1	0.50	JOHANNES DE SA VAIN DE UNDES
CLASSE BS - DE 3 A 4 ANOS	PO	3	527	7351			
BALEIA C. SAMUELIA-DE SA UNDES	PO	3	547	8100	274.6	0.29	JOHANNES DE SA VAIN DE UNDES
DE. PUNHO DE UNDES	PO	3	548	8101	275.0	0.28	PAZ PALMIRAIS
P.F. PRINCEBIA	PO	3	548	8102	176.4	0.51	PAZ PALMIRAIS BEST. DOCTO
CLASSE BS - DE 3 A 4 ANOS	PO	3	549	8103			
GEOP LAVA 100	PO	3	549	8104	127.5	0.46	PAZ PALMIRAIS BEST. DOCTO
CLASSE C - DE 4 A 5 ANOS							

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE - De maio de 95

idate	DnaPROLETE(Emkgl%)
GS	LACTNA LAST NG DIACOR

ROSA HOLANDESA PRETA E BRANCA

PECUÁRIA ANHUMAS LTDA

Campinas, SP

2 Ordenhas.

LA 30.06.75	2 Ordenhas.					
LA 30 960	GHB	8/ 0	148	5645	33.1	2.69
LA 30 72	QC 2	8/10	90	4188	46.2	2.79
LA 30 328	PO	7/11	113	3694	35.2	2.81
LA 30 128	GHB	8/ 0	15	492	32.8	2.71
LA 30 107	PCOC	7/10	21	951	45.3	2.69
LA 30 30	PCOC	4/10	73	2806	33.2	2.89
LA 30 46	PCOC	4/ 8	110	4214	43.0	2.60
LA 30 92	PCOC	4/ 3	23	906	39.4	2.58
LA 30 29	PCOC	4/ 1	72	3009	40.7	2.70
LA 30 23	GCB	3/ 1	58	2292	43.5	2.90
LA 30 36	PCOC	2/10	54	1659	33.2	2.70
LA 30 367	PO	9/ 8	88	3712	41.6	2.65
LA 30 631	PO	8/ 5	39	1767	45.3	2.41
LA 30 490	PO	8/ 1	120	4761	40.1	2.60
LA 30 786	PO	8/10	31	1026	33.1	2.90
LA 30 586	PO	6/10	78	2850	36.7	2.80
LA 30 539	PO	6/10	51	2099	46.3	2.50
LA 30 609	PO	6/ 3	118	3494	43.4	2.60
LA 30 368	PCOC	6/ 3	58	2087	32.2	3.00
LA 30 578	PO	5/ 8	51	1601	39.5	2.60
LA 30 637	PO	6/ 1	59	2576	50.0	2.60
LA 30 716	PO	6/ 0	40	3340	40.9	2.50
LA 30 361	PO	5/11	118	4454	34.4	2.50
LA 30 510	PO	5/ 5	135	4406	32.5	2.30
LA 30 551	PO	5/ 7	89	3890	47.4	3.00
LA 30 675	PO	5/10	47	1823	39.7	2.60
LA 30 543	PO	4/ 8	98	3164	32.7	2.60
LA 30 341	PO	4/ 5	105	3617	35.8	3.00
LA 30 491	PO	4/ 9	70	2393	36.8	2.70
LA 30 743	PO	4/ 4	129	5710	35.2	2.60
LA 30 710	PO	4/ 7	60	2246	39.7	2.60
LA 30 498	PO	4/ 2	204	9189	36.0	2.60
LA 30 552	PO	4/ 5	104	3604	35.1	2.70
LA 30 758	PO	4/ 1	120	4648	42.5	2.50
LA 30 739	PO	4/ 4	29	1105	38.1	2.60
LA 30 574	PO	4/ 9	21	798	37.9	2.60
LA 30 451	PO	4/ 9	39	1260	32.0	2.60
LA 30 584	PO	4/11	57	2091	36.4	3.00
LA 30 747	PO	4/ 5	47	2045	47.0	2.60
LA 30 667	PO	4/ 4	184	6605	34.3	2.60
LA 30 613	PO	4/ 1	37	1595	43.1	2.60
LA 30 515	PO	3/11	54	2153	44.3	2.60
LA 30 811	PO	4/ 2	27	980	36.3	2.60
LA 30 820	PO	4/ 1	40	1507	43.5	2.60
LA 30 825	PO	4/ 0	26	931	35.8	2.60
LA 30 607	PO	3/ 4	26	961	33.1	3.00
LA 30 804	PO	4/ 2	25	995	36.8	2.60
LA 30 824	PO	3/10	101	3554	38.2	2.60
LA 30 841	PO	3/10	23	794	34.5	2.60
LA 30 870	PO	3/ 7	47	1886	43.5	2.60
LA 30 858	PO	3/ 6	120	3747	37.5	2.60
LA 30 896	PO	3/ 3	116	3676	34.2	2.60
LA 30 876	PO	3/ 4	111	3817	35.0	2.60
LA 30 677	PO	3/ 3	166	6053	33.4	2.60
LA 30 495	PO	3/ 3	85	3348	36.7	2.60
LA 30 392	PO	3/ 4	75	3294	44.0	2.60
LA 30 393	PO	3/ 5	48	1886	42.3	3.00
LA 30 499	PO	2/ 0	290	9257	33.8	2.60
LA 30 889	PO	3/ 3	32	1043	32.6	2.60
LA 30 8	PO	3/ 1	67	2369	33.3	2.60
LA 30 442	PO	2/11	140	5250	32.8	2.60
LA 30 423	PO	2/ 0	217	8368	32.3	2.60
LA 30 345	PO	3/ 0	73	2691	36.0	3.00
LA 30 477	PO	3/ 0	61	2821	32.5	2.60
LA 30 727	PO	3/ 0	13	463	35.6	2.60
LA 30 782	PO	2/11	71	2839	36.9	2.60
LA 30 850	PO	4/ 0	17	622	36.8	2.60

JOÃO FIGUEIREDO FROTA

Vargina - MG

2 Ordenbas

2 Ordenhas	
ARMANDO RUFFIAN SS	GHB 8/10 18 508 31.6 3.10
ALACATA ACHILLES	GHB 8/ 3 119 3517 26.0 2.50
ARMATO SKYLER	GHB 7/ 5 80 1886 20.4 4.08
ARMONICA CHIEF STEWART	PO 7/ 2 73 1606 21.0 2.71
ARMATA FASIT	PO 7/11 74 2204 27.4 3.10
ARMEE ASTRONAUT	PO 7/ 6 57 1323 26.0 2.52
ARMEMORA BOOTMAKER	PO 7/ 6 72 1957 29.4 2.78
ARMCA CANALER TE	PO 7/ 3 14 454 34.6 2.69
ARMITH JOE	PO 6/ 3 31 924 28.8 3.78
ARMAGUA TRADITION	PO 5/ 7 70 1712 24.2 3.80
ARMCA TONY	PO 5/ 0 234 6375 21.8 2.98
ARMATA FASIT	PO 5/ 0 82 1020 21.0 3.30

Nome da vaga	Idade	Dist	PROLEITE-POL
	AM		LACTNA LACTIVO DIADOR

SS JOGADA MANDINGO	PO	5/ 7	12	271	22.6	2.79
SS JORDANIA ROCKY	PO	5/ 2	60	1564	23.2	3.10
SS LADAINHA BELL ANDY	PO	3/ 8	277	7170	20.2	3.02
SS LEILA FABST	PO	5/ 1	17	527	31.0	2.82
SS LETICIA MARS	PO	5/ 0	50	1508	32.0	2.80
SS LIGIA IMPIEDOSO	PO	4/ 8	133	3401	22.4	2.90
SS LIMA BERLIN	PO	5/ 1	73	2534	32.4	2.81
SS LUMA DUSTER	PO	4/ 5	92	3104	27.0	2.80
SS MAGIA MARS	PO	4/ 1	45	1290	28.6	3.00
SS MALDITA JUSTICEIRO	PO	3/10	27	713	26.4	3.00
SS MEDICINA JUSTICEIRO	PO	3/10	26	6105	26.0	2.82
SS MARISSA FABST	PO	2/11	106	2681	20.4	2.80
SS NAZARÉ BERLIN	PO	2/ 9	145	3333	23.4	2.21
SS NICE BERLIN	PO	2/ 8	132	2680	21.4	2.80

MELISIO EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA

Bragança Paulista, SP

Controle em: 02/05/95

2 Ordenbas

MELISIO NICEIA HIA GAMBLER 792	PO	8/ 2	169	354	282	2.19
MELISIO PALENA HELADE MATTADOR 817	PO	6/11	55	1713	31.8	2.28
MELISIO PASTIEIA M. ANTHONY 821	PO	6/ 8	22	585	28.8	2.28
MELISIO PAINEIA MORTUMBRIA ROCK 835	PO	5/ 5	258	7172	18.8	3.01
MELISIO RAFAPIA NAUPLIA WAYNE 845	PO	5/ 1	62	2186	23.2	3.01
MELISIO REMA LAQUA LUMBERGRAB 301	PO	5/ 3	66	3159	36.2	3.01
MELISIO SALOME JAKARTA LEADER 311	PO	5/ 1	27	1031	26.2	3.08
MELISIO SUCFIA PIRATA VAGABOND 332	PO	4/ 5	27	772	26.8	3.08
MELISIO TATIANA DOLARA LEADER 870	PO	3/ 8	106	4411	26.6	3.01
MELISIO TEMPERATURA ORLI RYAN 886	PO	4/ 1	67	2331	31.4	2.80
MELISIO THORA LINA CASPER 346	PO	3/ 6	41	1293	33.4	2.81
MELISIO USABAMA MELISA SOLDADO 365	PO	2/ 7	82	1133	30.4	3.11
MELISIO ULTRAFRASSADA REMA POT 385	PO	2/ 5	64	2023	22.8	3.11
MELISIO UMIUAMARA JUVENIL RUSSE 873	PO	2/ 5	162	6003	19.4	4.02
MELISIO UNICA RAUMUDA EDIOF 878	PO	2/10	44	838	23.8	3.88
MELISIO VITORINA TESEU 693	PO	2/ 3	18	362	21.8	3.88
NO TIWAGA LOIRA TOPAZ DO MELISIO 226	OC 2	6/ 3	312	9295	19.4	3.41
PACIFICA MARANO. E. DO MELISIO 278	PO	6/ 5	158	4817	35.4	3.41
PAKELA JABUTICABA M. MELISIO 267	OCB	6/11	23	400	23.8	3.00
PIORRA NOVELA BREEZE OU MELISIO 283	OC 4	5/ 0	148	3861	33.8	3.01
PRUDENCIA FLAUTA V. DO MELISIO 273	OCB	6/ 8	148	3067	26.2	2.89
RAIZ GLORIA GOSTRIS DO MELISIO 295	OC 5	5/ 5	103	2371	28.6	3.00
ROBERTA OLIVIA BOD. DO MELISIO 286	OC 4	10/11	15	468	31.2	3.70
SADIA NUVEM GOLD MELISIO 327	OC 3	4/ 2	137	2803	30.2	3.22
SALETE CRIOLA J. DO MELISIO 307	OC 2	4/ 8	186	4686	30.2	3.52
SANDRA MADONA JASON DO MELISIO 312OC 3	OC 1	5/ 1	14	375	28.8	3.88
SANTA CLINDA PERGANO DO MELISIO 322	OC 5	4/ 8	85	2099	29.4	3.10
SELMA PANDA ECHO DO MELISIO 319	PO	4/ 5	10	288	26.6	3.10
SILVIA PIROLITA DO MELISIO 334	PO	4/ 4	83	1892	32.8	3.41
TIETI RUTH DESIGNER DO MELISIO 350	OC 4	3/ 5	53	1962	22.4	3.88
TINA PAMELA O. BELL DO MELISIO 342	OC 4	3/ 3	162	1653	28.8	3.79
UCA SADIA FANCY APLZ DO MELISIO 368	OC 4	2/ 4	21	483	23.2	3.65
UNIÃO NEVADA E PAUL Z. MELISIO	OC 2	2/ 3	31	840	29.8	2.80

ESCOLA SUP. DE AGR. LUIZ DE QUEIROZ

Piracicaba, SP

Control n=103.05/98

1. Order as

ESALQ EILENY HAROLD	PO	8/ 5	383	4424	13.7	3.81
ESALQ GLENDA SINNIGIPPY	PO	5/11	10	280	29.0	3.81
ESALQ HEIDRA FORD	PO	4/11	8	11	18.5	4.30
ESALQ INGRID GLOD NUGGET 888	PO	3/15	101	2238	24.5	3.48
ESALQ JOCASTA MUGILLUS	PO	2/ 5	25	565	23.9	2.88

LUIZ SHETMAN

Sorocaba, SP

Contents are: 19.05.95.

2. Ordnung:

A. F. FORTALEZA GARANTIA TE 20	PO	3/ 4	186	4487	28.7	2.17
C. P. I. SANDERIA DEL CASPER 376	PO	3/ 8	14	315	32.5	2.02
MALVA OMEGA SIMON JURECE 304	PO	5/11	130	2400	21.5	8.22
MALVA OMEGA SIMON INGENIERIA 312	PO	5/ 0	256	9500	21.5	8.21
MALVA PEACOCK COUNT 334	PO	4/ 5	77	2135	22.5	2.91
MALVA PENNY VALZ 328	PO	4/ 7	35	1457	24.6	2.78

CARLOS ALBERTO J. LOHMANN

FAZENDA SANTA FRANCISCA DO CAMANDUCAIA

CEP 13828 - JAGUARILINA - SP - CAIXA POSTAL 59

TEL: (0192) 671335 FAX: (0113) 2420115

Controls em: 1.95-20

1 October

FRANCIS LA BAMBINO LOT 504	PO	7/9	119	2429	25.8
FRANCIS NEIRAHGA MAUTY LOT 827	PO	4/3	242	6073	25.9
FRANCIS NOTA HARMONIA LOT 811	PO	5/7	119	2686	27.0
FRANCIS OQUESTITA B. SYMBOL LOT 844	PO	4/53	29	997	27.0
FRANCIS QUAREMMA MAGIA TONY 742	PO	3/9	119	953	27.4
FRANCIS QUESTUDE OLINDA FRONS 763	PO	2/9	31	662	28.0
PAROLA COLLEMBOLA DE FRANCIS 698	OC2	3/9	120	3115	28.0
PHETORIA COLLEPSE DE FRANCIS 685	OC2	3/10	118	3495	28.0

Nome da vaca	idade GS A/M	Desl-PROD-LEITE (Kg)/% LACTNA LACTNO DIAGOR
ADAUTO CÉSAR DE CASTRO Aparecida, SP.		
Controle em: 31/05/95 2 Ordenhas		
CADENCIA	PO 8/ 7	43 258 6.0 3.63
CARICIA DE SANTA FE	PO 7/ 3	35 333 9.5 3.58
ISERTIOGA	PO 10/9	18 176 9.8 3.78

EDUARDO F. DE CARVALHO EST. SILVARIA JACAREI, SP		
Controle em: 30/05/95 2 Ordenhas		
CURGI DOS POÇÕES	PO 3/ 7	257 3493 6.7 3.79
EPALC IMBA OMEGA	PO 5/ 6	147 2797 14.4 4.17
EPALC JACA CADARCO	PO 4/11	52 852 10.0 3.69
EPALC JANGADA ZONADO	PO 4/ 8	115 1778 9.9 3.91
ENSEADA	PO 8/ 3	89 1303 11.7 3.59
EVIDENCIA	PO 8/10	226 3404 14.9 4.03
GARANTIA	PO 7/11	144 1733 8.1 3.63
HELICE	PO 6/ 2	84 1921 21.5 4.19
ROCAR JAWA ZONADO	PO 4/ 6	104 1647 10.4 3.85
ROCAR JOJOBA SONADO	PO 4/ 8	102 1310 11.0 4.00

PEDRO NELSON LEMOS DE OLIVEIRA Taubaté, SP.		
Controle em: 12/05/95 2 Ordenhas		
INHAUMA EVA	PO 10/3	119 1055 7.0 4.00
PL ASA BRANCA	PCOD 10/1	238 1903 4.0 4.00
PL DOÇURA DAMÃO	PCOD 8/ 5	364 3462 6.9 4.06
PL FANTASIA VALE OURO	PO 5/ 7	85 992 11.8 3.90
PL FAZENDA VALE OURO	PO 5/ 3	160 1615 8.7 3.79
PL GAIVOTA TATUI	PO 3/ 7	249 1779 6.6 4.24
PL GAMELA TATUI	PO 4/ 2	306 2680 4.6 6.09

RENATO GUIMARÃES CUPERTINO Pirai, RJ.		
Controle em: 08/05/95 2 Ordenhas		
CORCA DE BRASÍLIA	PO 10/8	182 2592 14.0 5.29
DEDICADA DE BRASÍLIA	PO 9/10	215 3414 10.1 5.45
GAITA TE DE BRASÍLIA	PCOD 6/11	89 1444 15.8 5.19
GRAVURA TE DE BRASÍLIA	PO 6/10	147 2117 11.5 5.57
MARAVILHA MANGUEIRA EDUCADO	PO 15/4	127 1830 13.3 5.26
MARAVILHA PITANGA MAESTRO	PO 12/2	217 4207 11.2 5.63
MARAVILHA TRIGUEIRA OASIS	PO 8/11	100 1899 15.4 5.19

LUIS ANTONIO AMARAL JORGE Santa Inês, MA.		
Controle em: 19/05/95 2 Ordenhas		
C.A. AMÉRICA ST	NR 3/ 6	51 683 14.0 4.71

Nome da vaca	idade GS A/M	Desl-PROD-LEITE (Kg)/% LACTNA LACTNO DIAGOR
C.A. ARGENTINA		
C.A. HACANFIA	PCOD 3/10	115 1881 12.9 4.07
C.A. LADAINHA	PO 8/ 6	280 4871 15.8 4.89
C.A. LIBIA	PCOD 5/ 7	173 2349 12.7 4.89
C.A. MAJESTOSA	PO 5/ 7	46 874 15.7 4.89
C.A. MALHA	PCOD 4/ 1	136 2425 17.3 4.89
C.A. MARAVILHA	PO 4/ 3	197 2599 10.8 4.89
C.A. MELANCIA	PCOD 4/ 6	136 1780 11.8 4.89
C.A. MELITA	PCOD 4/ 2	115 1893 14.2 4.89
C.A. MOCUNA	PO 4/ 4	123 1821 15.0 4.89
	PO 4/ 1	213 2458 15.8 4.89

Raça: GIR x HOL. (Girolando)

FAZENDA BRASÍLIA AGROPECUÁRIA LTDA S. Pedro dos Ferros, MG.		
Controle em: 19/05/95 3 Ordenhas		
DELICADA DE BRASÍLIA	M1 3/ 1	174 4485 21.7 4.89

DIRCEU ANTONIO OSMARINI Itaguaí, RJ.		
Controle em: 18/05/95 2 Ordenhas		
ESTRELA DIAMANTINA 111	PCOD 10/1	23 577 25.5 4.89

Raça: GUZERA

ESTÂNCIA KANKREJ AGROPECUÁRIA LTDA S. Pedro dos Ferros, MG.		
Controle em: 26/05/95 2 Ordenhas		
BRISA JP	PO 11/8	57 785 10.2 4.89
PRIMAZIA CL	PO 8/ 0	194 3827 13.6 4.89
QUIZUMBA DA SÃO LUIS	PO 4/ 2	114 1644 14.2 4.89
VALENCIA JP	PO 14/8	181 2123 15.8 4.89
3 Ordenhas		
HORTENCIA JP	PO 5/10	45 738 18.4 4.89

Raça: MESTIÇA

AGRO-INDÚSTRIA AGULHAS NEGRAS Barra Mansa, RJ.		
Controle em: 15/05/95 Ordenhas		
DINA MHP	PCOD 5/10	20 814 40.7 4.89
DIVINA MHP 481	PCOD 2/11	91 3127 48.8 4.89
GORIETA NHP 907	PCOD 6/ 5	276 19104 29.2 4.89
JANAINA MHP	PCOD 2/ 8	88 2173 38.4 4.89
SABRINA MHP	PCOD 2/ 8	88 2181 34.8 4.89

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE - De junho de 95

Nome da vaca	idade GS A/M	Desl-PROD-LEITE (Kg)/% LACTNA LACTNO DIAGOR
--------------	-----------------	--

Raça: HOLANDESA PRETA E BRANCA

PECUÁRIA ANHUMAS LTDA Campinas, SP.		
Controle em: 28/06/95 2 Ordenhas		
JERIUBA SQ 560	GHB 8/ 0	177 6654 36.5 2.41
JIDICIOSA SQ 72	GC 2 8/10	119 6488 40.0 2.70
JARANJEIRA SQ 129	GHB 8/ 0	44 1540 39.5 2.51
LOCOMOTIVA SQ 107	PCOD 7/10	50 2236 43.3 2.61
NIGERIANA DE SQ 50	PCOD 4/10	59 1739 32.8 2.71
OCCIDENTAL DE SQ 50	PCOD 4/10	102 3875 40.5 2.59
OLEOSA SQ 48	PCOD 4/ 8	139 5438 41.4 2.80
PRADARIA DE SQ 62	PCOD 4/ 3	52 2114 43.9 2.39
PAPELADA DE SQ 28	PCOD 4/ 1	101 4133 36.8 2.91
RACIALISTA SQ 23	GCB 3/ 1	87 3564 44.2 2.60
REPRESENTANTE SQ 38	PCOD 2/10	63 2690 35.8 2.71
SQ INDIETA ACHILLES ALEUIA 357	PO 9/ 8	127 4889 39.6 2.70
SQ INFLAÇÃO FROST FELIZ 389	PO 9/10	84 1716 32.6 3.01
SQ JABAGUARA LANIE HARÁ 631	PO 8/ 5	68 3138 49.1 2.30
SQ JABA TRUXTON DOOMA 490	PO 8/ 1	148 5868 37.6 2.71
SQ LACINHA FROST GARDENIA 340	PO 7/10	122 4161 32.7 2.99
SQ MACAIA OSCAR DOEMA 605	PO 7/ 0	52 1865 36.7 2.89
SQ MATRACA SUCESSOR GITADA 586	PO 6/10	107 3691 35.1 2.91
SQ MILCOA SUCESSOR GARCIA 539	PO 6/10	80 3378 42.6 2.20
SQ MUTREIRA POTTS NABITA 609	PO 6/ 3	147 4684 39.7 3.20
SQ NAR BASIC LARGADA 578	PO 5/ 8	80 2918 37.6 2.71
SQ NARA MACCOY GABOUCHE 561	PO 5/11	17 658 36.8 2.69
SQ NARIZINHO 637	PO 8/ 1	86 3982 44.9 2.48
SQ NATA MIL NOR GALHETA 716	PO 8/ 0	113 4508 39.7 2.80
SQ NOITE MACCOY GAIVOTA 747	PO 8/ 1	22 1014 46.1 2.41
SQ MOMOCA BEAU INEJIA 551	PO 5/ 7	118 6191 42.3 3.00
SQ NOVENA MACCOY IGREJOLA 675	PO 5/10	76 3013 42.4 2.58
SQ OBSCURA SUCESSOR HORDA 315	PO 4/ 7	224 8390 37.4 2.99

Nome da vaca	idade GS A/M	Desl-PROD-LEITE (Kg)/% LACTNA LACTNO DIAGOR
--------------	-----------------	--

SQ OBSERVADA KASPER LEGEND 474	PO 4/ 8	149 4820 53.1 4.89
SQ OBSESSÃO KASPER MAGOA 543	PO 4/ 8	127 4146 59.9 4.89
SQ OCTANA NATHAN LIGEIRA 341	PO 4/ 5	134 4867 36.8 4.89
SQ OCUPADA SUCESSOR JUAZEIRA 491	PO 4/ 8	99 2622 36.3 4.89
SQ OCUFANTE JURIST MAROLA 671	PO 4/10	11 341 38.9 4.89
SQ OFERTANTE 710	PO 4/ 7	89 2405 45.2 4.89
SQ OUGARCA JIFFY JUVIRA 758	PO 4/ 1	149 5523 34.8 4.89
SQ ONTOLOGIA MARCEL LEMBRANÇA 739	PO 4/ 4	56 2318 49.8 4.89
SQ OPERADORA 574	PO 4/ 8	50 1856 41.7 4.89
SQ OPEROSA VALIO INGAZEIRA 451	PO 4/ 9	68 2258 34.8 4.89
SQ ORBITA SUGAR GAITEIRA 584	PO 4/11	68 3126 34.8 4.89
SQ ORGANISTA DAZZLER GAVEIA TE	PO 4/ 5	76 323 41.8 4.89
SQ ÔTICA KASPER LADEIRA 467	PO 4/ 4	34 1279 37.8 4.89
SQ OUTORGA LORD LADEIRA 867	PO 4/ 4	193 7699 39.9 4.89
SQ PALMA NEW TRAD JUPIA 813	PO 4/ 1	66 2774 34.2 4.89
SQ PALPITAÇÃO 515	PO 3/11	63 3281 40.4 4.89
SQ PANTERA VALIO CAXANGA TE 611	PO 4/ 2	56 2083 40.4 4.89
SQ PARTIDA NATHAN MAGALI 620	PO 4/ 1	69 2796 45.4 4.89
SQ PARTILHA NEW TRAD HIDROGÊNIA 825	PO 4/ 0	55 2008 39.8 4.89
SQ PASSADEIRA JIFY NOVA 607	PO 3/ 4	55 1854 36.4 4.89
SQ PASTORA VALIO CAXANGA TE 804	PO 4/ 2	54 2088 39.8 4.89
SQ PEDIATRA KASPER NOBREZA 661	PO 3/ 8	49 1828 36.1 4.89
SQ PEDIDA NATHAN LAMIRIA 824	PO 3/10	130 4670 39.1 4.89
SQ PELOTA ADLER GARDENIA 897	PO 3/ 6	66 1899 34.1 4.89
SQ PEPTA NEW TRAD EFICIE TE 308	PO 4/ 4	13 454 34.8 4.89
SQ PERUANA JIFFY NOTORIA 841	PO 3/10	52 1895 41.4 4.89
SQ PISCARIA KASPER JABAGUARA 842	PO 3/10	44 1547 36.3 4.89
SQ PIPA CH VALANT NATURALIZADA 870	PO 3/ 7	76 3134 40.4 4.89
SQ PIPOCA NEW TRAD NOMFADORA 858	PO 3/ 8	148 4776 35.4 4.89
SQ POLVORA ADLER JULIA 886	PO 3/ 3	145 4946 32.7 4.89
SQ PORCINA ADLER INDUÇÃO 876	PO 3/ 4	140 4892 35.8 4.89
SQ PREFEITA DECAL MARCIA 667	PO 3/ 7	81 1852 39.8 4.89
SQ PRINCIPAL CH VALANT NORDICA 677	PO 3/ 3	195 7219 39.8 4.89
SQ PROFECIA ADLER JAMAIS 495	PO 3/ 3	124 4377 34.2 4.89
SQ PROFESSORA GAMBLER JOANETA 392	PO 3/ 4	104 4487 38.3 4.89

Neguvon[®]

Líder em todos os campos

Eficiente:

é o melhor no tratamento contra bernes, vermes, habronemose, sarnas, gasterofilose, oestrose e no combate à piolhos e moscas.

Versátil:

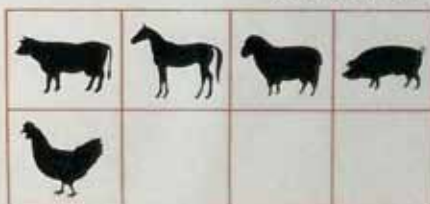
pode ser utilizado através da pulverização, por via oral, tamento, método pour-on ou ainda através de iscas.

Neguvon[®]



Bernicida, Oestricida, Inseticida

Peso líquido: 150 g
Uso Veterinário



para bovinos, eqüinos, ovinos, suínos e aves

Prático:

Com Neguvon você trata dos bovinos, eqüinos, ovinos, suínos, caprinos e aves.

Econômico:

Neguvon tem o menor custo pela multiplicidade de uso.

Apresentação:

150 e 500 g

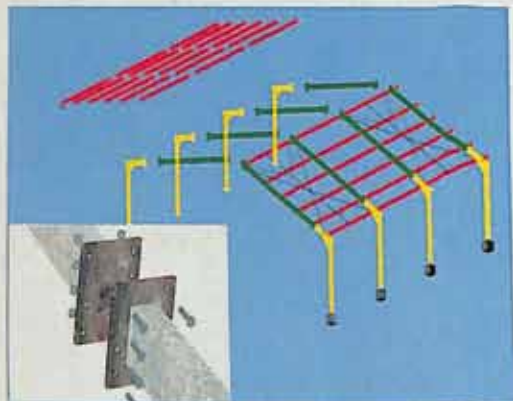


Bayer

Se é Bayer, é bom.

Galpão Modular Gravia

-a solução prática, rápida e de baixo custo para armazéns e galpões.



-Peças metálicas em aço especial de alta resistência a corrosão

fabricados com chapas dobradas e perfis estruturais com a qualidade Gravia - calculado de acordo com as normas AISI - 86, elimina a necessidade de pintura e controle da corrosão na utilização do aço NTU - SAC 41.



-Possibilidade de controle de iluminação e ventilação

garantidos por elementos de fechamento lateral, frontal e cobertura.

Gravia
Produtos metalúrgicos

- Padronizado -

medidas otimizadas visando a relação vãos livres/economia em 10 metros e 15 metros, módulos espaçados a cada 5 metros, pé direito lateral de 4 metros e central de 6 metros.

- Facilidades de manuseio e rapidez de montagem

peças com tamanho ideal para transporte (Caminhão toco) e armazenagem, ligações parafuzadas não necessitando mão-de-obra especializada na montagem.



-Grande Versatilidade de Utilização

Ideal para construção civil, indústria e agropecuária. Design desenvolvido para aproveitamento total da área de armazenagem interna.

- Facilidade e rapidez de ampliação

O Galpão Modular Gravia permite quantos acréscimos de módulos você necessitar. Montagem e Desmontagem em qualquer espaço físico.



BANCO DO BRASIL

SIA - Trecho 02, lote 121 Tel: (061) 234-2244
Taguatinga - QI 06 Lote 13/15 Tel: (061) 354-9090
Gama - QI 01 - Lote 360/380 Tel: (061) 556-0039
Ceilândia - CNIM 02, Bloco D - Lote 3/4 Tel: (061) 371-4242

O Galpão Modular Gravia é financiado pelo Banco do Brasil nas linhas de crédito de F.C.O. e/ou BNDES - Investimentos. Consulte o Banco do Brasil.